

**Organizadores**

Elcio Loureiro Cornelsen

Marcus Vinicius Costa Lage

## **Futebol, Linguagem e Cultura**



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2022

**Diretora da Faculdade de Letras**

Sueli Maria Coelho

**Vice-Diretor**

Georg Otte

**Coordenadora**

Emília Mendes

**Comissão editorial**

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

**Preparação de originais**

Lobélia Rodrigues

**Diagramação**

Ana Cláudia Dias Rufino

Lorrany Cristina da Silva

**Revisão de provas**

Isabella de Oliveira Andrade Guedes

Vitória Roscoe Ramires

**ISBN**

978-65-87237-52-7 (digital)

978-65-87237-51-0 (impresso)

**Endereço para correspondência**

LABED – Laboratório de Edição –

FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

*e-mail*: vivavozufmg@gmail.com

*site*: labed-letras-ufmg.com.br

# Sumário

- 5 Apresentação: Futebol, linguagem e cultura – perspectivas de uma relação**  
Elcio Loureiro Cornelsen e Marcus Vinicius Costa Lage
- 9 O futebol e a linguagem da crônica: uma análise sobre Tostão**  
Beatriz Kalil Othero Fernandes
- 17 O Maracanã e o lirismo de Armando Nogueira**  
Elcio Loureiro Cornelsen
- 33 Futebol como alegoria: os clássicos no jogo e no amor**  
Erika Marina Nascimento Valentim
- 41 A linguagem da crônica esportiva de Nelson Rodrigues: “O Eichmann do apito” e “Bicampeões do mundo”**  
Fernanda Malbar Musiello Barcellos
- 49 Combinado Paulista é Brasil! A imprensa patriótica na cobertura da partida de futebol entre paulistas e All-Whites em 1906**  
Francisco Brinati

- 59 A metáfora bélica no futebol: da criação dos hinos aos sites esportivos**  
Julia Helena Avelino Batista
- 65 Hinos de futebol no Vale do Paraíba: Uma análise literária do clássico regional**  
Lucas Vinicius de Souza
- 75 Campeonato Brasileiro Feminino A-1: 71 mulheres construindo a trajetória do futebol no Brasil**  
Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa
- 87 Apontamentos sobre os arquivos digitais de futebol: a RSSSF Brasil**  
Marcus Vinícius Costa Lage
- 91 Heleno de Freitas, o trágico gênio indomável**  
Thiago Carlos Costa
- 99 Tomás Mazzoni e o pensamento autoritário no esporte**  
Vinicius Garzon Tonet
- 105 A busca por um herói e como o jornalismo esportivo cria seus monstros**  
Wallace Graciano
- 111 Sobre os autores**

## **Apresentação**

# **Futebol, linguagem e cultura – perspectivas de uma relação**

No ano de 2011, Leda Maria da Costa<sup>1</sup> publicou um artigo defendendo a tese de que teria sido “justamente em Letras que, na década de 1960, realizaram-se estudos pioneiros sobre esporte” no país. Os precursores deste movimento, segundo ela, teriam sido Luiz César Feijó e Maria Fernandez, que, entre 1965 e 1974, problematizaram, respectivamente, quais os diferentes tipos de linguagem presentes no futebol, ou como o futebol poderia ser lido como um “fenômeno linguístico” no Brasil<sup>2</sup>. Poucos anos mais tarde, nos conta ainda Leda Maria da Costa<sup>3</sup>, seria a vez dos estudos da literatura entrarem em cena, com a pioneira Tese de Doutorado de Ivan Cavalcanti Proença, publicada em formato de livro no ano de 1981 sob o título de *Futebol e palavra*<sup>4</sup>. Partindo da premissa de que “os livros sobre futebol” no país eram escassos – algo, aliás, também já assinalado pelo jornalista Milton Pedrosa<sup>5</sup> na introdução de sua antologia literária do futebol brasileiro publicada em 1967 –, e que, nesse sentido, suas fontes de pesquisa, como doutorando em Letras, também eram limitadas, Ivan Cavalcanti Proença “elevou” as crônicas, as reportagens e os “comentários em páginas esportivas dos jornais”, as conversas entre jogadores, treinadores e torcedores, à condição de textos literários populares.

<sup>1</sup> COSTA. Letras e esporte, p. 91.

<sup>2</sup> COSTA. Letras e esporte, p. 95.

<sup>3</sup> COSTA. Letras e esporte, 2011.

<sup>4</sup> PROENÇA. *Futebol e palavra*, 1981.

<sup>5</sup> PEDROSA. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*, 1967.

Nesse mesmo contexto descrito por Leda Maria da Costa, Roberto DaMatta coordenava, no então Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – hoje, em Antropologia Social – do Museu Nacional da UFRJ, um grupo de pesquisadores igualmente interessado pela temática do futebol. Influenciado pelos referenciais teórico-metodológicos da Escola de Chicago, DaMatta<sup>6</sup> dizia aos seus pupilos, dentre os quais Arno Vogel, Luiz Felipe Baêta Neves Flores e Simoni Lahud Guedes, que futebol e vida social caminham lado a lado. Mais do que isso, para ele, o jogo mais popular do país seria responsável por dramatizar, ou mimetizar, a nossa sociedade. Como se, por meio do futebol, contássemos nossa própria história, definíssemos nossas regras, valores, identidades, ideologias, para nós mesmos.

Desde esses esforços inaugurais, muito já se refletiu, debateu e escreveu sobre futebol no âmbito das Ciências Humanas brasileiras<sup>7</sup>. E se hoje há quem defenda a existência de um campo autônomo e relativamente consolidado de “estudos do esporte” – senão do futebol – no país<sup>8</sup>, sem sombra de dúvidas isso acontece porque aqueles pioneiros tinham razão: o futebol é mesmo um dos mais potentes fenômenos da cultura brasileira. Seu universo extrapola o espaço-tempo de jogo, se fazendo presente no cotidiano, até mesmo daqueles que dizem não apreciá-lo. Escrevemos, cantamos, encenamos e conversamos sobre futebol para falarmos da nação, dos heróis, dos gêneros, das etnias, das classes e hierarquias sociais. Por meio desse jogo expressamos quem somos, definimos comportamentos, revelamos quais são nossas visões de mundo. Afinal, como bem definiu Hilário Franco Júnior<sup>9</sup>, o futebol é capaz de metaforizar o mundo contemporâneo, em suas mais diversas dimensões.

Este livro, organizado a partir de trabalhos elaborados por discentes para a disciplina “Futebol e Linguagem”, ofertada no primeiro semestre de 2021 na Faculdade de Letras (FALE) da UFMG, pelo Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen, e de textos de pesquisadores integrantes do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, o FULIA, também da FALE/UFMG, é prova

<sup>6</sup> Cf.: DAMATTA. *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*, 2011.

<sup>7</sup> Dos vários balanços de estudos das Ciências Humanas sobre o futebol, indicamos os seguintes: GIGLIO; SPAGGIARI. *A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)*, 2010. GASPAR; BARBOSA. *O futebol brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia*, 2013.

<sup>8</sup> MELO, *et al.* *Pesquisa histórica e história do esporte*, 2013.

<sup>9</sup> FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, 2007.

disso. Nele estão contidos 12 artigos sobre o futebol em sua interface com a literatura, a música, a imprensa, a rede mundial de computadores, o cinema e a política. Eles são contribuições valiosas, que nos ajudam a pensar como o futebol expressa a pluralidade da nossa cultura nacional, manifestada em diferentes linguagens, como: as crônicas de Tostão, Armando Nogueira, Nelson Rodrigues, Eduardo Galeano e Gabriel Garcia Marquez, que, por seu caráter “híbrido”, misturam literatura e jornalismo para narrar tragédias e epopeias do nosso país e de nosso povo; os sambas de Arlindo Cruz e Vander Lee, que cantam o amor por meio das rivalidades clubísticas; o encontro entre futebol, música e literatura, expressa nos hinos de clubes, que ajudam a forjar identidades sociais; a cobertura jornalística de jogos e personalidades, capaz de formatar práticas torcedoras e heróis polêmicos; a militância político-esportiva de Thomas Mazzoni, espelho de um pensamento autoritário nacional que teima em não esvaír; e as redes sociais, reveladoras de sociabilidades futebolísticas plurais, como a do futebol praticado por mulheres e da produção de arquivos históricos digitais.

Enfim, as contribuições que integram este livro atestam, mais uma vez, a pertinência de pensarmos o futebol a partir do conceito de “fato social total”, cunhado pelo sociólogo francês Marcel Mauss (1872-1950) nos anos 1920, que nos permite “pensar sobre o futebol na sociedade brasileira, tanto por seu significado cultural e esportivo, quanto por sua abrangência e por seu significado”<sup>10</sup>. E indo na mesma direção, ao parafrasear o antropólogo norte-americano Clifford Gertz, Jocimar Daolio afirma que “o futebol é, ao mesmo tempo, um modelo ‘da’ sociedade e um modelo ‘para’ uma determinada sociedade apresentar-se”<sup>11</sup>. Seu estado arraigado na tão ricamente diversa cultura brasileira, como bem aponta Roberto DaMatta, permite que se entenda o futebol como “um veículo para dramatizações de problemas importantes”<sup>12</sup>. O potencial dessa autêntica “máquina de socialização de pessoas”<sup>13</sup> é o que permite ao antropólogo, mais uma vez, a partir de Marcel Mauss, afirmar que a cultura é “a ‘maneira de viver total’ de um grupo, sociedade, país ou

<sup>10</sup> CORNELSEN; BRINATI; GUIMARÃES. Olhares para um fato social total, p. 5.

<sup>11</sup> DAOLIO. Apresentação, p. 1.

<sup>12</sup> DAMATTA. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social, p. 103.

<sup>13</sup> DAMATTA. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social, p. 117.

pessoa”<sup>14</sup>. Nos breves estudos que compõem este livro, o fenômeno do futebol é visto, justamente, a partir dessa percepção, que possibilita contemplá-lo enquanto manifestação cultural e linguageira.

Dito isso, só nos resta lembrar, à título de convite à leitura, a célebre frase de Nelson Rodrigues, um dos grandes cronistas esportivos e intérpretes do Brasil: “Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”<sup>15</sup>.

Boa leitura!

Belo Horizonte, 20 de agosto de 2021

*Elcio Loureiro Cornelsen e Marcus Vinicius Costa Lage*

## Referências

COSTA, Leda Maria da. Letras e esporte. *E-escrita, Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v. 2, n. 5, maio/ago. 2011.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; BRINATI, Francisco Ângelo; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Olhares para um fato social total. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; BRINATI, Francisco Ângelo; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira (org.). *Futebol – fato social total*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2020.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto; *et al. Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothek, p. 19-42.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? In: DAMATTA, Roberto. *Explorações: estudos de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social. In: DAMATTA, Roberto. *Explorações: estudos de sociologia interpretativa*, 2011.

DAOLIO, Jocimar. Apresentação. In: DAOLIO, Jocimar (org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia. *O futebol brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*, São Paulo, n. 163, jul./dez. 2010.

MELO, Victor Andrade de; *et al. Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. (Coleção Visão de Jogo)

PEDROSA, Milton. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967, p. 13-34.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1981

RODRIGUES, Nelson. O divino delinquente. In: CASTRO, Ruy; RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 114-116.

<sup>14</sup> DAMATTA. Você tem cultura?, p. 122.

<sup>15</sup> RODRIGUES, O divino delinquente, p. 116.



# O futebol e a linguagem da crônica: uma análise sobre Tostão

Beatriz Kalil Othero Fernandes

## Introdução

Esta contribuição apresenta um estudo sobre as relações entre futebol e a linguagem da crônica com base nas produções de Eduardo Gonçalves de Andrade, mais conhecido como Tostão, nascido em Belo Horizonte em 1947. Levando em conta o contexto histórico e a vida profissional de Tostão, visa-se caracterizar seu estilo de escrita, verificando o comportamento da linguagem.

Como embasamento teórico, serão abordados aspectos da forma da crônica como gênero e artigos sobre o trabalho de Tostão. Além disso, pretende-se discutir passagens escritas pelo próprio ex-jogador, médico e cronista em seu livro mais recente, *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol* (2016). Assim, busca-se priorizar aspectos importantes na linguagem da crônica de Tostão.

## Jogador e médico

Primeiramente, faz-se necessário apresentar, de maneira breve, alguns antecedentes históricos, pois o cronista Tostão também está associado às suas profissões anteriores: jogador, médico e comentarista. Tostão<sup>1</sup> conta que o futebol esteve presente em sua vida desde a infância, e com sete anos de idade, começou a jogar no time de seu bairro na capital mineira. Devido à estatura inferior aos demais de sua faixa etária, passou a ser

<sup>1</sup> TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, 2016.

chamado de Tostão – nos anos 1950, a menor parte da moeda, como se fosse o centavo nos dias de hoje – e o apelido foi consolidado.

Com apenas 16 anos de idade, o jogador já era titular do time no qual viria a se tornar um dos principais ídolos, o Cruzeiro Esporte Clube. Maior artilheiro da história celeste, com 249 gols, Tostão conquistou títulos, como a Taça Brasil de 1966 (reconhecido como o primeiro dos quatro Campeonatos Brasileiros do clube) e cinco Campeonatos Mineiros na mesma década de 1960. Tostão se tornou um craque num curto espaço de tempo, e poderia ter tido ainda mais glórias nos gramados, se não fosse por um acidente no duelo contra o Corinthians. O fatídico momento ocorreu numa noite chuvosa no Estádio Pacaembu (São Paulo), em 1969, conforme lembrado por ele:

[...] eu caí e, a um metro do chão, Ditão, zagueiro do Corinthians, em vez de puxar a bola e ficar com ela, soltou um petardo, com a bola muito pesada, toda encharcada de lama, atingindo meu olho esquerdo. Naquela época, a bola era muito mais pesada que as de hoje. Fiquei tonto, tentei continuar, mas tive que sair. Comecei a notar que havia algo diferente<sup>2</sup>.

Após o ocorrido, Tostão passou por tratamentos médicos nos Estados Unidos e continuou atuando por alguns anos. Pela Seleção Brasileira, foi decisivo no tricampeonato mundial de 1970 disputado no México, junto a outros craques, como Pelé, Carlos Alberto Torres e Piazza. Em 1972, foi transferido para o Vasco da Gama, mas, quase um ano depois, anunciou sua aposentadoria precoce do futebol aos 26 anos de idade, após apenas uma década nos gramados.

O fim da carreira como jogador deu lugar ao início da carreira como estudante e médico. No ano de 1974, fez a prova do vestibular “no mesmo Mineirão onde, pouco tempo antes, [...] era aplaudido pelos torcedores”<sup>3</sup>. Colhendo os frutos do estudo, cursou medicina pela UFMG entre 1975 e 1981. Também em Belo Horizonte, foi professor da Faculdade de Ciências

<sup>2</sup> TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos*: um olhar sobre o futebol, p. 45.

<sup>3</sup> TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos*: um olhar sobre o futebol, p. 84.

Médicas e médico da Santa Casa e do São José, e recebeu diversas homenagens por suas contribuições para a área da saúde.

## **Cronista**

Na década de 1990, ainda durante a carreira médica, o mineiro retornou ao futebol quando foi convidado para ser comentarista de televisão, atividade que exerceu por cerca de cinco anos, e que também contribuiu para sua bagagem cultural e profissional de cronista esportivo. No livro *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, teceu um olhar crítico sobre as tensões existentes entre ser um ex-jogador comentarista e lidar com as reações dos atletas:

Certa vez, [...] Rivaldo, para conceder uma entrevista à Folha de S. Paulo, exigiu que eu não participasse, pois estava chateado por eu tê-lo criticado. Minha crítica tinha sido técnica, pontual. Os jogadores aceitam a mesma crítica de um comentarista que não foi atleta profissional com muito menos rancor do que a feita por um ex-jogador. Esse é um dos motivos de ex-atletas comentaristas serem muito complacentes e bonzinhos em suas análises, de forma corporativa, como se ainda estivessem jogando<sup>4</sup>.

No ano de 1999, resolveu sair da televisão e se dedicar mais às colunas, que já estavam sendo redigidas em sintonia com o período na mídia audiovisual. Aqui, cabe ressaltar um trecho da tese de Losana Hada de Oliveira Prado (2009), que analisou o trabalho de Tostão e outros cronistas: "Os argumentos equilibrados e inteligentes logo fizeram de Tostão um dos principais nomes da crônica esportiva brasileira"<sup>5</sup>. Atualmente, o cronista mantém uma coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, e, ao longo dos anos, já passou por diversos outros veículos: *O TEMPO*, *Estado de Minas*, *Jornal do Brasil*, *Correio Braziliense*, *Diário de Pernambuco*, *Gazeta do Povo* (Curitiba), *A Gazeta* (Espírito Santo), *O Povo* (Ceará), *Diário da Manhã* (Goiás) e *Jornal da Tarde* (Bahia).

<sup>4</sup> TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, p. 103.

<sup>5</sup> PRADO. *Intertextualidade na imprensa escrita: uma leitura de crônicas esportivas do jornal Folha de S. Paulo*, p. 23.

Pensando na crônica como gênero, afirma Jorge de Sá: “[...] quem narra a crônica é seu autor mesmo, e tudo que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem”<sup>6</sup>. Dessa forma, o Tostão cronista assume as rédeas da narração como ele mesmo, já que os dois eus coincidem: o eu narrativo e o eu do autor. Contudo, uma vez que os assuntos privilegiados partem da vida real, esse texto a priori literário – pela perspectiva subjetiva da narração em primeira pessoa – ganha também o aspecto jornalístico – como uma reportagem. Esse aspecto contribui para a tese de que a crônica seria um gênero “híbrido”.

O estilo da escrita do mineiro foi objeto principal de alguns estudos, como a monografia de Gustavo Franco de Carvalho Curado Jaime<sup>7</sup>. Guardada a distância temporal da produção, alguns aspectos interessantes abordados por Jaime continuam presentes na linguagem utilizada por Tostão nos dias de hoje, o que também contribui para sua postura diferenciada dentro da crônica futebolística brasileira:

É interessante observar a postura humilde de Tostão na escrita. Ele abstrai o fato de ter sido um excepcional jogador, campeão e premiado pelo Cruzeiro e Seleção Brasileira. O cronista sabe diferenciar muito bem o que foi dentro de campo, o que foi durante o período em que trabalhou como médico e o que é, hoje, como comentarista de futebol apesar de aproveitar nas análises todas as experiências que assimilou. Tostão não nega o passado e, ao contrário da linha homogênea dos profissionais da área, reconhece nos dias de hoje valores tão ou mais surpreendentes que os de antes. Quando faz referência ao seu tempo de jogador, o mineiro é prudente e lúcido<sup>8</sup>.

Essa prudência permanece até os dias de hoje, nos quais, ainda escrevendo, o autor não desvia de assuntos espinhosos, da mesma forma que não fugia de bolas perigosas no seu tempo de campo:

Ao mesmo tempo em que estou cansado, com um ano de quarentena, de ver tanto futebol, programas esportivos e noticiários, que

<sup>6</sup> SÁ. *A crônica*, p. 9.

<sup>7</sup> JAIME. *Tostão, o craque das letras*: uma análise comparativa das crônicas de um dos maiores colunistas esportivos da atualidade, 2005.

<sup>8</sup> JAIME. *Tostão, o craque das letras*: uma análise comparativa das crônicas de um dos maiores colunistas esportivos da atualidade, p. 36.

costumam ser iguais, a responsabilidade e o prazer de escrever, de ver belas partidas e a convivência com as pessoas queridas me ajudam a suportar essa tragédia. A vacinação, que está muito lenta, é a esperança. Aguardo, com paciência, a minha vez<sup>9</sup>.

Assim, nota-se que o futebol não é a única temática abordada nos seus textos, que também discorrem sobre política e a sociedade ao redor. A crônica citada acima, “O futebol não descansa e ainda contribui para as aglomerações”, publicada em fevereiro de 2021, mostra um cronista preocupado com a situação atual do Brasil, tendo em vista que se vivencia uma crise sanitária com efeitos em todas as áreas, inclusive o esporte.

Pensando na própria linguagem, Tostão percebe semelhanças entre suas características de atleta e de cronista: “Sou um colunista que tenta escrever de uma maneira concisa, clara e direta. Quando jogava, também era conciso. [...] Gosto do estilo literário, mas tenho compromisso com a realidade do jogo”<sup>10</sup>, o que também resgata o aspecto híbrido da crônica. Acerca do campo da literatura, Tostão<sup>11</sup> afirma que lê “poucos autores”, como Machado de Assis, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Fernando Sabino e Clarice Lispector. O hábito da leitura, essencial para uma escrita mais rica, também é representado em suas crônicas sob a forma da intertextualidade. Esse elemento é exemplificado na análise de Prado<sup>12</sup> acerca do texto “A emoção e a beleza do esporte”, publicado por Tostão no jornal *Folha de S. Paulo* em 2007:

Temos nesse parágrafo a intertextualidade explícita quando o autor cita uma das alcunhas pejorativas criadas pelo escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues [...]. Temos, no último parágrafo desse trecho, a intertextualidade explícita, uma vez que versos do poema de Fernando Pessoa são introduzidos com aspas [...]. A citação, nesse caso, tem como objetivo reforçar o efeito de verdade e legitimar o discurso do autor sobre suas afirmações<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> TOSTÃO. O futebol não descansa e ainda contribui para as aglomerações. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2021/02/o-futebol-nao-descansa-e-ainda-contribui-para-as-aglomeracoes.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

<sup>10</sup> TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos*: um olhar sobre o futebol, p. 125.

<sup>11</sup> TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos*: um olhar sobre o futebol, 2016.

<sup>12</sup> PRADO. *Intertextualidade na imprensa escrita*: uma leitura de crônicas esportivas do jornal *Folha de S. Paulo*, 2009.

<sup>13</sup> PRADO. *Intertextualidade na imprensa escrita*: uma leitura de crônicas esportivas do jornal *Folha de S. Paulo*, p. 94-98.

Dessa forma, sem abandonar o imenso conhecimento técnico e tático construído ao longo de anos, Tostão também faz questão de fazer uso da literatura em seus textos. Seja buscando resgatar aspectos próprios do gênero da crônica, como o ponto de partida de acontecimentos cotidianos, seja fazendo diversas relações entre o futebol e a literatura, a versatilidade do escritor é perceptível. Com isso, ressalta-se que conseguir transitar com maestria entre tantos campos (com o perdão do trocadilho) e criar a própria identidade é uma habilidade característica de craque.

## Considerações finais

Portanto, conforme expressado neste breve estudo, pode-se afirmar que o belo-horizontino Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, alcançou grande competência nas (diferentes, mas de certo modo, semelhantes) profissões que escolheu exercer. Afinal, segundo Renato Negrão, poeta, e Dadá Maravilha, jogador:

futebol é o seguinte  
chegou ali e tem tranquilidade  
é só aplicar o sutil o mirabolante  
a raiz quadrada o labirinto  
que não tem jeito pro goleiro não  
[...]  
poesia é o seguinte  
chegou ali e tem tranquilidade  
é só aplicar o sutil o mirabolante  
a raiz quadrada o labirinto  
que não tem jeito pro leitor não<sup>14</sup>

O "Poema sonoro dada", que em seu título faz referência ao movimento artístico dadaísta e ao jogador Dadá Maravilha, aproxima, por meio da simetria semântica, o futebol e a poesia, de forma a comparar essas duas áreas por suas semelhanças. Assim, no poema, goleiro e leitor são irmãos – e cronista e jogador podem ser faces diferentes da mesma moeda.

<sup>14</sup> NEGRÃO; MARAVILHA. *Poema sonoro dada*, 2019. Disponível em: <https://www.renatonegrao.org/post/poema-sonoro-dada-por-dada-maravilha-e-renato-negr%C3%A3o>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Logo, por mais que o futebol brasileiro e mundial tenha perdido um exímio jogador de maneira súbita, felizmente, esse esporte tão fascinante ganhou um dos cronistas mais notáveis do país. Um escritor que, aos 74 anos, continua a redigir textos em um nível tão alto quanto demonstrava nos gramados.

## Referências

HOMENAGEADO: Eduardo Gonçalves de Andrade – COP1 | UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/copi/medalhahonra/eduardo-goncalves-andrade/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

JAIME, Gustavo Franco de Carvalho Curado. *Tostão, o craque das letras*: uma análise comparativa das crônicas de um dos maiores colunistas esportivos da atualidade. 68p. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2005.

NEGRÃO, Renato; MARAVILHA, Dadá. *Poema sonoro dada*. Disponível em: <https://www.renatonegrao.org/post/poema-sonoro-dada-por-dada-maravilha-e-renato-negr%C3%A3o>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PRADO, Losana Hada de Oliveira. *Intertextualidade na imprensa escrita*: uma leitura de crônicas esportivas do jornal Folha de S. Paulo. 119p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 2008.

TOSTÃO. O futebol não descansa e ainda contribui para as aglomerações. *Folha de S. Paulo*. 27 fev. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2021/02/o-futebol-nao-descansa-e-ainda-contribui-para-as-aglomeracoes.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos*: um olhar sobre o futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

UFMG homenageia ex-alunos com presença de ministros. 16 set. 2008. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/009815.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.





# O Maracanã e o lirismo de Armando Nogueira

Elcio Loureiro Cornelsen

*Pois o segredo da vida é justamente este: é a grandeza da alma. A alma que é a morada eterna do ideal. A morada do sonho.*

Armando Nogueira<sup>1</sup>

No panteão da crônica esportiva brasileira, sem dúvida, brilha a estrela de Armando Nogueira. Original de Xapuri, no Acre, o jornalista radicou-se ainda bem jovem no Rio de Janeiro, onde atuou por décadas em diversos veículos de comunicação, entre outros, o *Diário Carioca*, o *Diário da Noite*, a revista *Manchete*, a revista *O Cruzeiro*, o *Jornal do Brasil*, a TV Rio e, principalmente, a Rede Globo de Televisão, onde ingressou em 1966 e atuou até 1990, tendo sido um dos responsáveis pela criação do *Jornal Nacional* e do *Globo Repórter*. A partir de 1990, Armando Nogueira passou a se dedicar, exclusivamente, ao jornalismo esportivo, atuando em canais, como a TV Cultura, a TV Bandeirantes e o SporTV (Globosat), e nas rádios Bandeirantes e CBN.

Dono de um estilo de escrita elegante e, ao mesmo tempo, lírico, Armando Nogueira nos legou verdadeiras joias sobre o futebol brasileiro e o esporte em geral. Basta elencarmos alguns títulos de livros para termos uma breve dimensão de sua contribuição para as Letras e os Esportes: *Na grande área* (1966), *Bola na rede* (1973), *O homem e a bola* (1986), *Bola de cristal* (1987), *O canto dos meus amores* (1998), *A chama que não se apaga* (2000), *A ginga e o jogo* (2003), entre outros.

<sup>1</sup> NOGUEIRA. A voz do tempo, p. 15.

Como bem aponta Andréia Cristina de Barros Costa:

[a]s crônicas [de Armando Nogueira] são providas de vários elementos estruturais literários, como metáforas, jogo de antônimos, música, sonoridade e aliteração. Utilizava o emprego da palavra adequada em uma colocação esteticamente clara nas frases<sup>2</sup>.

O jornalista seria detentor de “uma prosa lírica, com graça, enxuta e precisa”<sup>3</sup>. E para Ivan Cavalcanti Proença, a literariedade das crônicas de Armando Nogueira resultariam da “procura obsessiva dos tempos perdidos, ou melhor, a catarse pela (através da) bola”<sup>4</sup>. Reconhecendo a verve literária de Armando Nogueira, o escritor Carlos Heitor Cony, no prefácio da obra *O canto dos meus amores* (1998), assim o situa no panteão da crônica esportiva brasileira:

Armando Nogueira forma, ao lado de Mário Filho e Nelson Rodrigues, a Santíssima Trindade da nossa literatura esportiva. Mário é o pai, até certo ponto o fundador. Nelson é o filho, que se imolou por nós. Armando seria o próprio Espírito Santo, o mais vasto, o mais completo, o inspirador, a pomba branca que paira acima de todas as coisas, [...]<sup>5</sup>

Em sua longa trajetória como cronista e jornalista esportivo, por vezes, Armando Nogueira se dedicou a decantar o Maracanã como o “templo do futebol” brasileiro e mundial. Mas nem só de lembranças agradáveis se constituem suas narrativas sobre o gigante de concreto que está completando 70 anos. E foi, justamente, nos primeiros meses de vida do coliseu que Armando Nogueira, aos 23 anos de idade, descreve a atmosfera dentro do então designado Estádio Municipal, pouco antes do início do jogo reunindo as seleções de Brasil e Uruguai, última partida do quadrangular final da Copa de 1950:

O Maracanã está superlotado. Estima-se que aqui estão, em bandeiradas, 200 mil pessoas. “Dez por cento da população” – anun-

<sup>2</sup> COSTA. *Bate bola com a crônica*: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira, p. 65-66.

<sup>3</sup> COSTA. *Bate bola com a crônica*: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira, p. 66.

<sup>4</sup> PROENÇA. *Futebol e palavra*, p. 38.

<sup>5</sup> CONY. Prefácio, p. VII.

cia, com fervor, o alto-falante. O Distrito Federal tem 2 milhões e 303 mil habitantes. Depois da informação, música, maestro: a banda dos Fuzileiros Navais enfeita o gramado, desfilando e tocando um dobrado daqueles que levam à guerra o mais reles dos patriotas. Até eu que, não estou nada cívico – até eu estremeço de fervor cívico<sup>6</sup>.

Essas linhas foram extraídas da obra *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar* (1994), que reúne, entre outros, relatos memorialísticos de Armando Nogueira, Jô Soares e, respectivamente, Roberto Muylaert acerca de suas vivências enquanto torcedores que presenciaram a fatídica derrota da Seleção Brasileira para a Celeste Olímpica, que entraria para os anais da História do Futebol Brasileiro e Mundial como *Maracanazo*. Como podemos constatar, há uma presentificação da cena narrada por aquele que surge como uma testemunha ocular daquela partida e da ambientação do estádio lotado, lá está o sujeito da enunciação, como que simulando sua própria visão, como se desconhecesse o desfecho trágico do jogo.

Enquanto construção discursiva, o texto oferece ao leitor uma narrativa rica em termos de recursos. As proporções da festa são anunciadas, e o sujeito da enunciação procura transmitir a sensação visual e sonora do que se passa dentro do estádio, com serviço de som e banda marcial tocando. Na visão de Armando Nogueira, não obstante a festa, os políticos são vaiados ao chegarem ao estádio:

Chegam as autoridades. O nome do prefeito Mendes de Moraes é recebido com uma vaia colossal. O homem fez o estádio. Ainda assim, leva pau do público. A arquibancada do futebol é o divã da catarse nacional. É aqui que o povo se vinga dos políticos. Deve ter nascido, hoje, na cabeça de Nelson Rodrigues a célebre sentença que o consagraria como o maior frasista do futebol. O Maracanã ia até minuto de silêncio...<sup>7</sup>.

Notamos que a presentificação das cenas tem prosseguimento na narrativa. Porém, abre-se o espaço também para digressões em relação ao futuro conhecido pelo sujeito da enunciação, posterior ao jogo: o sentido da frase de Nelson Rodrigues, que se consagraria nas décadas

<sup>6</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 19.

<sup>7</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 21.

seguintes como o maior cronista esportivo brasileiro, é acompanhado também por uma digressão do sujeito da enunciação ao entender o espaço da arquibancada para além do próprio torcer.

Todavia, em sua narrativa, Armando Nogueira se apresenta como um torcedor fanático do Botafogo que, ao ouvir a execução do hino nacional, deixa de pensar em torcer contra a seleção devido à ausência de jogadores do clube da estrela solitária:

A banda toca o Hino Nacional. Me arrepio da cabeça aos pés. Confesso que aprendi o Hino Nacional bem antes de ter aprendido o hino do Botafogo. É o que basta pra ferventar em mim o sangue da pátria amada. Me rendo, de corpo e alma, à nobre causa da seleção brasileira<sup>8</sup>.

Nesse ponto do texto, pela primeira vez, há uma espécie de *flash forward*, num momento de digressão de quem reconhece já saber o desfecho trágico do jogo: "Foi melhor assim. Se eu tivesse torcido pelo Uruguai, talvez amargasse um remorso eterno. Pois se o Obdulio Varela, que era o capitão da seleção uruguaia, acabou tendo um sentimento de culpa porque derrotou o Brasil..."<sup>9</sup>.

Em termos de distensão temporal, há uma verdadeira lacuna na narrativa: o sujeito da enunciação, simplesmente, não narra detalhes sobre o primeiro tempo, nem sobre o intervalo; o primeiro lance apresentado por Armando Nogueira é o gol brasileiro, assinalado por Friaça no início do segundo tempo: "O primeiro gol brasileiro nos leva à alucinação. Embora o empate dê o título ao Brasil, o que a gente quer mesmo é que o Brasil repita contra o Uruguai o que fez contra a Suécia e contra a Espanha. Banho de bola, com direito a olé"<sup>10</sup>. Nessa passagem do texto, o "eu" se converte, pois, em um sujeito coletivo "a gente", remetendo aos torcedores como uma coletividade unida pela paixão e a vontade de ver o Brasil campeão mundial de futebol. Poucos parágrafos depois, Armando Nogueira anuncia, lacônico, a virada uruguaia:

Dois lances que não estavam no programa: dois gols do Uruguai, um de Schiaffino, uma beleza; e outro de Gigghia (sic), uma des-

<sup>8</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 23.

<sup>9</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 23.

<sup>10</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 23.

graça. Esse caiu como uma maldição. Seria a pá de cal na chamada soberba nacional, porque o Brasil já vinha campeão há pelo menos 72 horas, e comemorando o título, há pelo menos 24 horas<sup>11</sup>.

Nota-se a elaboração temporal da narrativa, com o momento presente dos gols, o conhecimento prévio do clima de vitória antecipada, e também o significado do segundo gol como a “pá de cal”. Não tarda, e vem a sentença: “Pela primeira vez, que eu visse, os deuses do futebol decidiram castigar a soberba de uma nação. E daí a cena pungente da multidão absolutamente aparvalhada, no estádio silencioso”<sup>12</sup>. Com certo lirismo, assim descreve Armando Nogueira a desolação dos torcedores ao saírem do estádio:

Atrás das pessoas saindo do estádio, um rastro de desolação. Até hoje, uma imagem não me sai da lembrança: escurecia e o povo ia tocando fogo nos jornais velhos. Nascia, em minutos, uma colossal fogueira pelos degraus da arquibancada. E aquele fogo, primeiro infernal, depois atroz, foi murchando, murchando até que virou cinza. Daí a pouco, um pé-de-vento começou a levar pelos ares aquela cinza toda. Cinzas de um sonho que se consumiu na chama do nosso próprio orgulho. Cinzas de uma esperança morta<sup>13</sup>.

Pela primeira vez em seu relato, Armando Nogueira distingue um “hoje” da vivência, enquanto estratégia discursiva de presentificação da cena passada, de um “hoje” na atualidade da rememoração, quatro décadas mais tarde. Está implícito também que os supostos “jornais velhos” eram aqueles que, antecipadamente, vinham anunciando a vitória brasileira frente ao Uruguai desde a vitória categórica contra a Seleção Espanhola.

Em seguida, tem sequência a descrição da saída da torcida brasileira do estádio. Logo surge a metáfora da “tragédia”, da “catástrofe”, como um “velório”: “Imagino o que está acontecendo pelo Brasil afora. O país inteiro só pode estar mortificado. É uma catástrofe. Em menos de uma hora, o estádio parece um imenso cemitério”<sup>14</sup>. E a metáfora da

<sup>11</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 25.

<sup>12</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 28.

<sup>13</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 28.

<sup>14</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 28.

derrota como um “velório” prossegue: “O povo descendo a rampa, em silêncio, parecia um cortejo fúnebre. Parecia não – era mesmo. Tínhamos acabado de enterrar a soberba nacional. Perdemos um título ganho, de boca, na véspera”<sup>15</sup>.

O jogo com o tempo prossegue na narrativa, e Armando Nogueira refaz a visão equivocada que a imprensa brasileira tinha da equipe uruguaia às vésperas da partida: “Anos depois, com uma visão mais serena, acabei chegando à conclusão de que a equipe uruguaia não era a sopa que sugeria a crônica esportiva brasileira, nas vésperas da decisão”<sup>16</sup>. Como bem ressalta Rosângela de Sena Almeida, esse momento trágico se tornaria parte integrante da memória inaugural do estádio:

Sua monumentalidade original, sua grandiosidade ímpar para época em que foi construído, seguidas da notoriedade advinda de um acontecimento traumático inaugural são os primeiros traços de seu legado e são os sinais prematuros do lugar social e do lugar de memória que ele se revelaria ao abrigar o mundo do futebol brasileiro e todo o imaginário que dele emana<sup>17</sup>.

Todavia, duas décadas mais tarde, ao homenagear o Maracanã nos seus 20 anos de existência, Armando Nogueira escreveu uma das mais belas crônicas sobre o estádio, intitulada “Menino-que-chega”. Originalmente publicada em 20 de junho de 1970, essa crônica integra a coletânea *O homem e a bola* (1986) e foi publicada também no livro *Futebol e palavra* (1981), de Ivan Cavalcanti Proença, e na antologia de crônicas *O mundo é uma bola* (2006).

De início, o cronista associa a paixão pelo futebol à infância de uma personagem que, pela primeira vez, adentra o Maracanã:

Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande.

<sup>15</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 29.

<sup>16</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 32.

<sup>17</sup> ALMEIDA. *De Copa a Copa*: memórias do estádio de futebol do Maracanã, p. 111.

Festejemos em Paulinho um sopro de vida que remoça o Maracanã, no ano de seus vinte anos. Esse é o glorioso destino do grande estádio: cada menino que chega é grama nova que floresce no campo. Cada menino que chega, alento fresco no grito doce-afrito da multidão<sup>18</sup>.

Quantos de nós não experimentamos essa sensação na infância? Quantos de nós, feito Paulinho, não adentramos maravilhados o Maracanã, o Morumbi, o Pacaembu, o Mineirão, o Castelão, o Mangueirão, o Arruda, o Aflitos, a Fonte Nova, o Barradão, o Beira Rio, o Olímpico, a Arena da Baixada e tantos outros estádios...? Para além dos vinte anos de sua existência, como praça de esportes e “lugar de memória”, para pensarmos com o historiador Pierre Nora, são os torcedores que, desde a tenra idade, rejuvenescem, ciclicamente, o “grande estádio”.

Todavia, como aquele narrador postulado por Walter Benjamin, que teria a sabedoria de narrar as vivências próprias e alheias às novas gerações, o cronista do Maracanã imagina-se narrando para o jovem torcedor: “Se Paulinho pudesse me ouvir, eu contaria a ele, hoje, a história dos vinte anos do Maracanã. Repetiria o que já andei contando em breve escrito, sobre essa gigantesca panela de pressão – para usar uma feliz imagem de meu velho amigo Nilton Santos”<sup>19</sup>. E o cronista não deixa de narrar sobre aquele momento trágico do futebol brasileiro, em que, mais uma vez, o estádio se torna um cemitério e túmulo, uma “cova rasa” para a “esperança morta”:

Em vinte anos de comunhão esportiva, o Maracanã já viveu, em níveis profundos, todas as emoções que o futebol é capaz de provocar na multidão. O Maracanã já foi até cova rasa de um sonho nacional, quando o Brasil perdeu para o Uruguai a Taça do Mundo de 1950.

Testemunha da amarga tarde de 17 de julho, guardo bem na memória dos olhos a visão da arquibancada imensa toda coberta de cinzas – as cinzas do jornal queimado no fogo da esperança morta<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> NOGUEIRA. Menino-que-chega, p. 8.

<sup>19</sup> NOGUEIRA. Menino-que-chega, p. 8.

<sup>20</sup> NOGUEIRA. Menino-que-chega, p. 9.

Mas não só de tragédias, em 1970, era feita a história do Maracanã. E o cronista, ao desejar narrar para o menino os momentos de alegria e de emoção de que o gigante de cimento foi palco, narra-os para nós, leitores:

Ah, se eu pudesse recompor, para o menino que chega, os melhores momentos do Maracanã: quanta mágoa ali convertida em riso pela simples abstração de um gol! Tanta gente sem endereço ali já teve seu momento de herói e semideus, projetando a própria alma no gesto de seu ídolo.

Quem me dera recriar para o menino que está descobrindo o Maracanã aquele drible que Garrincha esculpia no vento, ao longo do campo<sup>21</sup>.

E em seu estilo lírico, Armando Nogueira dá destaque especial a Garrincha no palco do Maracanã, o craque da Seleção e do Botafogo, time de coração do cronista, que, feito um artista, esculpe o drible no vento. E o Maracanã surge também como um autêntico teatro grego, em que se vivencia uma “santificação coletiva”, quando ecoam palavras:

Se não for pedir muito, menino-que-chega, peça a seu pai cadeira especial: a porta do elevador se abre para o abismo da multidão que canta, aos palavrões, a própria infância perdida.

A cena assusta, mas não ofende, pois o coral do futebol conseguiu o milagre de purificar até os sons de um palavrão.

Vive-se no Maracanã, à maneira moderna, o fenômeno da santificação coletiva que os gregos antigos iam buscar no teatro<sup>22</sup>.

Mais uma vez, o torcer se associa à infância daquele menino-que-chega, que um dia, assim como outros de sua e de outras gerações, serão parte da multidão de torcedores que cantarão “a própria infância perdida”. E nesse turbilhão de emoções e sensações em que o Maracanã se renova a cada grande partida – não nos esqueçamos que a crônica é de 1970, com outra dinâmica e outra espacialização no estádio, que contava com a geral e toda a performance do torcer ali cultuada –, não falta

<sup>21</sup> NOGUEIRA. Menino-que-chega, p. 9.

<sup>22</sup> NOGUEIRA. Menino-que-chega, p. 9.



a menção ao clube que leva legiões de torcedores e a toda simbologia e emoção que se fazem presentes nas arquibancadas do então maior estádio do mundo:

Chegue para ficar, menino-que-chega. Um dia, você verá o espetáculo inesquecível que é o Maracanã em tarde de Flamengo: milhares de bandeiras em festa, fechando o cerco das arquibancadas. As bandeiras maiores se alongam, femininas, até o campo, querendo enlaçar o herói do gol para entregá-lo, morto de beijos, ao abraço triunfal da multidão<sup>23</sup>.

Desse modo, o cronista apela para efeitos visuais – o mar de bandeiras – e auditivas, com os palavrões e os cânticos das torcidas: “E a multidão põe-se a cantar que ‘tá chegando a hora’: hora de rir e de chorar, hora de viver a vitória que lá fora a vida negou-lhe a semana inteira”<sup>24</sup>.

Por fim, num belíssimo desfecho, bem ao estilo lírico que é sua marca, o cronista volta a ressaltar a relação entre o futebol e a infância, num movimento pendular entre renovação – proporcionada por todo aquele “menino-que-chega” ao Maracanã pela primeira vez – e de regressão – de todo adulto que, no ato epifânico do torcer, retoma algo da própria infância:

Chegue para ficar, menino-que-chega, porque é aqui que está a bola – a bola da minha, da tua, da nossa infância; aqui está a bola que, rolando, descobre o céu, brinquedo mágico, forma perfeita, forma divina.  
Deus é esférico<sup>25</sup>.

Em *Maracanã: 50 anos de glória* (2000), Renato Sérgio resalta a função da infância como índice de renovação geracional relacionada ao espaço do estádio: “Maravilhosas multidões através das quais o Maracanã se alimenta e, em múltiplos rejuvenescimentos, renasce”<sup>26</sup>. E Ivan Cavalcanti Proença, em *Futebol e palavra* (1981), propõe uma interpretação do “esférico” em crônicas de Armando Nogueira:

<sup>23</sup> NOGUEIRA. *Menino-que-chega*, p. 9-10.

<sup>24</sup> NOGUEIRA. *Menino-que-chega*, p. 10.

<sup>25</sup> NOGUEIRA. *Menino-que-chega*, p. 10.

<sup>26</sup> SÉRGIO. *Maracanã: 50 anos de glória*, p. 238.

A alma do carioca seria esférica. Deus idem, o talento do nosso jogador, o próprio Pelé sendo bola. [...] A esfericidade é justamente aquele imponderável, aquele não computável, o não-adestrável de que falamos antes, em benefício da possibilidade-sempre de criar. Lembra o autor que o nosso jogador, a malandragem do carioca, Deus inclusive, não se ajustam aos "faremos tudo que seu mestre mandar". Todos esféricos que são<sup>27</sup>.

Outro exemplo do lirismo como Armando Nogueira escreve sobre o gigante de concreto vem em forma de poema: "Maracanã", que o cronista-poeta escreveu para homenageá-lo quando o estádio completou 40 anos, e o republicou em junho de 2000, por ocasião dos 50 anos do Maraca:

O Maracanã fez 50 anos, esta semana. Minha intenção era celebrar a data histórica, em crônica inédita. Infelizmente, como diria Rubem Braga, hoje estou meio fraco de idéias. O jeito é republicar o poema que escrevi, há alguns anos, e que saiu numa plaqueta editada nos 40 anos do amado estádio:

Revejo, com saudade,  
as bandeiras das tuas batalhas

repartidas sobre o campo.  
Revejo, com saudade,  
a tua multidão que torce e distorce a verdade até morrer,  
doa a quem doer.  
Revejo, com saudade,

as esperanças que se perdiam pela linha de fundo  
no entardecer de cada jogo<sup>28</sup>.

Marca dessa ode ao Maracanã é a saudade, o verso "Revejo com saudade", reiteradas vezes, expressa o estado de ânimo do eu-lírico que, saudoso, rememora as vivências no estádio: o colorido das bandeiras, a agitação das torcidas, as disputas acirradas e as esperanças esvaídas e, ao mesmo tempo, renovadas. E esse gesto saudoso e memorialista prossegue:

<sup>27</sup> PROENÇA. *Futebol e palavra*, p. 40.

<sup>28</sup> SÉRGIO. *Maracanã: 50 anos de glória*, p. 239.

Quantas vezes foste a minha pátria amada, idolatrada,  
salve, salve a Seleção!  
Quantas vezes a minha alma escapava de mim  
e, sem que o árbitro notasse, aparecia na pequena área,  
providencial, para fazer o gol da vitória.  
Perdi a conta dos gols  
que fiz com pés que nunca foram meus.  
Saudade de certa lágrima de vitória  
que um dia vi brilhar no rosto quase meu de uma criança<sup>29</sup>.

Esses versos decantam as lembranças do Maracanã em dia de jogo da Seleção Brasileira, da emoção dos inúmeros gols, em uma junção entre a alma do eu-lírico-torcedor e o jogador que assinala o tento com seus pés, e a infância que, assim como na crônica “Menino-que-chega”, celebra a união entre o eu-lírico adulto e a criança. E mesmo tendo se passado décadas entre a crônica e o poema, este também não deixa de fazer menção ao *Maracanazo* como uma marca trágica e perpétua do estádio:

Maracanã.  
És fantasia da paixão  
que aproxima e divide:  
louvor e blasfêmia,

alegria e desdita.  
És o gol de Gigghia (sic),  
celebrado com um minuto de silêncio à soberba nacional<sup>30</sup>.

Se Ghiggia é o primeiro jogador nomeado no poema como aquele cujo gol decretou “um minuto de silêncio à soberba nacional”<sup>31</sup>, ou, como consta no relato memorialístico, “[s]eria a pá de cal na chamada soberba nacional”<sup>32</sup>, nos versos seguintes evidencia-se o louvor aos inúmeros “heróis” e “craques” que deixaram suas marcas assinaladas, ao longo de décadas, no Maracanã:

<sup>29</sup> SÉRGIO. *Maracanã*: 50 anos de glória, p. 239.

<sup>30</sup> SÉRGIO. *Maracanã*: 50 anos de glória, p. 239.

<sup>31</sup> SÉRGIO. *Maracanã*: 50 anos de glória, p. 239.

<sup>32</sup> NOGUEIRA. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã, p. 25.

És o ignorado herói de uma tarde  
cujo gol restou sem data  
como se nunca houvera sido feito. És gol de placa  
que ninguém sabe ao certo como nasceu  
mas que o tempo  
vem tratando de fazê-lo cada dia mais bonito.  
Gol de fábula.

És o craque que passa, sem pressa,  
tecendo a promessa de gol com a bola nos pés  
e os olhos na linha do horizonte<sup>33</sup>.

Após prestar reverência aos inúmeros “craques” e “heróis” do futebol brasileiro, o eu-lírico não deixa de nomear vários deles, de diversas gerações que, desde 1950, tiveram o Maracanã como um de seus palcos, para alguns, até mesmo o palco principal:

És Gérson e Jair da Rosa Pinto  
que tinham no pé esquerdo o rigor da fita métrica.  
És Nilton Santos, futebol de fino trato  
na majestade e no saber.  
És Zizinho, que conhecia, como ninguém,  
todos os atalhos da tua geometria.  
És Zico que driblava triscando a grama,  
suave como uma pluma.  
És a “folha-seca” de Didi,  
fidalgo de rara nobreza  
que tratava a bola como se trata uma flor.  
És Ademir Menezes correndo, olímpico,  
pelos indizíveis caminhos do gol.  
És Carlos Castilho, santo goleiro  
que fazia milagres pelos confins da pequena área<sup>34</sup>.

São, sobretudo, craques dos anos 1950 e 1960 que povoam a memória do eu-lírico, com exceção de Gérson, que encerraria a carreira em meados dos anos 1970, e de Zico, que se sentia como que em sua própria casa no Maracanã. Mas o eu-lírico reserva os próximos versos a dois ícones que escreveram história no Maracanã:

És Pelé,

<sup>33</sup> SÉRGIO. *Maracanã*: 50 anos de glória, p. 239-240.

<sup>34</sup> NOGUEIRA. *Maracanã*, p. 240.

cujos gols eram tramados na véspera  
(ele trazia de casa as traves e a bola do jogo).  
És Garrincha que dobrava as esquinas da área  
driblando Deus-e-o-mundo  
com a bola jovial da nossa infância.  
Quanta saudade  
daquele drible pela direita  
que alegrava as minhas jovens tardes de domingo<sup>35</sup>.

Garrincha e seu Botafogo foram imortalizados por Joaquim Pedro de Andrade em 1962, no documentário *Garrincha, a alegria do povo*. Imortalizada também a arquibancada do Maracanã, em imagens de uma multidão socialmente plural, algo que desapareceu com a arenização dos estádios, incluindo o Maracanã, como traço de exclusão social. E Pelé também se imortalizou no Maraca, com um gol marcante, o milésimo, que nos traz à mente a cena do goleiro vascaíno Andrada socando o chão e o Rei indo buscar a bola no fundo da rede, em 19 de novembro de 1969. Retomando os versos do poema, o eu-lírico enaltece Garrincha como aquele que, com seus dribles irreverentes, lhe remete saudoso aos tempos de infância, e Pelé é aquele que planejava os gols no gigante de concreto. Aliás, no prefácio da obra *Na grande área* (1966), de Armando Nogueira, o escritor Otto Lara Resende, assim define a escrita do cronista e seu poder de traduzir em palavras os dribles do “anjo de pernas tortas”: “Armando é, por seu turno, um monomaniaco do futebol, que nele encontra um intérprete sensível e fiel, capaz de recriar, no balanço feliz de uma frase, o ritmo encantatório de um drible de Mané Garrincha”<sup>36</sup>.

Por fim, o eu-lírico conclui a ode ao Maracanã enquanto parte de sua memória e de sua vida:

És, enfim, a vitória e a derrota,  
caprichosa imitação da minha vida.  
E porque és uma parte da minha memória,  
seguirei cantando, comigo, a melodia de teu doce nome.  
Maracanã, Maracanã<sup>37</sup>.

<sup>35</sup> NOGUEIRA. Maracanã, p. 240.

<sup>36</sup> RESENDE. O livro e sua musa, p. 6.

<sup>37</sup> NOGUEIRA. Maracanã, p. 240.

Mesmo décadas antes, Otto Lara Resende já reconhecia esse traço do cronista apaixonado pelo futebol, que partilha das alegrias e das dores dos torcedores, que seria uma marca de sua escrita: "Aqui também, falando de si, o cronista fala de todo mundo. Não está menos sujeito à paixão do que um torturado torcedor de arquibancada, capazes ambos de risos e lágrimas"<sup>38</sup>.

Em 30 de março de 2010, no dia seguinte ao do passamento de Armando Nogueira, aos 83 anos de idade, em decorrência de um câncer no cérebro, cujo corpo foi velado na Tribuna de Honra do Estádio de Futebol Mário Filho, o Deputado Chico Alencar, do PSOL-RJ, pronunciou um discurso na Câmara dos Deputados, um Necrológio, homenageando o jornalista. Além de citar na íntegra o poema "Maracanã", o político também reverenciou a qualidade literária da escrita jornalística de Armando Nogueira: "Conhecia como poucos a poesia da bola, metáfora redonda da 'insustentável leveza' do nosso ser"<sup>39</sup>. Encerramos, aqui, com as palavras de Carlos Heitor Cony: "Armando consegue ser esférico, tal como a bola, perfeita em si, bola que, afinal, é de todos e de cada um de nós"<sup>40</sup>.

## Referências

ALENCAR, Chico. Necrológio do jornalista Armando Nogueira. 30 de mar. 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ALMEIDA, Rosângela de Sena. *De Copa a Copa*: memórias do estádio de futebol do Maracanã. Tese (Doutorado em Memória Social) – UNIRIO. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese36.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CONY, Carlos Heitor. Prefácio. In: NOGUEIRA, Armando. *O canto dos meus amores*. Rio de Janeiro: Dunya, 1998, p. VII.

COSTA, Andréia Cristina de Barros. *Bate bola com a crônica*: o futebol, o jornalismo e a literatura brasileira. Monografia, Juiz de Fora: UFJF, 2001. Disponível em: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/Andr%c3%a9iaBarrosdeCosta1.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

NOGUEIRA, Armando. 1950: 10% da população do Rio no Maracanã. In: NOGUEIRA, Armando; SOARES, João; MUYLAERT, Roberto. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 19-36.

NOGUEIRA, Armando. A voz do tempo. In: NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro:

<sup>38</sup> RESENDE. O livro e sua musa, p. 6.

<sup>39</sup> ALENCAR. Necrológio do jornalista Armando Nogueira, 2010.

<sup>40</sup> CONY. Prefácio, 1998, p. VII.

Objetiva, 2003, p. 13-15.

NOGUEIRA, Armando. Maracanã. *In*: SÉRGIO, Renato. *Maracanã: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, p. 239-240.

NOGUEIRA, Armando. Menino-que-chega. *In*: NOGUEIRA, Armando *et al.* *O mundo é uma bola: crônicas, futebol e humor*. São Paulo: Ática, 2006, p. 8-10.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RESENDE, Otto Lara. O livro e sua musa. *In*: NOGUEIRA, Armando. *Na grande área*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1966, p. 5-6.

SÉRGIO, Renato. *Maracanã: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.





# Futebol como alegoria: os clássicos no jogo e no amor

Erika Marina Nascimento Valentim

## Introdução

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX e, antes da primeira metade do século XX já seria reconhecido como uma das paixões nacionais, assim como a música. E a aproximação entre ambos acontece de muitas formas. O próprio ambiente das partidas é sonoro, com a presença dos cantos das torcidas, os gritos dos jogadores e treinadores, o apito do juiz, as transmissões radiofônicas e as vinhetas dos locutores.

Futebol e música estão intrinsecamente ligados e, se tratando de Brasil, a relação entre essas duas paixões nacionais é tão íntima que encontramos elementos de uma incorporados à outra e vice-versa. Seja em jogadores cantores, como Junior, Pelé ou Ronaldinho Gaúcho, seja em nomes importantes da música popular apaixonados pelo esporte, como Chico Buarque, Moraes Moreira e Jorge Ben Jor, e na linguagem.

A linguagem do futebol, criada por jogadores, narradores e comentaristas, e que foi absorvida, aos poucos, pelas ruas e, conseqüentemente aos dicionários<sup>1</sup>, é tão popular que está incorporada nas conversas cotidianas dos brasileiros e também nas letras de canções. Segundo Fernández,

[i]ncontestavelmente, a divulgação em massa da expressividade da linguagem futebolística fez com que esta linguagem, antes restrita a um grupo profissional determinado, se incorporasse ao vocabulário cotidiano no brasileiro em geral [...] Qualquer

<sup>1</sup> HIDALGO. O futebol na ponta da língua, 2006.

homem comum, aficionado ou não ao futebol, tem relação ativa com este código (utilizando-o fora ou no seu emprego) ou passiva (recebendo-o forçosamente através de mensagens publicitárias ou de outros canais)<sup>2</sup>.

Do ponto de vista da produção musical brasileira relacionada ao futebol, são inúmeras as contribuições dos compositores, talvez porque, como disse Milton Nascimento: “futebol, como qualquer coisa que emociona, é bom tema para a música”<sup>3</sup>.

A utilização do léxico futebolístico é fundamental para estabelecer conexões nas diversas temáticas das canções com o esporte. Algumas canções homenageiam clubes, jogadores e seleções (*Vitorioso Flamengo* – Moraes Moreira, *Meio de campo* – Gilberto Gil, *Canhoteiro* – Zeca Baleiro, *Fio Maravilha* – Jorge Ben Jor, *Povo feliz* – Memeco e Nonô do Jacarezinho), outras celebram o próprio futebol enquanto arte e paixão (*O futebol* – Chico Buarque, *Sangue, suíngue e cintura* – Moraes Moreira, *É uma partida de futebol* – Nando Reis e Samuel Rosa). Os compositores ainda utilizam as letras de suas canções para tratar de assuntos políticos (*Geraldinos e Arquibaldos* – Gonzaguinha) e fazer críticas sociais (*E por falar no Rei Pelé* – Gonzaguinha, *Aqui é o país do futebol* – Milton Nascimento e Fernando Brant, *Brazuca* – Gabriel, o Pensador), entre tantos outros assuntos<sup>4</sup>.

A presente contribuição pretende estudar a linguagem do futebol utilizada como alegoria para a relação amorosa nas canções *Fla X Flu*, de Arlindo Cruz e Franco (1992) e *Galo e Cruzeiro*, de Vander Lee (2006).

## No jogo e no amor

Dentre os diversos temas abordados nas músicas relacionadas a futebol, as relações amorosas parecem ter espaço especial. Nas letras das canções, as divergências entre homem e mulher por causa de futebol é assunto recorrente. Geralmente, a preferência do homem é pelo futebol, o que resulta na mulher tentando agradar o marido para que este fique em casa (*Com açúcar, com afeto; Biscate* – Chico Buarque), separação

<sup>2</sup> FERNÁNDEZ. A mensagem: o futebol – A denotação: futebol-esporte, p. 37.

<sup>3</sup> NASCIMENTO. Minas joga por música, p. 40.

<sup>4</sup> PAÍS DO FUTEBOL (playlist). Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/3719dQZF1DWZRoIPIDpIRj>. Acesso em: 25 mar. 2022.

(*Incompatibilidade de gênios* – Aldir Blanc e João Bosco) e, até mesmo, violência doméstica (*Gol anulado* – Aldir Blanc e João Bosco), quando o marido tira o cinto e bate até cansar na esposa que se revelou torcedora de time adversário.

Dois sambas, *Fla X Flu*, de Arlindo Cruz e Franco (1992), e *Galo e Cruzeiro*, de Vander Lee (2006), chamam atenção pela analogia entre conflitos clássicos do futebol brasileiro e conflitos de uma relação amorosa. Futebol e samba são elementos da construção da identidade social brasileira e sua associação é inegável. É nas canções de samba que a relação e os desacordos amorosos são cantados.

A canção *Fla X Flu* (1992) de Arlindo Cruz e Franco foi composta em duas partes: na primeira, o eu-lírico descreve sua relação com a Guiomar; na segunda, uma briga por causa da Guiomar. O amor do casal era uma grande festa, como o estádio em dia de clássico – “nosso amor era *um Maracanã em dia de Fla X Flu*”<sup>5</sup> –, e a mulher amada, a Guiomar, o principal jogador do time, o meia armador.

Nos dois versos seguintes, o eu-lírico evidencia as atitudes da mulher utilizando termos do jargão do futebol. A Guiomar “*dava bola* o tempo todo [...] deixava louco para *cruzar* [...] *toma lá dá cá*”<sup>6</sup>. A expressão *dar bola* está tão vinculada ao vocabulário brasileiro que o falante nem pensa em usar seu sinônimo, que é dar atenção. Este é um exemplo de que: “[n]a vida do brasileiro, o futebol está tão presente que boa parte de seu léxico nem chega a constituir algo artificial, um ‘futebolês’, uma terminologia [...] é linguagem, linguagem comum a todo brasileiro”<sup>7</sup>. Nestes versos, é interessante observar a ambiguidade do termo *cruzar*, que pode ser compreendido tanto como lance em que o jogador, com sincronismo e entrosamento, lança a bola na área quanto acasalar.

Em “*matava no peito, descia pra coxa, tocava no meio, voleio e gol*”<sup>8</sup>, as características das narrações de jogo no rádio são remontadas. O gol é o momento máximo do jogo e do sexo, em que os envolvidos

<sup>5</sup> ALCIONE. *Fla X Flu*. Grifos meus.

<sup>6</sup> ALCIONE. *Fla X Flu*. Grifos meus.

<sup>7</sup> LAUAND. Muitas palavras numa só jogada, p. 15.

<sup>8</sup> ALCIONE. *Fla X Flu*. Grifos meus.

precisam realizar jogadas coletivas e dependentes de suas habilidades<sup>9</sup>, pois “trata-se de uma explosão de alegria que em sua intensidade e duração só pode ser comparada a um orgasmo, mas um orgasmo desses muito bem sucedidos”<sup>10</sup>.

Em seguida, uma briga é descrita, talvez com um amigo (ou outro jogador) evocando a dicotomia entre torcedores do Flamengo e do Fluminense – “tava muito mais para *urubu* do que para *pó de arroz*”<sup>11</sup> – e o resultado comum dos clássicos – “tava 2x2, mas no final você me atrasou”<sup>12</sup>. Então, “convocando a *linha burra*, me parou, me derrubou”<sup>13</sup>, o suposto “outro” coloca o eu-lírico, que estava em posição de ataque, em impedimento e este eu-lírico assume a posição de torcedor, que xinga o juiz e sua mãe.

Outra evocação da narrativa do futebol na canção é a da torcida, representada pela “turma da geral” que repete o coro, que “grita Uf” e que briga. No verso, “a *arquibancada* ficou à *Bangu*”<sup>14</sup>, a locução à *Bangu* significa desarranjo, uma bagunça e é comum no léxico carioca<sup>15</sup>. Na versão gravada pela cantora Alcione (1994), após estes versos entra o canto das torcidas, sinalizando o fim da partida.

A canção *Galo e Cruzeiro*, composta por Vander Lee (2006), descreve, com bom humor, a relação entre o eu-lírico, torcedor do Clube Atlético Mineiro, e sua amada, uma torcedora do Cruzeiro Esporte Clube. Vander Lee, que era atleticano, afirmou que a canção não representa uma realidade e contou, em entrevista, que a situação foi tirada do cotidiano: “[f]iz um trocadilho entre o futebol e a relação de um casal para ter um duplo sentido, mas nunca namorei uma cruzeirense. Não que eu saiba e também nunca briguei por futebol”<sup>16</sup>.

<sup>9</sup> AZOUBEL NETO. A magia do gol, 2010.

<sup>10</sup> AZOUBEL NETO. A magia do gol, p. 41.

<sup>11</sup> ALCIONE. *Fla X Flu*. Grifos meus.

<sup>12</sup> ALCIONE. *Fla X Flu*. Grifos meus.

<sup>13</sup> ALCIONE. *Fla X Flu*. Grifos meus.

<sup>14</sup> ALCIONE. *Fla X Flu*. Grifos meus.

<sup>15</sup> SANTOS JUNIOR. À moda Bangu: estigmas, futebol e lazer, 2014.

<sup>16</sup> ARAÚJO. Música é ingrediente adicional na rivalidade entre Atlético/MG e Cruzeiro, 2011. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/mineiro/ultimasnoticias/2011/05/06/musica-ingrediente-adicional-na-rivalidade-entre-atletico-mg-e-cruzeiro.jhtm/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Mais uma vez, o ritmo do samba foi escolhido e o canto da torcida é usado como elemento no arranjo musical. A relação estabelecida com futebol apresenta-se a partir da terceira estrofe e, assim como na canção de Arlindo Cruz e Franco (1992), o *cruzamento* aparece com sentido ambíguo: “[n]a hora do *cruzamento*, ela deu *impedimento* ou *falta no goleiro*”<sup>17</sup>. Podemos concluir, inclusive, que a jogada não foi feliz, não houve o orgasmo bem sucedido, ou seja, o gol, conforme demonstrado anteriormente.

A estrofe seguinte comprova o fracasso do eu-lírico: “[c]om o *gol anulado*, *saí do gramado*, *voltei pro chuveiro*”<sup>18</sup>. O futebol é alegoria para diversas situações da vida, e como “[...] manancial inesgotável de metáforas, utilizadas até por aquelas (e aqueles...) que não tem interesse por esse esporte”<sup>19</sup>, até mesmo o ouvinte que não gosta ou não conhece futebol compreende que o eu-lírico saiu de campo, teve que desistir.

Nos versos “caí de *centroavante*, pra *médio-volante*, agora sou *zagueiro*”<sup>20</sup>, compreendemos que o eu-lírico foi, aos poucos, perdendo créditos com sua amada. Fazendo analogia com o jogo não oficial, a pelada, ele perdeu posições. No entanto, uma outra possível interpretação é de que a estratégia foi alterada, ou seja, mudou de ataque para defesa. A definição da tática é fundamental para ganhar o jogo.

A tática deve ser aplicada de acordo com o adversário que se enfrenta. Como na guerra. As táticas se modificam de acordo com o terreno, com sua topografia, com o valor material do inimigo, e com outros elementos que devem ser levados em conta<sup>21</sup>.

Pensando na metáfora de que futebol é guerra, o eu-lírico, que está em desvantagem, altera sua tática diante do adversário mais forte, a mulher amada.

<sup>17</sup> LEE. *Galo e Cruzeiro*. Grifos meus.

<sup>18</sup> LEE. *Galo e Cruzeiro*. Grifos meus.

<sup>19</sup> LAUAND. Muitas palavras numa só jogada, p. 15.

<sup>20</sup> LEE. *Galo e Cruzeiro*. Grifos meus.

<sup>21</sup> PIMENTA *apud* FRANCO JÚNIOR. Metáfora linguística, p. 239.

Nos versos finais, o eu-lírico mostra que é a amada quem estabelece regras no relacionamento (“ela apita esse jogo”), mas que ele ainda ganha pontos (“no seu coração ainda sou artilheiro”).

Analisando a composição como um todo, há sempre uma desvantagem para eu-lírico e sua justificativa para essa situação é de que “isso tudo porque, meu irmão, eu sou Galo e ela é Cruzeiro” ou “só faz isso porque eu sou Galo e ela é Cruzeiro”. Podemos ter em conta que o compositor reconhece a superioridade da mulher amada no relacionamento, assim como certa superioridade do Cruzeiro em relação ao Atlético nos clássicos do futebol mineiro, mas também consideramos uma interpretação mais despretensiosa, em que o eu-lírico é atleticano somente porque o próprio compositor se declarava torcedor do Clube Atlético Mineiro.

## Considerações finais

O futebol e a música são parte da identidade nacional. Por conta de sua relação estreita, ambos são elementos para contar a história do povo brasileiro a partir do início do século XX, quando futebol ganha força e as tecnologias radiofônicas popularizam a música.

A análise das canções *Fla X Flu*, de Arlindo Cruz e Franco (1992) e *Galo e Cruzeiro*, de Vander Lee (2006), aqui proposta é apenas uma abordagem de trabalho no vasto campo música/futebol. Isso porque o acervo musical sobre futebol é rico e as temáticas a serem trabalhadas são inúmeras.

## Referências

ALCIONE. *Fla X Flu*. Compositor: Arlindo Cruz e Franco. In: ALCIONE. Brasil de Oliveira da Silva do Samba. Brasil: BMG Brasil, 1994.

ARAÚJO, Guyanne. Música é ingrediente adicional na rivalidade entre Atlético/MG e Cruzeiro. *UOL Esportes*. 06 maio 2011. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/mineiro/ultimas-noticias/2011/05/06/musica-e-ingrediente-adicional-na-rivalidade-entre-atletico-mg-e-cruzeiro.jhtm/>. Acesso em 13 mar. 2021.

AZUBEL NETO, David. A magia do gol. In: AZUBEL NETO, David. *O futebol como linguagem: da mitologia à psicanálise*. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2010, p. 35-44.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. de Oliveira. A mensagem: o futebol – A denotação: futebol-esporte. In: FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. de Oliveira. *Futebol: fenômeno linguístico*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1974, p. 15-38.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Metáfora linguística. *In*: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 348-392.

HIDALGO, Luciana. O futebol na ponta da língua. *Futebol & Linguagem*. Edição especial da revista Língua Portuguesa, São Paulo, ano 1, abr. 2006, p. 9-13.

LAUAND, Luiz Jean. Muitas palavras numa só jogada. *Futebol & Linguagem*. Edição especial da revista Língua Portuguesa, São Paulo, ano 1, abr. 2006, p. 14-15.

LEE. *Galo e Cruzeiro*. Compositor: Vander Lee. *In*: LEE, Vander. *Pensei que fosse o céu*. Brasil: Indie Records, 2006.

NASCIMENTO, Milton *apud* MINAS joga por música. *Revista Placar*, 30 jul. 1982, p. 38-40. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=4Z1mpGP\\_gmcC&pg=PA40&dq=m%C3%BAAsica&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi46bzg1qjvAhVuILkGHabHApIQUwUwAXoECAAQBg#v=onepage&q=m%C3%BAAsica&f=true](https://books.google.com.br/books?id=4Z1mpGP_gmcC&pg=PA40&dq=m%C3%BAAsica&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi46bzg1qjvAhVuILkGHabHApIQUwUwAXoECAAQBg#v=onepage&q=m%C3%BAAsica&f=true). Acesso em: 11 mar. 2021.

PAÍS do futebol. [s.d.]. Spotify (playlist). Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/37i9dQZF1DWZRoIPIDpIRj>. Acesso em 11 mar. 2021.

SANTOS JR, Nei Jorge. À moda Bangu: estigmas, futebol e lazer. *História(s) do Sport* (blog), 04 ago. 2014. Disponível em: <https://historiadoesporte.wordpress.com/2014/08/04/a-moda-bangu-estigmas-futebol-e-lazer/>. Acesso em 11 mar. 2021.





# **A linguagem da crônica esportiva de Nelson Rodrigues: *O Eichmann do apito* e *Bicampeões do mundo***

Fernanda Malbar Musiello Barcellos

## **Introdução**

A linguagem da crônica de Nelson Rodrigues contribui para a formação das diversas interpretações sobre o futebol brasileiro. Sob essa perspectiva, mostra-se relevante discorrer sobre duas dessas narrativas, “O Eichmann do apito” e “Bicampeões do mundo”, comparando as características de Rodrigues que permeiam os textos das crônicas, por meio da análise do contexto histórico e da linguagem empregada.

Diante do contexto da Copa do Mundo de 1962, o autor imortalizou, pelo uso da linguagem, os feitos dos jogadores brasileiros nas partidas contra o Chile e a Checoslováquia, especialmente o brilhantismo do santo Mané Garrincha e a profecia da vitória no jogo final. É nesse sentido, então, que esta contribuição visa à análise dos enredos de duas emblemáticas obras de Rodrigues como forma, também, de destrinchar a história do futebol.

## **A crônica esportiva e a linguagem hiperbólica de Nelson Rodrigues**

A crônica, segundo Marcelino Rodrigues da Silva<sup>1</sup>, surgiu no Brasil no decorrer do século XX, nos folhetins dos jornais, ou seja, em espaços desses periódicos dedicados a narrativas literárias. Nesse sentido, enquanto os textos jornalísticos eram pautados pela objetividade e pela realidade,

<sup>1</sup> SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, 1997.

e vinculados ao caráter informativo, as crônicas desenvolviam o papel do entretenimento do leitor.

Destaca-se, de acordo com Silva<sup>2</sup>, que esse gênero narrativo apresenta características próprias da interseção entre Literatura e Jornalismo, a partir da utilização, por exemplo, do subjetivismo, da linguagem simples e coloquial, do texto curto, além da verossimilhança e do uso de figuras de linguagem. Ademais, a crônica narrativa pode assumir diversas temáticas e, com isso, provocar o leitor à reflexão e ao entretenimento. Dentre as diversas tipologias, salienta-se a crônica esportiva com nomes de impacto no cenário brasileiro, como Mário Filho, Nelson Rodrigues, João Saldanha, Luis Fernando Veríssimo e Armando Nogueira.

Ainda de acordo com Silva<sup>3</sup>, a crônica esportiva, especificamente em relação ao futebol, solidificou-se e ganhou importância substancial no País com o crescente processo de popularização desse esporte. Ao longo da história, a partir dessa perspectiva do autor mencionado, a flexibilidade do uso da linguagem permitiu diversas interpretações do jogo e, com isso, “o futebol deixa de ser apenas um esporte e adquire uma dimensão de representação, ‘uma ressonância alegórica’, tornando-se uma ‘metáfora de situações universais’”<sup>4</sup>.

Especificamente quanto às produções de Nelson Rodrigues, Proença<sup>5</sup>, ressalta o tom hiperbólico do autor, marcado por adjetivações, comunicação direta entre cronista e leitor, aforismos, provérbios, parcialidade, saudosismo e diversas outras características. Capaz de transformar o jogo em espetáculo, é esse estilo de Rodrigues que cria, por meio da linguagem, uma narrativa que se posiciona a favor do lúdico em contraposição à objetividade dos textos jornalísticos. Nesse sentido, Proença observa:

E, a partir de uma postura assim, diante das coisas, o espírito crítico do autor vem à tona na defesa dos “eu” e desse subjetivo (afinal, somos sujeitos, e não objetos). E investe contra os idiotas da objetividade, a atitude científica “neutra” diante do futebol – a própria

<sup>2</sup> SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, 1997.

<sup>3</sup> SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, 1997.

<sup>4</sup> SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 38.

<sup>5</sup> PROENÇA. *Futebol e Palavra*, 1981.

imprensa é um dos alvos prediletos da ironia do autor vocabulário com que ele rotula alguns comentaristas do futebol. [...] O célebre “entre o céu e a terra...” encontra em Nelson variantes inúmeras, e todas admitindo o transcendental, o “estranho” e o fantástico – em suma, o que não é previsível e menos ainda explicável (a razão passa a ser, para o autor, o irracionalismo)<sup>6</sup>.

Dessa forma, permeados por figuras de linguagem, os textos de Nelson Rodrigues relatam diversos jogos marcantes da história do futebol, além daqueles que se tornaram emblemáticos graças à narrativa do cronista.

## **Contexto histórico: Copa do Mundo de 1962**

Antes de discorrer sobre as interpretações das crônicas “O Eichmann do apito”<sup>7</sup> e “Bicampeões do mundo”<sup>8</sup>, de Nelson Rodrigues, mostra-se fundamental destacar as circunstâncias das partidas históricas da semifinal e da final da Copa do Mundo de 1962. Nesse contexto, tais jogos são objeto das narrativas, destacando-se a luta do Brasil pelo bicampeonato mundial de futebol, após o primeiro título em 1958.

No dia 13 de junho de 1962, em Santiago/Chile, Brasil e Chile disputavam a semifinal do evento. A Seleção Brasileira abriu o placar com dois gols de Manoel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, aos 9 e 32 minutos do primeiro tempo. Embora Jorge Toro, jogador chileno, tenha diminuído a vantagem em uma cobrança de falta aos 41 minutos da primeira etapa, Vavá ampliou o placar para a Seleção Brasileira aos 48.

No segundo tempo, Leonel Sánchez marcou para o Chile de pênalti, enquanto Vavá sacramentou a vitória brasileira aos 78 minutos. Todavia, a principal polêmica do jogo envolveu a arbitragem que expulsou Garrincha aos 80 minutos, após sinalizar agressão do brasileiro a um adversário. Na saída do campo, Mané ainda foi atingido na cabeça por um objeto lançado ao gramado pela torcida.

Em terras chilenas, contra o time da casa, Mané Garrincha brilhou e levou a Seleção Brasileira à final da Copa do Mundo de 1962. Sob essa

<sup>6</sup> PROENÇA. *Futebol e Palavra*, p. 36.

<sup>7</sup> RODRIGUES. O Eichmann do apito, 1992.

<sup>8</sup> RODRIGUES. Bicampeões do mundo, 1992.

perspectiva, Marcelo Monteiro, jornalista do Globoesporte, relatou a atuação espetacular do jogador:

[...] Mas Garrincha precisou de apenas nove minutos para reduzir a animação dos torcedores locais. Com um chute de canhota (sim, de perna esquerda) da entrada da área, o ponta-direita mandou a bola no ângulo, abrindo o placar para o Brasil. Aos 32, Garrincha deu bis do que havia feito contra a Inglaterra, aparecendo na área para completar de cabeça um escanteio cobrado por Zagallo: Garrincha 2... ou melhor: Brasil 2 a 0<sup>9</sup>.

Ao fim da partida, com o placar de 4X2 para o Brasil, a Seleção se encaminhava para mais uma decisão de título mundial.

Já no dia 17 de junho de 1962, no Estádio Nacional, também em Santiago/Chile, na presença de 68.679 pagantes, mais um dia entrava para a história do futebol canarinho. De fato, sem a presença do craque Pelé – fora por contusão – as diversas estrelas do Brasil despontavam como figuras emblemáticas para a conquista do título. Se na semifinal Garrincha assumiu o protagonismo absoluto, na decisão, com gols de Amarildo, Zito e Vavá, a disputa era ainda acirrada.

Aos 15 minutos do primeiro tempo, Masopust abriu o placar para a Checoslováquia. Em seguida, aos 17 minutos, Amarildo faz jogada individual e empata para o Brasil. No segundo tempo, em cruzamento de Amarildo, Zito vira o jogo para a Seleção Brasileira, aos 69 minutos, enquanto Vavá sacramenta a vitória aos 78 minutos em falha grosseira do goleiro da Checoslováquia. Dessa forma, o Brasil conquistava o bicampeonato mundial de futebol.

### ***O Eichmann do apito, de Nelson Rodrigues***

A crônica "O Eichmann do apito"<sup>10</sup> relata as emoções do torcedor na partida histórica da semifinal da Copa do Mundo de 1962. Nesse contexto, ressalta-se o típico estilo hiperbólico da linguagem que Nelson Rodrigues utiliza em suas crônicas, capaz de santificar Garrincha e eternizar a conquista da Seleção Brasileira.

<sup>9</sup> JOGOS inesquecíveis da Copa: Garrincha x Chile em 62: gols, expulsão e até pedrada, 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/jogos-inesqueciveis-da-copa-garrincha-x-chile-em-62-gols-expulsao-e-pedrada.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

<sup>10</sup> RODRIGUES. O Eichmann do apito, 1992.

No início da narrativa, as palavras “colossal” e “selvagem” são utilizadas para caracterizar a vitória do Brasil em Santiago/Chile. De fato, dentro do estádio lotado de torcedores chilenos, Rodrigues exalta o triunfo do time visitante pelos pés de Garrincha. Mais do que isso, o autor cria uma atmosfera de santificação dos jogadores, principalmente o Mané, utilizando expressões e vocábulos como “santo de vitral”, “toque de martírio”, “mártir”, “são Francisco de Assis” e “são Sebastião”.

Em contraposição ao santo Mané Garrincha, a crônica concede o papel de vilão à arbitragem da partida. Ao expulsar o jogador aos 80 minutos, o juiz assume o protagonismo e, nesse contexto, Rodrigues, ainda permeado por hipérboles, apresenta a atuação do árbitro com as palavras “crueldade”, “lúgubre cinismo”, “Judas” e “Eichmann do apito”, por exemplo.

Mostra-se fundamental analisar, especificamente, a expressão “Eichmann do apito”, uma vez que é o nome da crônica. No regime nazista, Otto Adolf Eichmann integrou o Serviço de Segurança da Reichsführer SS, sendo um dos responsáveis pelo holocausto. Retratado na obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, de Hannah Arendt<sup>11</sup>, o julgamento do alemão ocorreu em 1961 e, posteriormente, ele foi condenado à morte por crimes cometidos na vigência do autoritarismo hitleriano.

Em “O Eichmann do apito”, a comparação estabelecida entre o árbitro e o indivíduo condenado pela participação no holocausto demonstra exatamente o caráter hiperbólico da narrativa do autor. Com a expulsão de Garrincha em partida histórica, o juiz poderia ser responsável pela ausência, na final da Copa do Mundo, do melhor jogador daquela Seleção Brasileira, considerando que Pelé já estava contundido. Embora o craque tenha jogado a disputa do título contra a Checoslováquia por diversas razões, como o sumiço da súmula do jogo contra o Chile, o fato é que o cartão vermelho possivelmente tiraria o “homem genial do Brasil”, nos termos de Nelson Rodrigues, da partida decisiva.

Portanto, a crônica “O Eichmann do apito” coloca em contraposição Garrincha, santificado pela atuação brilhante na Copa, e o árbitro, o vilão

<sup>11</sup> ARENDT. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, 1999.

que expulsou o craque do jogo. Permeado por hipérboles, a narrativa de Nelson Rodrigues eternizou a semifinal da Copa do Mundo de 1962.

### ***Bicampeões do mundo, de Nelson Rodrigues***

A histórica final da Copa do Mundo de 1962 não contou com as polêmicas envolvendo a arbitragem se comparada com a semifinal do torneio. Sob essa perspectiva, embora a narrativa de Nelson Rodrigues ainda estabeleça papéis bem definidos de heroísmo e vilania, o juiz não é figura marcante no enredo.

Em primeira análise, o “herói” do título não está presente em uma única personagem. Evidentemente, sem o protagonismo absoluto de Garrincha, como na semifinal, salienta-se que o brilhantismo do grupo desponta com preponderância. Entretanto, de qualquer forma, Amarildo, sempre permeado por hipérboles características de Rodrigues, surge na história como “o novo Pelé” e o “Possesso”.

Como dito, sem Pelé, a Seleção é exaltada como “folclórica” e “divina”. Amarildo, dotado de um “ímpeto sagrado”, junto com Garrincha, “o gênio”, além de Zito e Vavá, protagonistas de uma final já profetizada, levam os brasileiros ao triunfo no evento esportivo mais importante do ano. Também, as hipérboles de Nelson Rodrigues concedem o papel do vilão à equipe adversária, embora o clima de batalha não seja a característica mais impactante da narrativa, como ocorreu na crônica “O Eichmann do apito”.

Cabe analisar, em evidência, que o ponto essencial da construção do enredo permeia a atmosfera dos torcedores com o título mundial. Comparados a profetas, o autor demonstra a confiança da arquibancada, composta por 75 milhões de brasileiros em todo o território nacional, com o bicampeonato mundial. Mais do que isso, antes mesmo do início da partida, Rodrigues já compara o brasileiro à Joana d’Arc e ao São Jorge, uma vez que, certos do futuro triunfo, cada cidadão se transformava em herói, rei e divindade com a conquista da Copa do Mundo.

Outro ponto relevante diz respeito à comparação das potências mundiais da época com o novo campeão mundial no futebol. Em 1962, em plena vigência da Guerra Fria, a polarização entre socialismo e capitalismo se evidenciava na contraposição entre Estados Unidos e União

Soviética, as grandes potências do momento. Nesse contexto, ao final da narrativa, Nelson Rodrigues caracteriza o brasileiro como “o maior homem do mundo” e afirma que as grandes nações agora seriam passado. A vitória no esporte, pelas palavras do autor, torna-se ainda maior, sendo hiperbolizada e exaltada.

## **Considerações finais**

Conclui-se, a partir do contexto histórico e da narrativa das crônicas em questão, que a linguagem está estreitamente ligada com a história do futebol brasileiro. Nesse aspecto, mais do que jogos marcantes do esporte, os textos de Nelson Rodrigues conferiram mais interpretações às partidas, sintetizando o sentimento do torcedor brasileiro diante da atuação de Garrincha, das atitudes da arbitragem e da expectativa do título mundial.

Em relação à linguagem de Rodrigues, o estilo hiperbólico, marca da escrita do autor, é responsável pela associação de Mané Garrincha à santidade, enquanto o árbitro é aproximado à vilania. Ao estabelecer papéis bem definidos para cada indivíduo na narrativa, há uma nova interpretação daquilo que ocorreu de verdade no jogo, uma vez que os acontecimentos se mostram permeados pela visão do autor.

Já no segundo enredo, a obra “Bicampeões do mundo” demonstra o sentimento de vidência da torcida no que se refere ao título da Copa do Mundo de 1962. Se o brasileiro não poderia ser comparado às potencialidades mundiais no campo econômico, político e social, por exemplo, o futebol proporcionaria o *status* de grande potência ao Brasil, conforme conferido por Nelson Rodrigues.

Por fim, a importância da linguagem na construção da história do futebol também se configura nesse sentido, visto que, a partir das produções artísticas, a partida perde a objetividade dos textos jornalísticos e assume cada vez mais as características das famosas narrativas. Portanto, enquanto Mané Garrincha, com o apoio da linguagem, deixa de ser mero jogador e torna-se o “homem genial”, o Brasil “tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões”<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> RODRIGUES. Bicampeões do mundo, p. 78.

## Referências

ARENDETT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MONTEIRO, Marcelo. Jogos inesquecíveis da Copa: Garrincha x Chile em 62: gols, expulsão e até pedrada. *Globo Esporte*, 11 abr. 2018. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/jogos-inesqueciveis-da-copa-garrincha-x-chile-em-62-gols-expulsao-e-pedrada.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2021.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RODRIGUES, Nelson. Bicampeões do mundo. *In: RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Seleção e notas: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 77-78.

RODRIGUES, Nelson. O Eichmann do Apito. *In: RODRIGUES, Nelson. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Seleção e notas: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 75-76.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.



# **Combinado Paulista é Brasil!**

## **A imprensa patriótica na cobertura da partida de futebol entre paulistas e All-Whites em 1906**

Francisco Brinati

A trajetória da Seleção Brasileira masculina de futebol é contada pela narrativa oficial desde a partida que envolveu jogadores cariocas reforçados pelos paulistas diante do Exeter City da Inglaterra, em 1914, no Estádio de Laranjeiras, no Rio. Naquele momento, já havia uma cobertura da imprensa organizada em torno do esporte, e para jogos de “brasileiros *versus* estrangeiros” um modelo que hoje é considerado comum de se associar o torcer pelo selecionado nacional a um ato de patriotismo. Para entender o desenvolvimento deste fazer jornalístico, precisamos voltar alguns anos no tempo, antes mesmo de se ter um “*scratch* nacional” oficial. Com as dificuldades de deslocamento entre os estados e de associar elementos integrantes de variadas ligas estaduais, era comum a formação de combinados – que poderiam ser regionais, entre brasileiros e estrangeiros que atuassem no país, entre outros tipos – para disputas contra equipes internacionais.

Na virada do século XIX para o XX, o interesse pelo futebol era evidente. No início dos anos 1900, ele começava a desbancar outros esportes na preferência dos paulistanos, fato que merecia destaque nos periódicos. As corridas de cavalos – que ao lado do ciclismo, entre outros tipos de esporte eram as práticas mais populares – estavam numa fase decadente pelas questões financeiras que envolviam a disputa. É o que relatou este texto de retrospectiva do ano de 1905 no jornal *Correio Paulistano*:

Entretanto, si, devido à crise, o turf não teve o desenvolvimento que seria de desejar, não se pode dizer o mesmo de outros ramos de sport, que não demandam de grandes recursos e que nem por isso deixam de ser excessivamente uteis à mocidade; esses tomaram grande incremento. Estão nesse caso, em primeiro lugar, o football, que empolgou de vez a nossa sociedade<sup>1</sup>.

Assim, o futebol já teria, em 1906, um número alto de praticantes e assistência e, com isso, se mostrava um instrumento capaz de propagar significados na sociedade. Os dirigentes, em busca de aumentar cada vez mais a influência do esporte, agiram ao encontro de unir a representação do jogo ao modelo do “novo brasileiro”. Para isso, era preciso construir símbolos que vinculassem o futebol ao país.

Ao tomar conhecimento de uma viagem do time sul-africano formado por atletas ingleses, o “All-White”, pela Argentina, Charles Miller fez o convite em nome da Liga Paulista de Foot-Ball, LPF. Era a possibilidade de, pela primeira vez, uma equipe estrangeira vir ao país convidada para desafiar atletas brasileiros. Dois anos antes, em 1904, houve uma tentativa frustrada de trazer o Nottingham Forest Football Club ao Brasil. O time também excursionava em terras platinas. Os jornais da época divulgaram o interesse pelo “match” e as “maravilhas” que os britânicos fariam nos gramados daqui. Um selecionado de jogadores paulistas chegou a ser formado e obrigado a treinar. “Esses treinos foram memoráveis; então, poucos ‘matches’ do campeonato conseguiram uma concorrência como esses exercícios tiveram”<sup>2</sup>. Contudo, a embarcação não passou pelo litoral de Santos/SP e o jogo não aconteceu.

O telegrama dos representantes sul-africanos aceitando o convite do que seria a primeira partida internacional organizada no eixo Rio-São Paulo mereceu destaque na imprensa das duas cidades, despertando a ansiedade em torno do jogo. E, apesar de confirmar que “os jogadores sul-africanos não são profissionaes como a princípio se supunha”, era uma equipe formada por “distintos cavalheiros amadores de football”<sup>3</sup>. À época, o esporte era uma maneira de representar o “homem disciplinado”, de elite, ciente dos bons costumes e das tradições europeias. Eram

<sup>1</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

<sup>2</sup> MAZZONI. *História do Futebol no Brasil, 1894-1950*, 1950, p. 55-56.

<sup>3</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

os *sportmen*. Exemplos para uma sociedade ainda nas convulsões resultantes de processos como o fim da escravidão, a formação da República, o poder de oligarquias e a construção de um pensamento nacional. À imprensa, com os interesses por trás, sejam eles de demarcação social, de defesa ou ataque ao regime republicano, narrativa de disputas bairristas ou de patriotismo, cabia o trabalho, de acordo com suas escolhas jornalísticas, de “ornamentar” a sociedade e seu cotidiano. Esses eventos esportivos eram vistos como campos de significações que poderiam gerar identificação com os elementos retratados pelas páginas dos jornais.

Esse tipo de duelo contra estrangeiros – ainda mais sendo atletas do país fundador do *Association* – era uma oportunidade de demonstrar a “força” do nacional, numa guerra imaginada entre as linhas do gramado, disciplinada dentro do processo civilizatório que vivíamos na virada daquele século. Eventos como esse eram vistos como um canal onde sentimentos de pertencimento ao país e de identificação com os símbolos nacionais eram exacerbados.

Ainda não se podia mensurar como seria essa influência do jogo como um fenômeno sociocultural, mas, sim, a interferência da mídia na percepção de uma realidade social construída pelo seu público. Tanto o leitor direto como as pessoas que tinham contato ouvindo as leituras de outras dos textos acessavam uma “realidade” contada pelos jornais que poderiam contribuir nesse imaginário que cada um deles tinha do real.

A turnê sul-americana do *All-White* – equipe que, como diz o nome, só possuía em seu elenco atletas ingleses brancos, um dos retratos de diversos conflitos étnicos e de segregação que envolve o continente africano com os seus colonizadores europeus – veio no mesmo momento de uma outra viagem: a primeira do então recém-eleito presidente da República, o magistrado mineiro Afonso Pena, a São Paulo. A Liga Paulista conseguiu encaixar a partida dentro de uma série de eventos que marcaria essa passagem do presidente pelo estado após a sua eleição, e antes da posse.

Os jornais paulistanos passaram a retratar o amistoso como um evento social e político: “Como se sabe, o match do dia 31 será em honra

do sr. dr. Afonso Pena e promete ser deslumbrante”<sup>4</sup> e “A disputa que hoje se realiza no ground do Velódromo Paulista [...] em homenagem ao eminente dr. Afonso Pena, se reveste da máxima importância e do mais alto brilhantismo”<sup>5</sup>.

Na construção de um repertório de cobertura das equipes nacionais pela imprensa, podemos analisar num primeiro olhar que, àquela época, valorizava-se os times de fora com o uso de adjetivos elogiosos como “o magnífico team Sul-Africano”<sup>6</sup> e relatava o interesse dos brasileiros – tanto assistência quanto jogadores – em aprender as técnicas e táticas do esporte com os atletas estrangeiros.

A entidade promotora da partida, a LPF, era responsável por organizar o futebol em São Paulo e convocou um selecionado de jogadores que atuavam no estado. Mas nem todos os melhores atletas estiveram na equipe. O Palmeiras (não o atual, mas a Associação Atlética das Palmeiras, extinta em 1929), considerado favorito ao título estadual de 1906, mas que ficou sem o troféu por desavenças durante o torneio, ainda estava brigado com a liga e não permitiu a participação no selecionado de seus atletas, que estavam entre os melhores do estado na época.

Mesmo com a ausência de alguns *cracks* paulistanos, o jogo atraiu a atenção do público e da imprensa. De acordo com o jornalista e pesquisador do futebol brasileiro, Tomás Mazzoni, o

Velódromo ficou abarrotado, nunca se vira até então tanta gente na maior praça de esportes da época, como nessa tarde. A fina flor da alta sociedade paulista ocupava as arquibancadas. A torcida, por sua vez, não deixou vago um único palmo de terreno do Velódromo. Apenas o gramado ficou livre<sup>7</sup>.

Todos os bilhetes teriam sido vendidos, num público formado por “distintas famílias e cavalheiros de escól paulistano além de enorme multidão que, sem exaggero, calculamos em seis mil pessoas”<sup>8</sup>. Quem

<sup>4</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

<sup>5</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

<sup>6</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

<sup>7</sup> MAZZONI. *História do Futebol no Brasil, 1894-1950*, 1950, p. 64.

<sup>8</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 3.

não conseguiu ingresso, pôde acompanhar o desenrolar do amistoso em lojas pela cidade, como no anúncio: “[...] estabelecerá comunicação com aquele local e a sua loja, à praça Antonio Prado, de modo que o andamento do jogo será transmittido para a cidade, sendo annunciados na vitrine da loja os goals e as peripécias mais importantes”<sup>9</sup>.

Resultado da expectativa em torno do evento, encontrada em jornais como o *Gazeta de Notícias*, sediado no Rio, e que naquela data reproduziu um texto d’*O Estado de S. Paulo*:

Amanhã, a julgar pela grande anciedade que reina no nosso mundo sportivo, o Velódromo vai ficar repleto de assistentes, como nunca. Pela primeira vez, vamos assistir a um match de foot-ball de profissionaes, em que o jogo de conjuncto, isto é, a combinação de passes, a velocidade, a destreza e a precisão é tudo, e o jogo individual, as bellezas isoladas, o egoismo pessoal, nada<sup>10</sup>.

Aqui, já são notadas duas características da imprensa esportiva da época: a de criticar o estilo individualista de jogadores e a de valorizar os atletas de futebol de fora do país, colocados como superiores, com qualidades que seriam inéditas ao esporte praticado pelos brasileiros. A pouca prática da modalidade no país seria um dos motivos do atraso brasileiro, segundo matéria d’*O Estado de S. Paulo* republicada na *Gazeta de Notícias*: “Iniciados há pouco tempo no foot-ball e não tendo, por consequência, attingido o maximo de perfeição a que podem attingir, os footballers de S. Paulo muito terão a lucrar com a visita dos distinctos *sportmen* ingleses”<sup>11</sup>.

O amistoso fora carregado de atos simbólicos como bandeiras no local da partida e a presença de dirigentes da Liga Paulista recebendo autoridades e políticos como o presidente do estado de São Paulo, Jorge Tibiriçá, além do presidente da República, o principal homenageado da tarde.

O *Correio Paulistano* relatou a reação à presença de Afonso Pena: “Quando o nosso eminente hospede assomou no pavilhão, foi delitantemente saudado por uma demorada salva de palmas, vivas e

<sup>9</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 3.

<sup>10</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 3.

<sup>11</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 3.

aclamações”<sup>12</sup>. Constava nas páginas do periódico ainda que o presidente eleito estava encantado com a empolgação do público pelo esporte:

O decidido apreço em que a nossa população tem o sport cultivando-o com entusiasmo, não era ainda conhecido de perto por s. exa., que, presenciando hontem o delírio com o qual as archibancadas do Velódromo, por innumeráveis mãosinhas distinctamente enludadas, applaudiam nervosamente os passes mais difíceis dos foot-balls, conheceu bem definida essa nova face que caracteriza o S. Paulo de hoje<sup>13</sup>.

O jornal destacou que, entre o primeiro e o segundo tempo, também foi servido “um ligeiro lunch e uma taça de champagne” onde “O dr. Afonso Pena agradeceu o brinde e felicitou a Liga Paulista pelo brilhantismo do match”, além de parabenizar o goleiro Tutu Miranda pela exibição nos primeiros 45 minutos da partida<sup>14</sup>. Emblemático o fato deste jogo, o primeiro de um selecionado paulista contra um *team* estrangeiro, ser em homenagem ao representante máximo do país.

Outra característica marcante na cobertura da imprensa são as maneiras variadas de se retratar a equipe paulista. Independente de não constar em seu *scratch* jogadores de times fora de São Paulo representando outras partes do país, parte da imprensa paulista chamou a equipe de “selecionado brasileiro”. Era uma forma de enaltecer a disputa.

Já a imprensa da então capital federal, o Rio de Janeiro, deixava claro que o selecionado não representava todo o país, mas sim um combinado de paulistas em manchetes como a do *Jornal do Brasil* sobre a partida: “Match internacional – S. Paulo v África do Sul”. E o texto seguido reforçando: “Realizou-se hontem em S. Paulo o grande match internacional de Association entre o formidável team do South Africa Football Association e o *scratch* team paulista, organizado de laureados foot-balls dos clubs filiados à Liga Paulista”<sup>15</sup>. Ou no *Gazeta de Notícias*, ao optar por “South African versus scratch paulista”.

Mas a escolha por expressões que vinculassem o combinado paulista a representantes da nação também foi vista em periódicos como *O*

<sup>12</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

<sup>13</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

<sup>14</sup> *Correio Paulistano*. 1906, p. 2.

<sup>15</sup> *Jornal do Brasil*. 1906, p. 5.

Paiz: "Depois da visita à Prefeitura, o dr. Afonso Pena foi ao Velódromo Paulista, assistir ao match do foot ball entre o team de varios clubs brasileiros e do South Africa Club, ganhando este por seis gols a zero"<sup>16</sup>.

Sobre o jogo em si, apesar do apoio de torcedores num Velódromo lotado, o selecionado "sob ovações ruidosas da multidão"<sup>17</sup>, sofreu uma derrota esmagadora: 6X0 para os sul-africanos.

Quatro gols no primeiro tempo e outros dois no segundo. O combinado paulista, utilizando o uniforme da Associação Atlética Mackenzie College, não se mostrou capaz de um melhor resultado como vemos na análise da partida do Correio Paulistano:

Enfim, o conjuncto do team Sul-Africano deixou no nosso meio sportivo a melhor impressão. Quanto ao team de brasileiros felicitamos pela brilhante defesa que oppoz aos estrangeiros. É justo salientar dentro os nossos footballers Tútú, que jogou muito bem, Jeffery esteve nos seus bons dias, Miller mostrou-se ainda temível, Stuart e Argemiro trabalharam bastante<sup>18</sup>.

Interessante ressaltar nesse texto a valorização dos atletas nacionais apesar de um placar tão cruel contrário.

Com base nos relatos da partida encontrados na imprensa, podemos dizer que o encontro, que despertou o interesse da sociedade paulista, foi carregado de símbolos da pátria. Em campo, apesar de os locais começarem bem, chutando, inclusive, uma bola na trave, sucumbiram diante do melhor preparo físico e conhecimento técnico do esporte dos estrangeiros. Teria sido um "bombardeio" da equipe africana, encurralando o combinado de São Paulo dentro da sua própria área. McIntyre, Tyler, Schmidt e Mason no primeiro tempo e, novamente, Mason, além de Hartingan fizeram o 6X0.

Na primeira experiência contra uma equipe do exterior, um evento festivo para o presidente da República eleito, a "fina flor" da sociedade e os *sportmen* paulistas assistiram a um massacre dentro de campo. Como bem definiu Mazzoni<sup>19</sup>, "os homens castigaram os *footballers* da nossa terra".

<sup>16</sup> O Paiz. 1906, p. 2.

<sup>17</sup> Correio Paulistano. 1906, p. 2.

<sup>18</sup> Correio Paulistano. 1906, p. 2.

<sup>19</sup> MAZZONI. *História do Futebol no Brasil, 1894-1950*, 1950, p. 65.

## Considerações finais

A imprensa é um dos muitos construtores da nossa relação de identificação com determinados objetos, lugares, instituições, pessoas. Ao longo de sua história, a Seleção Brasileira masculina de futebol fora tratada pelos meios de comunicação como uma representante de todo o país, emblema da nação. Oficialmente, a partida entre sul-africanos e paulistas em 1906 não é considerada pela Confederação Brasileira de Futebol, CBF, como da equipe nacional. Os confrontos entre combinados nacionais e de fora do país não foram, como vimos, organizados por uma entidade nacional, como as que surgiriam em seguida: a FBS (Federação Brasileira de Sports) e a CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

Mesmo assim, nesta breve análise sobre a primeira incursão de uma equipe estrangeira no país, podemos verificar vestígios da formação de um repertório de cobertura da imprensa sobre o selecionado, seja ele nacional ou paulista, vinculando símbolos pátrios ao campo esportivo do futebol durante o jogo de 1906.

## Referências

- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CORREIO PAULISTANO, 1 de agosto de 1906, p. 2. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=9172](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=9172). Acesso em: 10 maio 2022.
- CORREIO PAULISTANO, 1 de janeiro de 1906, p. 2, Edição 15229. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=7930](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=7930). Acesso em: 10 maio 2022.
- CORREIO PAULISTANO, 26 de julho de 1906, p. 2, Edição 15422. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=9130](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=9130). Acesso em: 10 maio 2022.
- CORREIO PAULISTANO, 31 de julho de 1906, p. 2, Edição 15427. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=9164](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_06&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=9164). Acesso em: 10 maio 2022.
- GAZETA DE NOTÍCIAS, 1 de agosto de 1906, p. 3, Edição 213. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730\\_04&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=12733](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=12733). Acesso em: 10 maio 2022.
- JORNAL DO BRASIL, 1 de agosto de 1906, p. 5, Edição 213. *In*: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=20237](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_02&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=20237). Acesso em: 10 maio 2022.



MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil, 1894-1950*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

O PAIZ, 1 de agosto de 1906, p. 2, Edição 7972. In: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691\\_03&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=12109](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_03&pasta=ano%20190&pesq=&pagfis=12109). Acesso em 10 maio 2022.

RSSSF – The Rec. Sport. Soccer Statistics Foundation. Disponível em: <http://rsssfbrasil.com/national.htm>. Acesso em: 28 out. 2019.



# A metáfora bélica no futebol: da criação dos hinos aos sites esportivos

Julia Helena Avelino Batista

## Introdução

A afirmação feita por Lakoff e Johnson<sup>1</sup> de que as metáforas permeiam não só a linguagem, mas nossa concepção do mundo, nossos pensamentos e ações, leva a uma reflexão acerca da linguagem figurada no cotidiano. O ser humano se apropria dessas metáforas de forma muito natural e automática, muitas vezes sem perceber sua existência. Para dar uma ideia de como um conceito pode ser metafórico e estruturar um evento cotidiano, Lakoff e Johnson estabelecem o conceito de metáfora conceptual, que moldam o que percebemos e como nos comportamos no mundo.

É inegável que a cultura brasileira possui uma conexão forte com o futebol, presente no cotidiano dos brasileiros. Dessa forma, muitas metáforas são feitas a partir da experiência com o jogo e, uma delas, em especial na análise desse estudo, é a metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA. Os conceitos de futebol e guerra possuem um paralelo em nossas mentes, ambos possuem um espírito competitivo, quase sempre há um vencedor e um perdedor explícitos. “Há também o pensamento estratégico, o trabalho em equipe, a preparação, o comportamento do espectador, além da glória e prazer da vitória e da vergonha e decepção da derrota”, afirma Chapanga<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> LAKOFF; JOHNSON. *Metáforas da vida cotidiana*, 2002 [1980].

<sup>2</sup> CHAPANGA *apud* MASCOTO ROCHA. *A linguagem bélica do futebol: a metáfora conceptual futebol é guerra*, 2020.

Este estudo tem como objetivo analisar como a metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA é representada no hino de um grande time brasileiro e também objetiva identificar essa metáfora no jornalismo de futebol atual, através da investigação no site *Globo Esporte*. Para isso, será feita a seleção das expressões que concretizam linguisticamente essa metáfora, fazendo uma subsequente leitura semântico-discursiva, apresentando, assim, os resultados e considerações inferidas. Dessa forma, será possível compreender como a linguagem bélica é inserida na linguagem futebolística, desde o começo da popularização do futebol brasileiro, quando muitos hinos foram criados, até a atualidade virtual.

## **Metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA no hino do Fluminense**

Com o objetivo de analisar a metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA nos hinos de futebol de grandes times brasileiros, foi feita uma leitura do *corpus* – o segundo hino oficial do Fluminense Football Club – e identificada a presença de expressões linguísticas que concretizam essa metáfora. O hino investigado revela que, no começo da popularização do futebol no Brasil, principalmente na primeira metade do século XX, o futebol era, de fato, conceptualizado como guerra. Hilário Franco Júnior, em seu livro *A dança dos deuses*, afirma: “[...] o jogo apresenta ambientação de claro sentido militar. A arena onde se desenrola é cercada por escudos, bandeiras, hinos e ‘gritos de guerra’ das torcidas”<sup>3</sup>.

O segundo hino do Fluminense Football Club representa muito bem essa metáfora. Um dos times mais tradicionais brasileiros, o Tricolor das Laranjeiras foi fundado no começo do século XX e teve um de seus hinos criados no ano de 1920, por Antônio Cardozo Menezes Filho. A terceira estrofe do canto possui diversas ocorrências da metáfora existente entre futebol e guerra, realizada através de termos que originalmente pertenciam ao contexto bélico, em itálico: “Não nos cega o furor da *batalha*/ Nem nos fere o *rival*, se é mais forte!/Nossas bolas são nossa *metralha*/

<sup>3</sup> FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*: futebol, sociedade, cultura, p. 237.

Um bom goal, nosso *tiro* de morte<sup>4</sup>. Essa estrofe “é marcada por termos associados ao campo enquanto praça de batalha e de guerra”<sup>5</sup>, e evidencia e exemplifica a relação existente entre futebol e guerra.

## Metáfora conceptual FUTEBOL É GUERRA no site Globo Esporte

Para analisar se a metáfora FUTEBOL É GUERRA se mantém presente no jornalismo futebolístico atual, foi realizado o mesmo procedimento de análise: leitura e identificação de expressões linguísticas que concretizem a metáfora no site de notícias esportivas *Globo Esporte*. Para categorizar essa metáfora conceptual, foi adotado o agrupamento de Espíndola<sup>6</sup>, que é composto por quatro categorias:

- Evento como um todo sendo denominado como guerra, duelo, disputa;
- Espaços próprios de guerra;
- Ações específicas dos envolvidos em uma partida de futebol;
- Instrumentos utilizados em uma guerra.

Trechos retirados do site *Globo Esporte* exemplificam essa categorização:

Categoria 1: futebol sendo um evento denominado como guerra, luta, duelo, disputa.

- “Em campo, Grêmio e Peñarol protagonizaram uma *batalha* pela bola, com muita determinação e alguns lances mais ríspidos.”<sup>7</sup>;
- “Não tem mais competição, e, sim, um *mata-mata*. Agora é *guerra*.”<sup>8</sup>;

<sup>4</sup> SIQUEIRA; CARVALHO; LIMA. Você sabia? Hinos do Fluminense envolvem Guerra Mundial, pai de ídolo e coautor de Lamartine Babo. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/voce-sabia-hinos-do-fluminense-envolvem-guerra-mundial-pai-de-idolo-e-coautor-de-lamartine-babo.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

<sup>5</sup> CORNELSEN. Hinos de Futebol no Brasil: dos Hinos Marciais aos Populares, p. 88.

<sup>6</sup> ESPÍNDOLA. *Futebol é guerra*: a metáfora conceptual do futebol, 2013.

<sup>7</sup> GREMISTAS se emocionam ao rever final da Libertadores de 1983: Era mais pegada, uma guerra, 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/gremistas-se-emocionam-ao-rever-final-da-libertadores-de-1983-era-mais-pegada-uma-guerra.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022. Grifos meus.

<sup>8</sup> TÉCNICO do América-RN vira chave para o mata-mata da Série D: Agora é guerra, 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rn/futebol/times/america-rn/noticia/tecnico-do-america-rn-vira-chave-para-o-mata-mata-da-serie-d-agora-e-guerra.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

## Categoria 2: espaços próprios ou relacionados à guerra.

- “Encontrava dificuldade para perfurar a *defesa* da equipe cearense.”<sup>9</sup>;
- “Passadas quatro rodadas, o Colorado vê seu *ataque* dar conta do recado ao mesmo tempo em que sua *defesa* oscila e deixa a desejar”<sup>10</sup>.

## Categoria 3: ações específicas dos envolvidos em uma partida de futebol ou na guerra.

- “Recebeu, *ceifou*: Dourado dobra número de gols em cinco jogos no Flu”<sup>11</sup>.
- “Dominou, *apontou, atirou...* perdeu!”<sup>12</sup>.

## Categoria 4: instrumentos utilizados em uma guerra.

- “Gol do Juventude! Matheus Peixoto gira na área e solta a *bomba* para abrir o placar”<sup>13</sup>.
- “Infelizmente a vaga não veio ainda, mas agora é virar o *canhão* para a partida de domingo e tentar recuperar as energias, potencializar a nossa equipe para fazer uma boa partida”<sup>14</sup>.

## Considerações finais

Os resultados apresentados nessas investigações revelam que o conceito de futebol é construído ao redor do conceito de guerra e o jargão bélico é constantemente utilizado no linguajar futebolístico; vários termos desse

<sup>9</sup> SAMPAIO. Atuações do Imperatriz: ninguém se salva em mais uma goleada na Série C, 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ma/futebol/times/imperatriz/noticia/atuacoes-do-imperatriz-ninguem-se-salva-em-mais-uma-goleada-na-serie-c.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

<sup>10</sup> ATAQUE resolve para o Inter, mas defesa tem pior início de Gauchão desde 2021, 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/ataque-resolve-para-o-inter-mas-defesa-tem-pior-inicio-de-gauchao-desde-2017.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

<sup>11</sup> WERLANG. Recebeu, ceifou: Dourado dobra número de gols em cinco jogos no Flu, 2017. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2017/02/recebeu-ceifou-dourado-dobra-numero-de-gols-em-cinco-jogos-no-flu.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.

<sup>12</sup> DOMINOU, apontou, atirou... Perdeu!, 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/meiodecampo/2013/03/18/dominou-apontou-atirou-perdeu/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

<sup>13</sup> GOL do Juventude! Matheus Peixoto gira na área e solta a bomba para abrir o placar, aos 45 do 1º, 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/video/gol-do-juventude-matheus-peixoto-gira-na-area-e-solta-a-bomba-para-abrir-o-placar-aos-45-do-1o-9355710.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2022.

<sup>14</sup> GIUFREIDA; GOMES. Zé “vira canhão” para Fla-Flu e diz que aguarda Rômulo para definir time, 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/ze-destaca-semana-decisiva-e-promete- virar-o-canhao-para-fla-flu.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

jargão são utilizados para se falar de futebol. Desse emprego, surgiram muitas marcas linguísticas que evidenciam que, de fato, futebol e guerra são conceitos profundamente conectados.

A partir da breve análise do hino do Fluminense, conclui-se que o vocabulário utilizado contém palavras originalmente características do ambiente de guerra: *batalha*, *rival*, *metralha* e *tiro*. A presença desses vocábulos demonstra que a metáfora FUTEBOL É GUERRA é encontrada na letra nos hinos de futebol brasileiro, mais especificamente nos primeiros hinos criados (que possuíam um caráter marcial). Dessa forma, é possível concluir que, para compor sobre o futebol, utiliza-se os conhecimentos bélicos mapeados para conceptualizar esse esporte no início da popularização dele. Também essa metáfora está reiterada no contexto atual, altamente tecnológico e virtual, em matérias sobre futebol no site *Globo Esporte*, que também possui várias expressões linguísticas oriundas do contexto bélico.

É possível concluir que a metáfora FUTEBOL É GUERRA é essencial ao jargão do futebol, pois é praticamente impossível falar sobre futebol com naturalidade sem recorrer aos termos que remetam a tal metáfora conceptual. O linguajar bélico está inserido no linguajar futebolístico de maneira natural, intrínseca e abundante, desde o momento de criação dos hinos, até a atualidade.

## Referências

ATAQUE resolve para o Inter, mas defesa tem pior início de Gauchão desde 2021. *Globo Esporte*, [S. l.], 16 mar. 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/ataque-resolve-para-o-inter-mas-defesa-tem-pior-inicio-de-gauchao-desde-2017.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2021.

CHAPANGA, Evans. An Analysis of the War Metaphors Used in Spoken Commentaries of the 2004 Edition of the Premier Soccer League (PSL) Matches in Zimbabwe, 2020. University of Zimbabwe. *Zambezia*, v. 1, nº 31, p. 62-71, 2004. Available in: <https://ir.uz.ac.zw/handle/10646/512>. Access in: 30 mar. 2022.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de Futebol no Brasil: dos Hinos Marciais aos Populares. *InterFACES*. v. 20, n. 1, p. 78-94, jan.-jun./2014.

DOMINOU, apontou, atirou... Perdeu! *Globo Esporte*, [S. l.], 18 mar. 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/meiodecampo/2013/03/18/dominou-apontou-atirou-perdeu/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

ESPÍNDOLA, Luciene. Futebol é guerra: a metáfora conceptual do futebol. Revista de Letras, UFPB, João Pessoa, v. 1, n. 32, p. 37-43, jan.-jun., 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIUFRIDA, B.; GOMES, F. Zé “vira canhão” para Fla-Flu e diz que aguarda Rômulo para definir time. Globo Esporte, [S. l.], 05 maio 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/ze-destaca-semana-decisiva-e-promete-virar-o-canhao-para-fla-flu.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

GOL do Juventude! Matheus Peixoto gira na área e solta a bomba para abrir o placar, aos 45 do 1º. Globo Esporte, [S. l.], 16 mar. 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/video/gol-do-juventude-matheus-peixoto-gira-na-area-e-solta-a-bomba-para-abrir-o-placar-aos-45-do-1o-9355710.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GREMISTAS se emocionam ao rever final da Libertadores de 1983: “Era mais pegada, uma guerra”. Globo Esporte, Porto Alegre, 15 maio 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/gremistas-se-emocionam-ao-rever-final-da-libertadores-de-1983-era-mais-pegada-uma-guerra.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação de tradução de Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002 [1980].

MASCOTO ROCHA, Carlos Renato. A linguagem bélica do futebol: a metáfora conceptual futebol é guerra. FuLiA/UFMG, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 8-25, ago. 2020. ISSN 2526-4494. Disponível em: <http://www.periodicos.lettras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/16011>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SAMPAIO, M. Atuações do Imperatriz: ninguém se salva em mais uma goleada na Série C. In: Globo Esporte, [S. l.], 28 nov. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ma/futebol/times/imperatriz/noticia/atuacoes-do-imperatriz-ninguem-se-salva-em-mais-uma-goleada-na-serie-c.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SIQUEIRA, F.; CARVALHO, P.; LIMA, T. Você sabia? Hinos do Fluminense envolvem Guerra Mundial, pai de ídolo e coautor de Lamartine Babo. Globo Esporte, [S. l.], 21 jul. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/voce-sabia-hinos-do-fluminense-envolvem-guerra-mundial-pai-de-idolo-e-coautor-de-lamartine-babo.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

TÉCNICO do América-RN vira chave para o mata-mata da Série D: “Agora é guerra”. Globo Esporte, [S. l.], 27 nov. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rn/futebol/times/america-rn/noticia/tecnico-do-america-rn-vira-chave-para-o-mata-mata-da-serie-d-agora-e-guerra.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2021.

WERLANG, H. Recebeu, ceifou: Dourado dobra número de gols em cinco jogos no Flu. Globo Esporte, [S. l.], 13 fev. 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2017/02/recebeu-ceifou-dourado-dobra-numero-de-gols-em-cinco-jogos-no-flu.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.



# Hinos de futebol no Vale do Paraíba: uma análise literária do clássico regional

Lucas Vinicius de Souza

## Introdução

O futebol tem sido objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento, desde a biomecânica e fisiologia do exercício até a sociologia, psicanálise, filosofia, entre tantas outras. As áreas da literatura e da linguística não ficam de fora, se dispondo a investigar o esporte mais famoso do Brasil através da análise desse fenômeno e sua relação com a língua e as linguagens que a envolvem.

Um dos pontos de encontro entre o futebol e a linguagem são os hinos dos clubes, que cumprem papel importante no que diz respeito à construção da identidade dos times. O presente trabalho busca fazer uma análise da letra de dois hinos de times da região do Vale do Paraíba no estado de São Paulo, baseada na proposta de Cornelsen<sup>1</sup> em diálogo com as ideias de Rosenfeld<sup>2</sup>. Nessa proposta, são analisados nos hinos os seus elementos líricos (forma; estrofação; metrificação; rima), épicos (cena enunciativa; espacialização; feitos heroicos e conquistas e/ou virtudes; identidade simbólica) e dramáticos (afetividade; apelo à fidelidade; emoção; louvor).

<sup>1</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares, 2012.

<sup>2</sup> ROSENFELD. *O teatro épico*, 1985.

## Entre letras, louvores e a torcida: o hino como poesia e música no futebol

Os hinos dos clubes são encontros entre futebol, música e literatura, um tipo de criação mista, que permite a inclusão simultânea dos elementos musicais e dos elementos verbais<sup>3</sup>. Como apresentado por Cornelsen<sup>4</sup>, “por definição, hino (do grego: ὕμνος *hymnos*, estrutura sonora) é uma composição poético-musical de louvor ou exaltação”.

Os hinos que encontram registros desde a antiguidade, já passaram por diversas modificações de forma e sentido. Para os gregos, romanos e egípcios antigos, os hinos eram louvores aos deuses, enquanto na Idade Média se traduziam como canções religiosas, e na Modernidade surgem como hinos nacionais, hinos partidários, hinos de organizações em geral e hinos desportivos, nos quais demonstrava devoção a um clube ou agremiação<sup>5</sup>.

Bilac e Passos, na obra *Tratado de Versificação*, escrevem que “rigorosamente, dá-se hoje o nome de *hymno* a uma composição poética, acompanhada ou não de música, em que se exalta alguém, ou se celebra algum acontecimento, e com que se excitam os ânimos por uma entoação forte e elevada”<sup>6</sup>. No caso dos hinos de futebol, estes exaltam o clube e sua história, celebram seus títulos e servem como elemento de identificação dos sujeitos (torcedores e jogadores) com o clube e de motivação para o bom desempenho da equipe.

Para Cornelsen, “é nas letras dos hinos dos clubes que a literatura se aliará em essência ao futebol e à música, como ocorrera na aliança entre esporte e arte, na Antiguidade”<sup>7</sup>. Para o autor, essa aliança essencial se deveria ao fato de as letras dos hinos apresentarem uma elaboração sofisticada apesar do caráter popular (de massa) do futebol<sup>8</sup>.

<sup>3</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, 2014a.

<sup>4</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, 2014a, p. 79.

<sup>5</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, 2014a.

<sup>6</sup> BILAC; PASSOS. *Tratado de versificação*, 1930, p. 111.

<sup>7</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, 2014a, p. 80.

<sup>8</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, 2014a.

## Metodologia

Para a realização da análise, será utilizado o modelo proposto por Cornelsen<sup>9</sup> baseado nas ideias de Anatol Rosenfeld<sup>10</sup> ao discutir os gêneros literários de acordo com sua adjetivação, ou seja, com os elementos épicos, líricos e dramáticos presentes nos textos. O modelo de análise é formado por categorias correspondentes para cada um dos respectivos elementos:

### Elementos líricos

Os elementos líricos dizem respeito aos aspectos formais de um texto poético que vão desde a forma rígida do poema à estrofação, à metrificação, e ao tipo de rima empregado.

A estrofação pode apresentar também variações, como quartetos, tercetos, dísticos e sempre com presença de um refrão. Já a versificação varia entre isométrica (todos os versos de uma estrofe seguem uma regularidade métrica), parcialmente isométrica (alguns versos de uma estrofe seguem uma regularidade métrica) e heterométrica (os versos de uma mesma estrofe não seguem uma regularidade métrica), lembrando que os versos podem se constituir metricamente de modo uniforme como redondilhas menores, redondilhas maiores, eneassílabos, decassílabos etc.

A disposição e o grau de regularidade de rimas podem ser rimas cruzadas, rimas emparelhadas, rimas interpoladas, rima completa, rima incompleta, rima perfeita, versos brancos etc.

<sup>9</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares, 2012.

<sup>10</sup> ROSENFELD. *O teatro épico*, 1985.

## Elementos épicos

Tratam-se dos elementos que estruturam a narrativa (o modo de se enunciar) e possibilitam a construção de uma imagem heroica do clube. São aspectos simbólicos (menção às cores, distintivos, etc), referências espaciais (caráter local, nacional, internacional) ou menções a fatos heroicos e conquistas do clube. São divididos em quatro componentes:

- A cena narrativa;  
diz respeito ao modo como a instância lírica se apresenta, ora como um eu que evidencia um caráter individual, ora como um nós que apela ao coletivo da torcida no sentido de pertencimento, ou mesmo como um tu, dirigido ao clube como objeto de devoção e louvor, o que gera um efeito de proximidade e intimidade<sup>11</sup>.
- A espacialização;  
marcada textualmente, e pensada aqui na junção entre espaço e ação no devir, dimensiona o caráter identitário de um determinado clube em relação ao espaço e pode variar desde o âmbito local, passando pelo estadual e o nacional e, mais raramente, chegando ao internacional [...] <sup>12</sup>.
- Os feitos heroicos e conquistas e/ou virtudes;  
Feitos heroicos e conquistas e/ ou virtudes também se constituem como traços característicos das letras dos hinos de clubes brasileiros, evidenciando o seu caráter épico, e são pautados, principalmente, pelo emprego de superlativos, como o maior, o melhor, o mais... etc<sup>13</sup>.
- A identidade simbólica;  
a identidade simbólica se constrói nas letras de hinos de futebol através de diversas marcações textuais, sejam as cores de determinada agremiação, seja o seu distintivo, bandeira ou mascote, que juntamente com o hino formam o conjunto principal dos símbolos de um clube<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, p. 81.

<sup>12</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, p. 81.

<sup>13</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, p. 81.

<sup>14</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, p. 81-82.

## **Elementos dramáticos**

Diz respeito ao emprego de terminologia que visa à mobilização do torcedor, tornando-o um ator no próprio do jogo. De modo semelhante ao aspecto épico, o aspecto dramático dos hinos de futebol se constitui a partir de quatro componentes: afetividade, apelo à fidelidade, emoção e louvor.

A afetividade é marcada por termos como "coração", "amado", "querido", "amor" etc. O apelo à fidelidade, que remete à ligação incontestável entre torcedor e clube, é marcado textualmente por expressões como "sempre" ou até "morrer". A emoção se pauta justamente por palavras que evidenciam textualmente o caráter emocional, como é o caso dos termos "emoções", "prazer", "feliz", "vibrar", etc. E por último, o louvor que diz respeito às expressões que emprestam ao hino um caráter dramático de devoção, "como se o clube assumisse o lugar de objeto de veneração e culto, como, por exemplo, salve, glória, exaltar etc"<sup>15</sup>.

## **Os times do Vale entram em campo**

A região do Vale do Paraíba, interior do estado de São Paulo, fica localizada entre dois grandes centros futebolísticos, o Rio de Janeiro e São Paulo capital, e é lar de inúmeros clubes e agremiações de futebol. Para análise, foram selecionados os hinos de duas equipes do Vale, a saber, o Esporte Clube Taubaté e o São José Esporte Clube, que encenam um dos clássicos da região.

## **Esporte Clube Taubaté**

O Esporte Clube Taubaté é um clube da cidade de Taubaté e foi fundado em primeiro de novembro de 1914. Disputou a Primeira Divisão estadual entre 1955 e 1962 e de 1980 a 1984. Seu hino foi composto em 1979 por Santos Cursino.

<sup>15</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, p. 82.

## ***Hino oficial do Esporte Clube Taubaté***

Nós somos a torcida alvi anil  
O esporte é a nossa bandeira  
Sentindo os chamados do Brasil  
Estamos novamente na primeira

Nossa gente viril e capaz  
De passar por todas as barreiras  
O azul é o céu, o branco a paz  
São as cores da nossa bandeira

A nossa bandeira que a torcida conduz  
Tem em seu emblema nosso espírito de luz  
No novo alvi-azul a ordem é lutar  
E de norte a sul vai sua garra mostrar<sup>16</sup>

Em termos formais, o hino do E.C. Taubaté é composto por três quartetos, sendo a segunda estrofe formada por versos isométricos e as primeira e terceira estrofes, com versos parcialmente isométricos. Nota-se um predomínio dos versos eneassílabos e decassílabos e há paridade de estrutura de rimas entre primeira e segunda estrofes que são rimas cruzadas, bem como a presença de rima emparelhada na terceira estrofe.

Com relação aos aspectos épicos, é visto que a cena narrativa é construída basicamente na primeira pessoa do plural que marca o pertencimento e o forte vínculo dos torcedores com o clube, como podemos ver em “Nós somos a torcida alvi anil”, “Estamos novamente na primeira”, “Nossa gente viril e capaz”, entre outros versos. Constata-se a presença de índice de espacialização no âmbito nacional em “Sentindo os chamados do Brasil”, “E de norte a sul vai sua garra mostrar.”

As virtudes destacadas no hino são virilidade e capacidade no verso “Nossa gente viril e capaz”, e “garra”. A conquista ressaltada é a volta do clube à primeira divisão em 1979, após ser campeão em final contra o arquirrival São José Esporte Clube, marcada no verso “Estamos novamente na primeira”, fato ocorrido no ano anterior à criação desse

<sup>16</sup> HINO DO ESPORTE CLUBE TAUBATÉ. Federação Paulista de Futebol, 2021. Disponível em: <http://2016.futebolpaulista.com.br/clube/31/S%C3%A3o+Jos%C3%A9/Hino>. Acesso em: 22 mar. 2022.

hino, que não é o primeiro do clube. Isso reforça a ideia da renovação dos hinos para a inclusão das conquistas que é comentada por Cornelsen<sup>17</sup>. Já a identidade simbólica é marcada textualmente na citação das cores do clube nos versos “Nós somos a torcida alvi anil”, “O azul é o céu, o branco a paz/São as cores da nossa bandeira”, “No novo alvi-azul”, e também no louvor à bandeira nos versos “A nossa bandeira que a torcida conduz/Tem em seu emblema nosso espírito de luz”.

Com relação aos aspectos dramáticos, destaca-se a ausência de elementos que indiquem afetividade, apelo à fidelidade ou emoção. O que mais se aproxima de um elemento dramático é a presença de um léxico religioso junto à referência ao símbolo do clube, que indica algo próximo de um louvor presente no trecho “A nossa bandeira que a torcida conduz/Tem em seu emblema nosso espírito de luz”.

Vale destacar ainda a presença da metáfora “futebol é guerra”<sup>18</sup> no verso “No novo alvi-azul a ordem é lutar”; Metáfora muito presente no léxico futebolístico.

## **São José Esporte Clube**

O São José Esporte Clube, da cidade de São José dos Campos, foi fundado em 13 de agosto de 1933 como “Esporte Clube São José” e seu hino foi composto em 1978 por Otávio de Assis e oficializado no ano seguinte em um concurso da rádio local.

### ***Hino oficial do São José Esporte Clube***

Vai, pelo céu do Brasil,  
Vai, nesse azul de anil,  
Águia do vale voou...  
Buscando com suas garras mais um gol  
(Goooool...!)

Vai, Glorioso esquadrão,  
Vai, o grande Campeão  
Mostrar a todo Brasil  
O que é

<sup>17</sup> CORNELSEN. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares, 2014a.

<sup>18</sup> FERREIRA. Metáfora e futebol na vida cotidiana, 2010.

A sua força e garra  
Oh! Grande São José

Você sempre será  
Orgulho do País  
Contigo São José  
Me sinto tão feliz  
Nasceu para vitórias  
És nato campeão  
Orgulho da cidade  
E de toda Nação

Águia do vale eu sei,  
Terás vitórias mil  
Irás sobrevoar  
Os Campos do Brasil  
Não há quem te aguente,  
És forte, és varonil  
Campeão do meu Brasil...<sup>19</sup>

Em termos formais, a letra do hino do São José E. C. apresenta pouca rigidez e é composta por quatro estrofes variadas, sendo a primeira uma quintilha, a segunda uma sextilha, a terceira uma oitava e a quarta estrofe, uma septilha. As rimas seguem um padrão pouco rígido e variam muito de estrofe para estrofe, já que na primeira é emparelhada, na segunda uma rima mista, na terceira uma rima alternada com versos sem rima e na quarta estrofe uma rima mista.

Com relação aos aspectos épicos, a cena narrativa é construída majoritariamente na segunda pessoa do plural situando o clube numa condição de objeto de devoção e louvor, mas passa por trechos na primeira pessoa do singular – “Contigo São José/ Me sinto tão feliz” e “Águia do Vale eu sei,/ Terás vitórias mil” –, indicando essa proximidade e importância para o indivíduo que torce.

Em relação à espacialização, constata-se a presença da referência local em “Orgulho da cidade” e “Águia do Vale [do Paraíba]”, mas há repetição de referência ao âmbito nacional, como em “Vai, pelo céu do Brasil”, “Mostrar a todo Brasil”, “Orgulho do País”, “campeão do meu

<sup>19</sup> HINO DO SÃO JOSÉ ESPORTE CLUBE. Federação Paulista de Futebol, 2021. Disponível em: <http://2016.futebolpaulista.com.br/clube/58/Taubat%C3%A9/Hino>. Acesso em: 22 mar. 2022.



Brasil”, “[orgulho] de toda Nação”. São ressaltadas as conquistas nos versos “Vai, o grande Campeão” e “Nato campeão”, e as virtudes ressaltadas são a força, a garra e a virilidade (“varonil”). Já a identidade simbólica do clube é marcada, apenas, através da presença da mascote, a “Água do Vale”.

Em relação aos aspectos dramáticos, é notável a presença da afetividade expressa pela repetição do termo “orgulho” nos versos “orgulho do país” e “Orgulho da cidade/E de toda Nação”, e a emoção fica marcada no trecho “Contigo São José/Me sinto tão feliz”. O apelo à fidelidade é trazido no verso “Você sempre será/orgulho do país”, e o louvor é marcado na exaltação da equipe em “Glorioso esquadrão” e no verso “Oh! Grande São José”, em que a interjeição “Oh!” exprime admiração como em frases religiosas do tipo: “Oh! Deus, eu preciso de ti”.

### **Considerações finais**

É notável que apesar de terem sido compostos no mesmo período, num espaço de um ano, as letras dos hinos têm muitas diferenças formais como é possível notar na maior rigidez do hino do Taubaté em comparação à maior variabilidade na forma do hino do São José, seja em relação à estrofação, versos ou rimas.

No que diz respeito a seus elementos épicos, os hinos constroem a cena narrativa de formas diferentes, mas compartilham da preferência pela característica nacional da espacialização. Enquanto o E. C. Taubaté investe nas cores do clube, o São José E. C. ressalta sua mascote. Fato interessante é que ambos os hinos compartilham duas virtudes escritas na letra; a garra e a virilidade.

Em relação aos aspectos dramáticos, pode-se ver grande diferença entre os hinos, pois o São José E.C. investe muito mais nos termos que remetem a afetividade, fidelidade, emoção e louvor ao clube, e o E.C. Taubaté não possui esses elementos claramente marcados em seu hino.

Seria interessante entender os porquês de todas essas diferenças entre as letras já que o contexto sócio-histórico era o mesmo.

É importante ressaltar que é possível um maior aprofundamento da análise dialogando com textos que tratam das relações entre o futebol

e linguagem, o futebol e suas metáforas e o futebol e as ciências sociais, mas esse não foi o objetivo do trabalho.

Como nos aponta Cornelsen sobre o tipo de análise feita no presente trabalho:

O estudo de letras de hinos de clubes de futebol brasileiro nos possibilita percorrer uma via de mão dupla: se num sentido podemos analisar o modo como as imagens dos clubes são construídas, noutra, podemos refletir também sobre o contexto sócio-histórico em que foram compostas, numa leitura chave para a própria sociedade brasileira<sup>20</sup>.

Os hinos do futebol carregam esses traços sócio-históricos e culturais que nos ajudam a compreender melhor a sociedade e a rica relação entre o futebol e as diferentes linguagens, entre elas a música, a poesia e a literatura de modo geral. Em um país rico culturalmente e com diversas expressões literárias e musicais, há inúmeros hinos prontos para entrarem em campo e serem analisados.

## Referências

BILAC, Olavo; PASSOS, Guimaraens. *Tratado de versificação*. 6. ed., São Paulo; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Futebol, música e literatura: uma análise dos hinos dos clubes esportivos brasileiros. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 66, n. 2, p. 42-46, 2014b.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 22, n. 2, p. 59-71, 2012.

FERREIRA, L. C. Metáfora e futebol na vida cotidiana. *Anais*. V Congresso Linguística e Cognição. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://sil0.tips/download/metafora-e-futebol-na-vida-cotidiana#>. Acesso em: 17 mar. 2021.

HINO DO ESPORTE CLUBE TAUBATÉ. Federação Paulista de Futebol, 2021. Disponível em: <http://2016.futebolpaulista.com.br/clube/58/Taubat%C3%A9/Hino>. Acesso em: 09 mar. 2021.

HINO DO SÃO JOSÉ ESPORTE CLUBE. Federação Paulista de Futebol, 2021. Disponível em <http://2016.futebolpaulista.com.br/clube/31/S%C3%A3o+Jos%C3%A9/Hino>. Acesso em: 09 mar. 2021.

ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo, Perspectiva, 1985.

<sup>20</sup> CORNELSEN. Futebol, música e literatura: uma análise dos hinos dos clubes esportivos brasileiros, 2014b, p. 45.

# **Campeonato Brasileiro Feminino A-1: mulheres construindo a trajetória do futebol no Brasil**

Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa

O futebol segue aqui no Brasil, a despeito dos altos índices de contágio e óbitos devido à pandemia do COVID-19. Desse modo, diante das diferentes medidas de prevenção para evitar a contaminação da população, que foram tomadas pelos governos de estados e municípios, e à continuidade dos jogos nesse contexto, nos deparamos com calendários desalinhados nas competições regionais.

Enquanto em estados como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Pará e Pernambuco os jogadores entraram em campo ao longo dos primeiros meses do ano de 2021, finalizando os campeonatos estaduais em maio, em outros estados os campeonatos ainda prosseguiram. Na Paraíba o jogo da final do Campeonato Paraibano de Futebol 2021 (para homens) só aconteceu no dia 20 de junho, em partida entre Souza x Campinense, no Estádio Governador Antônio Mariz (também conhecido como Marizão), na cidade de Souza (PB). Na ocasião, após o jogo terminar em empate, o Campinense sagrou-se mais uma vez campeão estadual e alcançou o seu 22º título. Já no estado do Paraná o campeonato estadual prosseguiu com a previsão de realização de jogos das semifinais em julho. As equipes do Londrina Esporte Clube, do Operário Ferroviário Esporte Clube, do Club Athletico Paranaense e do Futebol Clube Cascavel definirão os dois finalistas que irão disputar o título em jogo ainda sem data definida.

Esse descompasso dos calendários ficou mais evidente no final de maio de 2021, quando o Campeonato Brasileiro de Futebol para homens teve início. Enquanto alguns times que já finalizaram os estaduais

punderam centrar mais esforços para disputar essa competição, outros que ainda não finalizaram demandarão ainda mais atenção em relação ao preparo para participarem dos jogos do Brasileirão. Isso, sem contar a possibilidade de participação em outros campeonatos nacionais e internacionais, como a Copa do Brasil e a Copa Libertadores da América.

Toda essa dinâmica impulsiona a mobilidade de atletas e das comissões técnicas, no âmbito intermunicipal, interestadual e também fora do Brasil, sendo, desse modo, um aspecto que potencializa o risco de contágio das equipes. O que, além ser um risco sanitário também pode ocasionar um impacto negativo no próprio rendimento dos atletas em campo.

Em relação às mulheres, tendo por referência o Campeonato Brasileiro Interclubes de 2021, observa-se por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) um posicionamento similar ao adotado nos campeonatos para homens: realizar os jogos. Todavia, observa-se que no campeonato direcionado às mulheres a organização do calendário foi estruturado para começar e terminar em datas diferentes do Brasileirão (para os homens).

Sendo assim, a primeira rodada do Campeonato Brasileiro Feminino A-1 teve início em 17 de abril de 2021, quando a equipe do São Paulo recebeu a equipe do Grêmio em Cotia (SP) para o jogo de abertura, em partida que terminou com o placar de 1X1.

Na edição de 2021, a competição conta com a participação de 16 clubes<sup>1</sup>, sendo eles: Associação Napoli Caçadoreense (SC), Avaí/Kindermann (SC), Bahia (BA), Botafogo (RJ), Corinthians (SP), Cruzeiro (MG), Ferroviária (SP), Flamengo (RJ), Grêmio (RS), Internacional (RS), Minas Brasília (DF), Palmeiras (SP), Real Brasília (DF), Santos (SP), São José (SP) e São Paulo (SP). Com exceção da região Norte do Brasil, que não tem nenhuma equipe participando do campeonato, todas as outras contam com ao menos um time inscrito, sendo que a região Sudeste apresenta a maior concentração, com nove times: um de Minas Gerais, dois do Rio de Janeiro e seis de São Paulo.

<sup>1</sup> Para mais informações sobre as equipes e a competição: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/cbf-divulga-tabela-basica-do-brasileiro-feminino-a-1-2021-competicao>. Acesso em: 28 mar. 2022.

Na primeira fase os 16 times jogaram entre si, em grupo único (denominado Grupo A) e turno único. Essa etapa se encerrou na 15ª rodada, no dia 24 de junho de 2021. Em virtude dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (que devido à pandemia foram adiados para 2021), depois desta rodada haverá uma pausa no calendário de jogos do Campeonato Brasileiro Feminino A-1.

A retomada dos jogos deverá acontecer em agosto de 2021, quando as jogadoras retornarão novamente aos gramados para os jogos da segunda fase, as Quartas de Final. Nessa etapa, as oito equipes com as melhores campanhas da primeira fase seguem a competição e realizam jogos de ida e volta, jogando em sistema eliminatório, estando previsto o seguinte esquema de jogos<sup>2</sup>: oitavo colocado x primeiro colocado (formando o Grupo B), sétimo colocado x segundo colocado (formando o Grupo C), sexto colocado x terceiro colocado (formando o Grupo D), quinto colocado x quarto colocado (formando o Grupo E). As quatro equipes vencedoras nessa fase seguirão para a terceira fase, a Semifinal.

Programada para acontecer em dois dias (29 de agosto e 5 de setembro), a Semifinal também será disputada em jogos de ida e volta, sendo previstos confrontos no seguinte esquema de disputa: equipe vencedora do Grupo B x equipe vencedora do Grupo E; equipe vencedora do Grupo C x Equipe vencedora do Grupo D. Após a realização dos dois jogos (ida e volta) entre as equipes, a vencedora de cada chave seguirá para a disputa da Final. Destaca-se, ainda, que ao final da primeira fase as quatro equipes que estiverem nas últimas posições da tabela serão reconduzidas ao Campeonato Brasileiro A-2 (situação conhecida como rebaixamento). Assim, no transcorrer de 134 jogos e ao término da grande final prevista para 26 de setembro de 2021, será conhecida a equipe vencedora e a vice vencedora do Campeonato Brasileiro Feminino A-1, além da definição da classificação das demais equipes na tabela.

Ao término dos oito jogos da 15ª rodada, com partidas realizadas no dia 24 de junho, os resultados foram os seguintes: Ferroviária 2X1 Flamengo; Avaí/Kindermann 1X1 Corinthians; Minas Brasília 2X3

<sup>2</sup> Para mais detalhes da tabela de jogos da Segunda Fase: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202101/20210129132935\\_729.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202101/20210129132935_729.pdf). Acesso em: 28 mar. 2022.

Palmeiras; Associação Napoli Caçadoreense 0X2 São José; Bahia 2X3 São Paulo; Real Brasília 1X0 Internacional; Grêmio 0X0 Botafogo; Santos 1X2 Cruzeiro. É interessante observar o transcorrer do campeonato e verificar a situação dos times à medida que as rodadas são realizadas.

Tal qual a corpos que se deslocam em um salão durante uma dança, movimentando em diferentes espaços sem a certeza de onde estará ao final da música, os times podem se movimentar na tabela durante a primeira fase e também não saberem ao certo em que posição estarão no final da etapa. Mas se na dança de salão o movimento dos corpos é determinado mais pelo ritmo da música, na dança dos times diversos fatores podem impulsionar o resultado final pela busca de uma posição melhor na tabela: estrutura do clube, metodologia do trabalho, incentivo (dentro e fora do campo) e um bom planejamento, aspectos que podem fazer muita diferença no rendimento das atletas.

Em poucas rodadas mudanças marcantes podem acontecer, aproximando as equipes da possibilidade de alcançar o título ou mesmo direcionando-as para o remanejamento para disputar o campeonato em outra divisão no ano seguinte. Ao recuar algumas rodadas antes do término da primeira fase e analisar a pontuação dos times e a tabela de classificação<sup>3</sup> no campeonato na 10ª rodada, é possível identificar que alguns times já se encontravam em situação mais confortável, como o Corinthians (25 pontos), o Palmeiras (24 pontos) e o Santos (21 pontos), uma vez que estavam com grandes possibilidades de avançar para a próxima fase. Por outro lado, times como o Bahia (4 pontos) e a Associação Napoli Caçadoreense (3 pontos) precisavam de muito esforço para alcançar os resultados necessários para não serem reconduzidos em 2022 para o Brasileiro A-2, evitando, assim, o rebaixamento.

Números tendem a ser números: cumprem sua função de quantificar, dimensionar e auxiliar na construção de medidas e classificações. Mas não dão conta de demonstrar a diversidade de percursos, sonhos, expectativas, desilusões e conquistas que podem compor o cotidiano das jogadoras e dos demais membros dessas 16 equipes. Absolutos ou

<sup>3</sup> Para mais informações sobre a classificação dos times: [https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a1?gclid=EAItAQobChMIIsHejKfs8AIVwgiRCh0DAg14EAAYASAAEgL24\\_D\\_BwE](https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a1?gclid=EAItAQobChMIIsHejKfs8AIVwgiRCh0DAg14EAAYASAAEgL24_D_BwE). Acesso em: 28 mar. 2022.

relativos, os números sozinhos não evidenciarão a trajetória dessas pessoas e de seus clubes, tampouco a importância que podem ter na construção da história recente do futebol de mulheres no âmbito competitivo brasileiro. Essas situações extrapolam o tempo regulamentar do jogo. E os pontos que podem ser alcançados ou perdidos em uma partida não darão conta de quantificar outros aspectos que estão além das quatro linhas que delimitam o campo de futebol e que extrapolam os noventa minutos de uma partida.

Para conhecer e compreender esse universo, outros recursos e percursos são necessários: ampliar e recuar nossos olhares, rever outros tempos, refazer perguntas, capturar outras imagens, buscar os momentos de afetos e sensibilidades, as trocas, as partilhas, as aprendizagens e as experiências. Essas são possibilidades que nos ajudam a nos aproximar e alcançar a complexidade, os desafios e a beleza que o processo anterior e posterior a uma partida pode ter na vida dessas mulheres.

E, no Brasil, o futebol de mulheres ao longo dos anos foi e é marcado por diferentes panoramas<sup>4</sup> (proibições<sup>5</sup>, resistências, permissões, superações, perdas e conquistas); se faz necessário olhar o campo, o jogo e os bastidores com um olhar próprio a este universo. Afinal, considerando o aspecto do campo competitivo e o suporte dado por federações às entidades esportivas e às equipes, ou mesmo a própria incorporação de calendários nacionais que ampliassem a participação das mulheres no futebol, ainda temos muito a avançar.

Ainda que no esporte de rendimento (caso do Campeonato Brasileiro Feminino A-1) o foco maior seja alcançar o topo da tabela e garantir o lugar de destaque no pódio, há que se considerar que o processo de realização do campeonato pode nos inserir em outras perspectivas do esporte que vão além da vitória, da derrota ou do empate. Existem outros aspectos que podem ser observados muito além do resultado final de uma partida e que se relacionam com aprendizagens e experiências.

Nesse sentido, indaguei-me sobre a situação da equipe da Associação Napoli Caçadoreense. Diante da possibilidade de rebaixamento

<sup>4</sup> BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*, 2019.

<sup>5</sup> GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*, 2005.

no campeonato, o que significaria para as jogadoras do Napoli estar nessa situação? Como teria transcorrido a trajetória da equipe, dentro e fora dos gramados até a 10ª rodada do campeonato?

Gosto do futebol faz muito tempo, desde a minha infância, quando me arriscava em brincadeiras junto com meus irmãos. Também foi na infância o começo da aprendizagem do torcer pelo Cruzeiro. Atualmente, sempre que possível assisto aos jogos que são transmitidos pela televisão, seja jogado por mulheres ou por homens, ou escuto no rádio alguns que não consigo assistir. O futebol tem me acompanhado em leituras e também em estudos e debates no núcleo de estudos a que estou vinculada, o FULIA/UFMG. E cada vez mais me convenço de que o que conheço sobre o futebol é pouco diante do que há por aprender. Talvez um dos encantos que o futebol nos apresenta seja também essa possibilidade ampla para aprendermos sobre ele.

Em relação ao futebol de mulheres, além dessa possibilidade, observo que um dos desafios posto para ele é alcançar uma ampla divulgação, uma vez que tem pouca cobertura por parte da imprensa esportiva. Em especial nos jornais impressos, as informações que nos chegam são escassas e usualmente relacionadas à existência de equipes locais, isso quando fazem parte da pauta de notícias. Assim, conhecer a realidade do futebol jogado por mulheres termina sendo um grande desafio! E, se estando em Belo Horizonte (cidade onde moro) já não é fácil acompanhar o Cruzeiro (equipe mineira que está participando do Campeonato Nacional), imagina então conhecer o andamento do Napoli, time do município de Caçador, estado de Santa Catarina?

Sendo assim, a internet termina se constituindo como uma possibilidade para tentar conhecer melhor a trajetória da Associação Napoli Caçadoreense e de tantas outras equipes. Para conhecer a trajetória da equipe durante o Campeonato Brasileiro, acessei dois sites: GE<sup>6</sup> (Globo Esporte) e Uol<sup>7</sup>. No Uol (Universo Online) as notícias relacionadas ao Campeonato Brasileiro Feminino A-1 são mais pontuais, não sendo

<sup>6</sup> BRASILEIRÃO feminino. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/brasileiro-feminino/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

<sup>7</sup> BRASILEIRÃO feminino. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/brasileiro-feminino/>. Acesso em: 22 mar. 2022.



identificado no site uma coluna permanente que destacasse a competição. Já no GE (Globo Esporte) há uma coluna específica para divulgar as notícias sobre o Campeonato Brasileiro, que é denominada *Brasileirão Feminino*, sendo mais recorrente a vinculação de notícias sobre os resultados dos jogos e alguns comentários sobre a atuação dos times, tanto do Brasileiro A-1 como do Brasileiro A-2. Do começo do Campeonato Brasileiro A-1 até o dia 28 de maio, o GE publicou 6 reportagens sobre o Napoli. A primeira, publicada no dia 17 de abril, destacava que a participação de duas equipes de Santa Catarina no Campeonato Brasileiro A-1 era um fato inédito na competição. Nas outras duas reportagens, o destaque foi dado aos resultados dos jogos, um empate de 2X2 com o Bahia (24 de abril de 2021) e uma derrota de 5X1 contra o Santos (29 de abril de 2021). No dia 30 de abril, a reportagem publicada no GE enfatizava o baixo rendimento das duas equipes de Santa Catarina, Avaí/Kindermann e Napoli, além de indicar a necessidade de uma vitória de ambas na quinta rodada do campeonato. E as duas últimas reportagens mencionaram a situação do Napoli na lanterna do campeonato: a do dia 9 de abril destacou que o empate com o Minas Icesp ajudou a sair da lanterna, e a do dia 26 de maio indicou o retorno da equipe novamente para a lanterna, que aconteceu após a derrota para a Ferroviária.

O que identifiquei nos sites respondia em parte as perguntas que eu havia feito em relação à trajetória da equipe, mas não esclarecia a questão da subjetividade das jogadoras diante do risco iminente de rebaixamento. Assim, pesquisei um pouco mais e localizei a página da Associação Napoli Caçadoreense no *Facebook*.

Um primeiro impacto que tive ao acessar a página do clube foi identificar a manifestação de luto da equipe, uma vez que o emblema do time estava escurecido e acompanhado por um laço preto (símbolo expressando luto). Identifiquei na própria página que a razão desse luto foi o falecimento de Salezio Kindermann, o fundador do clube. Foi publicado no dia 16 de maio uma nota oficial, lamentando e informando que ele havia falecido, vítima da COVID-19. Na mensagem, acompanhada por uma foto dele (próximo a vários troféus), estava explicitada a relevância que Salezio tinha para o clube, uma vez que além de fundador, também era investidor do Napoli (e também do Avaí/Kindermann). Outro aspecto

que a nota destacava era a sua contribuição para o desenvolvimento do futebol de mulheres, sendo mencionado que ele “foi um dos maiores incentivadores do futebol feminino nacional”<sup>8</sup>.

No dia seguinte, 17 de maio, em uma postagem de uma foto das jogadoras no gramado, ajoelhadas e com uma delas segurando uma camisa, foi mencionado que era difícil entrar em campo diante do falecimento do maior torcedor que a equipe tinha (Salezio Kindermann). O jogo, válido pela oitava rodada do Campeonato Brasileiro, terminou com a vitória do Cruzeiro por 3x0. A postagem deixava claro o sentimento de tristeza da equipe e o desafio que era, naquela situação, entrar em campo para o jogo.

Fazendo a leitura das postagens realizadas ao longo dos meses de março a maio de 2021, ficou evidente que além daquelas que remetiam à participação do Napoli nos jogos do Campeonato Brasileiro (inclusive algumas que demonstravam momentos dos jogos), havia outras que extrapolavam a realização da partida propriamente dita, entre elas: homenagem a torcedor, comemoração pelo título do Campeonato Brasileiro A-2, divulgação do vencedor da rifa promovida pela equipe, participação da técnica e de jogadora em programa na Rádio Caçanjuré. E destaco ainda outras duas: uma em que as jogadoras estavam no vestiário antes do jogo contra o Bahia e dançavam uma coreografia coletiva, em um momento de muita brincadeira, riso e descontração entre elas (25 de abril de 2021). E a outra, postada no dia 9 de maio, fazia menção ao Dia das Mães, com frases atribuídas às falas das mães das atletas, que demonstravam o apoio, o carinho e o incentivo dado por elas às filhas.

<sup>8</sup> Para outras informações sobre a Associação Napoli Caçadoreense: <https://www.facebook.com/NapoliOficial/>. Acesso em: 28 mar. 2022.



Imagem 1: Falas de incentivo atribuídas às mães das atletas do Napoli.

Reprodução: Facebook/ Napoli



Imagem 2: Falas de incentivo atribuídas às mães das atletas do Napoli.

Reprodução: Facebook/ Napoli

Acompanhar as postagens na rede social do clube Napoli evidenciou aspectos que me ajudaram a conhecer melhor a trajetória dessa equipe. Pude constatar, por meio de situações do cotidiano do clube compartilhadas ali, que existe, sim, a possibilidade de que uma equipe estimule outras aprendizagens e experiências que extrapolam os noventa minutos do jogo no campeonato. Que ainda que a equipe não estivesse nas melhores posições da tabela, o campeonato ainda não tinha chegado ao fim, ele continuava. E as ações como a dança, a rifa e a participação no programa da Rádio Caçanjuré, explicitaram que o futebol na rotina delas extrapolava a própria prática do futebol, o ganhar ou o perder o campeonato, ou mesmo a possibilidade de ver o próprio time ser rebaixado ou vitorioso. Sentimentos de tristeza, alegria e gratidão foram identificados nas postagens na página do *Facebook*, que de diferentes modos se constituem como evidências do cotidiano de jogadores e demais membros da

equipe, envolvendo também as famílias e torcedores desse clube de futebol de mulheres de Santa Catarina.

Voltando novamente a atenção para a 15ª rodada, o que se constata após o seu término é a predominância de times paulistas entre as que avançaram para a próxima fase do campeonato, uma vez que das oito equipes que seguiram para a segunda fase, as cinco primeiras são do estado de São Paulo: Corinthians (38 pontos), Palmeiras (37 pontos), São Paulo (29 pontos), Santos (27 pontos) e Ferroviária (27 pontos). Outro destaque em relação às equipes que seguiram para a segunda fase é que as outras três equipes são da região Sul do Brasil: na sexta colocação o Internacional (RS), na sétima colocação o Grêmio (RS) e na oitava colocação, o Avaí/Kindermann (SC).

Quanto às equipes que serão reconduzidas para o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A-2 no ano de 2022, a situação da equipe do Napoli só mudou em relação à posição na tabela, uma vez que na 10ª rodada estava na 16ª colocação (a última) e, na 15ª rodada, com sete pontos conquistados no campeonato, conseguiu subir para a 15ª colocação. Mas o time não conseguiu permanecer no Brasileiro A-1 e será reconduzido para o Brasileiro A-2, juntamente com a equipe do Bahia (BA), que encerrou a primeira fase conquistando quatro pontos e a 16ª colocação, a do Minas Brasília (DF) que conquistou 11 pontos e a 14ª colocação, e a equipe do Botafogo (RJ) que somou 11 pontos e conquistou a 13ª colocação.

No dia 24 de junho de 2021, após o último jogo da primeira fase, já com a sua situação decidida no campeonato, foi postada uma mensagem na página do Napoli no *Facebook* em que esse novo panorama foi mencionado, assim como os desafios que o time enfrentou em 2021, dentro e fora de campo. Havia ainda os agradecimentos à torcida, apoiadores e patrocinadores. A mensagem foi finalizada destacando que a aprendizagem do ano de 2021 era repleta de desafios. E que isso não era o fim, que em 2022 teria mais.

Diante dos desafios enfrentados elas seguiram até onde foi possível no campeonato, jogando, se empenhando dentro de campo e buscando a superação dos limites que estão impostos a elas, também fora dele. Alguns desses limites também são impostos a várias outras equipes de futebol de mulheres no Brasil, no futebol competitivo ou fora dele.

## Referências

BONFIM, Aira Fernandes. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*. 2019. 213p. Dissertação (Mestrado em História Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, 2019.

BRASILEIRÃO FEMININO. *In*: Globo Esporte, 2021. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/brasileiro-feminino/>. Acesso em: 28 maio 2021.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL FEMININO A1 – 2021. *In*: Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: [https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a1?gclid=EAIaIQobChMIisHejKfs8AIVwgiRCh0DAg14EAAYASAAEgL24\\_D\\_BwE](https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a1?gclid=EAIaIQobChMIisHejKfs8AIVwgiRCh0DAg14EAAYASAAEgL24_D_BwE). Acesso em: 22 mar. 2022.

CAMPEONATO BRASILEIRO FEMININO A-1. TABELA BÁSICA / EDIÇÃO 2021. *In*: Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: [https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202101/20210129132935\\_729.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202101/20210129132935_729.pdf). Acesso em: 28 mar. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 1 jun. 2005.



# Apontamentos sobre os arquivos digitais de futebol: a RSSSF Brasil

Marcus Vinícius Costa Lage

Há cerca de um ano, um colega “fulião” me questionou, durante reunião do nosso Núcleo de Estudos (FULIA), se as informações do site que eu havia usado no texto escalado para o debate eram confiáveis. De acordo com ele, esse mesmo site já lhe havia sido útil para localizar datas e resultados de alguns jogos e campeonatos de futebol. No entanto, como ele mesmo fez questão de dizer, suas visitas a esse site teriam sido circunstanciais, pontuais. Em momento algum, ele pensou em usá-lo como uma fonte, evitando, inclusive, referenciá-lo, por desconfiar de sua confiabilidade.

Devo confessar que, durante muito tempo, tive esse mesmo receio do meu colega. A internet é terreno plural, às vezes parece ser terra de ninguém. Por isso, talvez mais do que as fontes que estão fora da rede mundial de computadores – que, evidentemente, também são passíveis de questionamentos semelhantes –, não dá para confiar em qualquer informação encontrada; muito embora, se seu interesse são as tradições, as memórias coletivas, as mitologias futebolísticas, a informação “falseada”, se é que podemos dizer isso, pode ser tão ou mais interessante para sua pesquisa.

Essa, contudo, não me parece ser a realidade de *The Rec.Sport.Soccer.Statistics Foundation Brasil* (RSSSF Brasil), o site que provocou o questionamento do meu colega. A RSSSF Brasil é um “braço semi-autônomo”, regido pelos mesmos objetivos e pela mesma política, e partilhando o mesmo formato de sua matriz europeia *The Rec.Sport.Soccer.Statistics Foundation* (RSSSF). Justamente por isso, antes de falar da

RSSSF Brasil, acredito ser necessária uma breve apresentação dos movimentos inaugurais de sua matriz.

A RSSSF foi originalmente fundada como *Northern European Rec. Sport.Soccer.Statistics Foudantion* (NERSSSF) em janeiro de 1994 a partir da iniciativa de um austríaco (Karel Stokkermans), um norueguês (Lars Aarhus) e um sueco (Kent Hedlundh), todos eles pós-graduandos em Ciência da Computação com temas relacionados a estatísticas de futebol, e também colaboradores regulares do *rec.sport.soccer*, um grupo de correspondentes virtuais dedicado à socialização de estatísticas históricas de campeonatos de futebol. No e-mail de divulgação da página, os fundadores, por meio do austríaco Karel Stokkermans, afirmavam que seu “maior objetivo [era] colecionar todo tipo de estatísticas, em particular as tabelas de ligas de futebol de todo o mundo, e disponibilizar essa informação para as pessoas que partilham desse [...] interesse”<sup>1</sup>. Além disso, nessa mesma mensagem, os idealizadores do projeto externavam sua preocupação com a confiabilidade das informações, defendendo que seu “objetivo final [era] ter correspondentes dos (e melhor ainda nos) países envolvidos”<sup>2</sup>.

Em respeito a esse movimento inaugural, ainda hoje a “Carta” de apresentação do site deixa claro que o arquivo de estatísticas por ele disponibilizado é de livre acesso e que sua produção se dá de forma colaborativa, algo que vinha sendo praticado de maneira incipiente na rede mundial de computadores naqueles anos 1990 e que mais tarde seria consagrado por experiências como a plataforma virtual colaborativa de nome *Wikipedia*. Como forma de universalizar ainda mais as informações disponibilizadas, todas as páginas da então NERSSSF, e da atual RSSSF, eram formatadas em Código Padrão Americano para o Intercâmbio de Informação (ASCII), um tipo de código binário criado nos anos 1960 para padronizar o uso de caracteres alfanuméricos em computadores, ou em Linguagem de Marcação de Hipertexto (HTML), código básico para a internet. Característica que contribui para dar uma aparência de formalidade, cientificidade, veracidade às informações disponibilizadas.

<sup>1</sup> ARRUDA. *Poisson, Bayes, Futebol e DeFinetti*, p. 123.

<sup>2</sup> ARRUDA. *Poisson, Bayes, Futebol e DeFinetti*, p. 123.



Apesar de ainda se apresentar como uma plataforma virtual colaborativa, três anos depois de sua criação o alto número de membros contribuintes provenientes de diversas nacionalidades fez com que o projeto deixasse de ser identificado com o norte da Europa, passando a contar com um conselho, que decide ainda hoje, entre outros assuntos, sobre os novos pedidos de adesão. Seria, portanto, dentro desse movimento de ampliação de sua base de dados que em 2000 a primeira seção local da RSSF foi fundada, tendo como sede o Brasil.

Muito embora o site brasileiro não divulgue a informação de quem foram os fundadores da RSSF Brasil, ao menos uma evidência aponta para um perfil profissional semelhante entre os, digamos assim, colecionadores de estatísticas brasileiros e os norte-europeus. É que a RSSF Brasil é hospedada por um outro site, o *Chance de Gol*, de autoria de Marcelo Leme de Arruda, um dos integrantes brasileiros mais antigos da RSSF e cuja carreira acadêmica (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado) encontra-se estritamente relacionada às Ciências Exatas, mais precisamente à área de Probabilidade e Estatísticas Aplicadas ao futebol. O *Chance de Gol*, de Marcelo Arruda, é um site destinado a divulgar diariamente as probabilidades de resultados dos principais jogos de futebol que irão acontecer no Brasil e no mundo, alimentando, entre outros segmentos, o mercado de apostas futebolístico.

Para quem ainda não teve a oportunidade de visitar a RSSF Brasil, vai aqui uma grosseira apresentação de seu extenso conteúdo, alimentado por mais de uma centena de pesquisadores aprovados pelo conselho da plataforma. Logo em sua página principal, 11 *links* de seções são apresentados. Como de costume, alguns deles trazem informações gerais sobre o site, seu funcionamento, o perfil de seus membros, seu grupo de discussões e os endereços eletrônicos das demais seções locais filiadas à matriz europeia. Há também uma interessante seção denominada "Livros sobre futebol", que contém uma extensa listagem de publicações sobre o tema. E outra intitulada "Diversos", que, como o próprio nome indica, é composta por informações de diversas naturezas, como, por exemplo, *rankings* de clubes, premiações de atletas, recordes de públicos em estádios brasileiros, relações de jogos de uma única equipe ou confrontos específicos. Além dessas seções, outras seis são destinadas

às “estatísticas” do futebol, divididas em: “Torneios em andamento”, composta por jogos das competições em disputa na atual temporada; “Resultados históricos”, possivelmente a mais volumosa delas, que sistematiza os jogos de diversas competições nacionais, interestaduais, amistosas e estaduais já disputadas; “Seleção brasileira”, que contém “todos” os jogos já realizados pelas equipes masculinas principais, sub-20, sub-17, sub-15 e seniores/másters, e pelas equipes femininas principais, sub-20 e sub-17 do Brasil; e “Competições internacionais”, tanto interclubes quanto envolvendo selecionados nacionais.

Em tempos de pandemia mundial, de arquivos físicos fechados, ou diante da inexistência de arquivos tão abrangentes sobre futebol, por que não lançar mão de iniciativas como essas?

## Referências

ARRUDA, Marcelo Leme de. *Poisson, Bayes, Futebol e DeFinetti*. Dissertação (Mestrado em Estatística) – São Paulo: USP, 2000. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45133/tde-19072012-112940/publico/Poisson\\_Bayes\\_Futebol\\_e\\_DeFinetti.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45133/tde-19072012-112940/publico/Poisson_Bayes_Futebol_e_DeFinetti.pdf). Acesso em: 17 mar. 2022.

# Heleno de Freitas, o trágico gênio indomável

Thiago Carlos Costa

A figura de Heleno de Freitas nos dias atuais é algo distante nos almanaques e estatísticas do futebol, ou quando é buscado para tratar da vida trágica de jogadores de futebol. Heleno foi registrado pela imprensa esportiva brasileira e por parte da mídia como um dos gigantes do futebol brasileiro tanto pelos seus numerosos gols quanto pelas confusões que lhe renderam a fama de galã e também “craque-problema” do futebol brasileiro. A rápida e intensa trajetória de Heleno de Freitas transcendeu as linhas do campo de jogo quanto à construção de sua memória e representatividade no futebol brasileiro e sul-americano. Neste breve texto, pretendo analisar algumas narrativas produzidas em torno da figura do futebolista Heleno de Freitas por meio de trechos de crônicas escritas por autores como Armando Nogueira, Eduardo Galeano, Gabriel García Márquez, além de fragmentos da biografia escrita por Marcos Eduardo Neves, e também dialogar com o longa-metragem *Heleno: o príncipe maldito*, de José Henrique Fonseca.

Para tanto, vale aqui ressaltar as relações distintas entre a produção biográfica e a metodologia de pesquisa histórica, quando, no caso deste texto, a biografia serve de uma profícua fonte para o historiador. Partindo das reflexões propostas por François Dosse, em *O desafio biográfico: escrever uma vida*, o historiador francês propõe uma densa cartografia da produção biográfica ao longo da história e como foi e pode ser tratada como fonte para os historiadores:

Gênero híbrido, a biografia se situa na tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segunda das regras da mimesis, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhando em fazer história, mas é guindada aos paroxismos no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional<sup>1</sup>.

Assim, a produção biográfica sobre Heleno de Freitas transita nesse hibridismo entre o factual e o ficcional, na tentativa de seus biógrafos de prenderem a atenção de seus leitores e, ao mesmo tempo, construir imagens para seu biografado, mesmo que no caso de Heleno se tenha a tragédia da sua vida como um índice para sua construção imagética. Contudo, cabe ao historiador e estudioso do tema, ao pesquisar biografias, analisar o personagem biografado observando-o para além da narrativa cronológica e factual, mas também analisar o papel do biógrafo e o contexto no qual foram produzidas as biografias. Portanto, neste breve estudo faremos uma leitura das produções textuais e imagéticas da biografia de Heleno de Freitas e analisaremos os estigmas e produções de cânones em torno deste jogador de futebol.

A biografia de Heleno de Freitas, escrita por Marcos Eduardo Neves, quando contraposta com os textos de Armando Nogueira, João Máximo, Eduardo Galeano e Gabriel García Márquez, nos ajuda a pensar a trajetória de homem – sujeito histórico – e do atleta – um herói esportivo – para além das estatísticas e almanaques. Quando Heleno faleceu na casa de repouso onde estava internado na cidade mineira de Barbacena, em 8 de novembro de 1959, aos 39 anos de idade, vitimado pela sífilis, jovem e longe dos holofotes da imprensa, Heleno de Freitas passou a ser tratado como uma figura mítica do futebol brasileiro, pela intensidade e marcas expressivas que deixou nos campos ao longo de 12 anos, atuando em 360 partidas e marcando 282 gols, com uma média de 1,2 gols por partida. Ao todo, entre 1940 e 1948, Heleno de Freitas disputou 233 jogos anotando 204 gols pelo time do Botafogo, tornando-se até os dias atuais o quarto maior artilheiro da história do time, atrás apenas de Quarentinha (313

<sup>1</sup> DOSSE. *O desafio biográfico: escrever uma vida*, p. 55.

gols), Carvalho Leite (261 gols) e Garrincha (245 gols). A ascensão de Heleno no time do Botafogo lhe rendeu o *status* de estrela principal da equipe já no início da carreira profissional, e seu estilo de vida boêmio e galante logo ganhava as páginas da imprensa e da vida social carioca, em uma cidade em que, na época, os holofotes recaíam sobre os âmbitos político, econômico e social da sua condição de capital federal.

Pela seleção brasileira Heleno de Freitas também teve carreira destacada, mas abreviada pelas constantes brigas com o técnico da seleção, Flávio Costa. No total, Heleno atuou em 18 partidas pela seleção nacional anotando 15 gols, seu auge foi em 1945, quando foi o artilheiro do torneio sul-americano daquele ano com seis gols. Mesmo assim, não conseguiu evitar o vice-campeonato da equipe brasileira em uma final diante da seleção argentina. Heleno também é conhecido por ser uma das grandes ausências das Copas do Mundo; por conta da Segunda Guerra Mundial, os mundiais que seriam disputadas em 1942 e 1946 não foram realizados. Em 1950, mesmo com a Copa sendo realizada no Brasil, Heleno não foi convocado pelo seu desafeto, o treinador Flávio Costa, para quem o jogador chegou a apontar um revólver, e também por já não estar em plena forma física e técnica.

Essa outra parte da sua trajetória acabou por marcar sua vida e ganhou mais força ainda após a sua morte, com foco na vida boêmia, desregrada e marcada por confusões dentro e fora dos campos, criando uma aura de um dos primeiros “craque-problema” do futebol brasileiro, o que seriam nos termos atuais os chamados *bad boys*. Assim, traremos para essa análise dos trechos das crônicas destacadas adiante algumas reflexões propostas por Gumbrecht:

O que é que tanto fascina os espectadores de esporte, além das vitórias, derrotas e recordes quebrados? A que eles tanto apreciam e, talvez inconscientemente, querem se apegar quando não estão pensando em estatísticas?<sup>2</sup>

Em uma crônica do jornalista Armando Nogueira, intitulada “Heleno, anjo e demônio”, publicada no livro *O olho na bola*, de 1968, o cronista destaca essa relação angustiante na personalidade de Heleno:

<sup>2</sup> GUMBRECHT. Fascínios, p. 108.

O futebol, fonte de minhas angústias e alegrias, revelou-me, ao longo de vinte anos, em Heleno de Freitas, a personalidade mais dramática que conheci nos estádios deste mundo. Viveu em conflito com o universo do futebol, amado como um deus, censurado como o demônio: era o fantasma dos árbitros, o gênio da bola aos olhos dos catadráticos de futebol, o desafeto das torcidas e o galã irresistível das mocinhas de Copacabana que lhe namoravam a elegância, a rebeldia, o anel de doutor em Direito e a fama. [...] Heleno de Freitas realizava todas as virtudes de crack com um toque de elegância: era, de longe a mais vistosa postura do futebol brasileiro na década de [19]40<sup>3</sup>.

Esta reflexão de Nogueira será uma questão recorrente tratada por todos os cronistas que descreveram a vida e obra de Heleno nos gramados e na sociedade. Seu talento era prejudicado por seu temperamento descontrolado, como ainda descreve a seguir:

Ganhava jogos sozinho e sozinho os perdia, quase sempre, vítima da batalha sem trégua que sustentava consigo mesmo. Pobre Heleno: ao artista querendo afirmar inspiração lúdica em conflito com o homem asfiziado por obrigações de um regime – o profissionalismo – para o qual não estava psicologicamente amadurecido. Rebelava-se contra a rotina dos treinos, a concentração, o passe, a ginástica<sup>4</sup>.

Nos trechos destacados acima, Armando Nogueira reflete sobre a figura conflitante e indomável de Heleno, que mesmo com sua genialidade não conseguia reverter isso em êxito para si, e para seu time. Sem dúvida, seus números individuais eram expressivos, mas o futebol enquanto esporte coletivo demanda uma mínima harmonia no seu grupo de atletas em prol de um objetivo comum, no caso, as vitórias e conquistas de campeonatos. Mais adiante, o cronista destaca:

Heleno tinha futebol para ganhar títulos, mas não tinha nervos para suportar a guerra dos campeonatos. Cada domingo, era ele vencido pelo poderoso complexo de circunstâncias desajustadas que modelam o equilíbrio do nosso futebol: brigava com juizes, com o público, com os adversários e, sobretudo, brigava com o próprio Botafogo, clube que lhe deu renome e perdição também<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> NOGUEIRA. Heleno, anjo e demônio, p. 35.

<sup>4</sup> NOGUEIRA. Heleno, anjo e demônio, p. 36.

<sup>5</sup> NOGUEIRA. Heleno, anjo e demônio, p. 37.

Assim, Armando Nogueira descreve a delicada relação de Heleno consigo mesmo como anjo e demônio de si, trazendo consigo uma espécie de maldição que o aprisionava e não permitia alcançar a felicidade, no caso, a conquista do campeonato pelo Botafogo, devido a sua “falta de nervos” para suportar o desafio das competições. Vale lembrar que, quando Heleno transferiu-se do Botafogo para o Boca Juniors, ele não havia conquistado nenhum título pelo alvinegro carioca.

Outro cronista encantado com o futebol de Heleno de Freitas e, ao mesmo tempo, angustiado pela figura indomável do jogador é o escritor uruguaio Eduardo Galeano, que em seu livro de coletâneas de crônicas de futebol, dedica uma ao atacante brasileiro, intitulada “Gol de Heleno”:

### ***Gol de Heleno***

Foi em 1947. Botafogo versus Flamengo, no Rio de Janeiro. Heleno de Freitas, atacante do Botafogo, fez um gol de peito.

Heleno estava de costas para o arco. A bola chegou lá de cima. Ele parou-a com e se voltou sem deixá-la cair. Com arqueado e a bola no peito, enfrentou a situação. Entre o gol e ele, uma multidão. Na área do Flamengo havia mais gente que em todo o Brasil. Se a bola caísse no chão, estava perdido. E então Heleno pôs-se a caminhar, sempre curvado para trás, e com a bola no peito atravessou tranquilamente as linhas inimigas. Ninguém podia tirá-la sem fazer falta, e estavam na zona de perigo. Quando chegou às portas do gol, Heleno endireitou o corpo. A bola deslizou até seus pés. E ele arrematou.

Heleno de Freitas tinha pinta de cigano, cara de Rodolfo Valentin e humor de cão raivoso. Nas canchas, resplandecia.

Uma noite, perdeu todo o seu dinheiro no casino. Outra noite, perdeu não se sabe onde toda a vontade de viver. E na última noite morreu, delirando, num hospício<sup>6</sup>.

Mais uma vez, observa-se a confluência de Galeano e Nogueira na descrição da figura de Heleno de Freitas, sua elegância e exuberância esportiva em confronto com seu temperamento descontrolado e seu final de vida trágico.

Completando a análise da construção imagética de Heleno, destacamos aqui um trecho da narrativa de García Márquez:

<sup>6</sup> GALEANO. Gol de Heleno, p. 89.

O tempo passou e no domingo seguinte, depois de treinar incansavelmente com os companheiros de seu time, o dr. De Freitas deve ter chegado à conclusão de que, mais do que tais práticas esportivas, lhe seria melhor uma prática metódica e consciente da gramática castelhana. Foi assim que pôde realizar bem melhor sua segunda apresentação, mostrando-se já capaz de compreender que a gritaria vinda das tribunas não era de aprovação, mas de descontentamento. E já em sua nova apresentação em Barranquilla, de volta de Cáli, o dr. De Freitas mostrava-se capaz de conjugar perfeitamente os tempos simples do verbo "fazer". "Farei milagres", declarou à imprensa, ao dar-se conta de que o público queria exatamente isso. Que fizesse milagres. E, segundo me contam alguns que estiveram nesse dia no Estádio Municipal, o que o brasileiro fez foi uma milagrosa atuação. Praticamente, disseram, o dr. De Freitas – que deve ser um bom advogado – redigiu nesta tarde, com os pés, memoriais e sentenças judiciais não apenas em português e espanhol alternadamente, mas também citações de Justiniano no mais puro latim clássico<sup>7</sup>.

Ao pensarmos a construção biográfica em torno de Heleno, podemos construir uma análise proposta por Pierre Bourdieu, em *A ilusão biográfica*, quando o sociólogo francês propõe que:

[...] falar de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história ou relato dessa história<sup>8</sup>.

E é justamente esta construção de uma história de vida ou de relatos que Marcos Eduardo Neves produz de forma eficiente em sua biografia sobre Heleno de Freitas. Logo no sumário do livro, cuidadosamente dividido em 27 capítulos, o biógrafo compõe esse mosaico da trajetória de Heleno, composta por relatos, documentos, cartas, trechos de crônicas para construir seu trabalho biográfico. Em um trecho do livro, Marcos Eduardo Neves estabelece uma comparação entre ícones no Rio de Janeiro da década de 1940, Heleno de Freitas pelo futebol e a atriz norte-americana Rita Hayworth, que protagonizava o sucesso de Hollywood, *Gilda*. Compondo essa relação entre futebol e cinema, e

<sup>7</sup> MÁRQUEZ. O doutor De Freitas, p. 239.

<sup>8</sup> BOURDIEU. *A ilusão biográfica*, p. 183.



imaginário coletivo, Marcos Eduardo Neves apresenta a relação do título de seu livro com a relação imagética entre o jogador e a atriz:

Se nunca houve uma mulher como Gilda, como pregava o slogan publicitário do filme, jamais surgiria, nem voltaria a aparecer, nos estádios de futebol, jogador tão carismático quanto Heleno de Freitas. Comparando-o a Rita Hayworth, as torcidas passaram a mexer com o atleta. Atordoado, caso o time estivesse perdendo, Heleno se destemperava, invariavelmente sendo expulso. Suas maiores discussões com árbitros e bandeirinhas datam dessa época. Mas Heleno de Freitas era mais que um apelido. Era o melhor jogador brasileiro do momento. Como comprovou, ao vivo e em cores, o narrador Luiz Mendes<sup>9</sup>.

Ao analisarmos o texto de Marcos Eduardo Neves, podemos lançar mão da tese de que o mesmo busca em seu trabalho uma espécie de biografia de reparação de Heleno. O próprio título do livro – *Nunca houve um homem como Heleno* – já traz ao leitor essa intenção de construção de um herói esportivo envolto em uma trajetória de sucesso nos estádios de futebol, bailes, imprensa, em contraponto com as suas tragédias pessoais. Pensando em dramatização da vida em um contexto de indústria cultural, a trajetória de Heleno se torna uma película cinematográfica com grandes possibilidades comerciais, como é atualmente explorada.

## **Considerações finais**

Após este breve levantamento e diálogo de textos sobre Heleno de Freitas com produções acadêmicas sobre a biografia, podemos observar algumas construções de imagens em torno de Heleno. Estas são peças fundamentais para este quebra-cabeça das trajetórias pessoais, que vão além de narrativas cronológicas e lineares que limitam a percepção da vida social. A biografia, então, se apresenta como relevante fonte de pesquisa para os estudos literários e para a historiografia, trazendo não somente a possibilidade de leitura do biografado, mas também a do biógrafo. Portanto, ao trazer para o debate acadêmico a trajetória de Heleno de Freitas, não esgotamos o tema, mas, sim, proporcionamos neste breve texto possibilidades de interpretação desse sujeito histórico. Para

<sup>9</sup> NEVES. *Nunca houve um homem como Heleno*, p. 159.

concluir, é interessante trazer a análise do historiador italiano Giovanni Levi: “a biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem a historiografia”<sup>10</sup>.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 183-191.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FONSECA, José Henrique. *Heleno: o príncipe maldito*. Brasil, preto e branco, 2011, 116 min.
- GALEANO, Eduardo. Gol de Heleno. In: GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010, p. 89.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Fascínios. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. O doutor De Freitas. In: MÁRQUEZ, Gabriel García. *Obra jornalística, v. 1: Textos caribenhos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 238-239.
- NEVES, Marcos Eduardo. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.
- NOGUEIRA, Armando. Heleno, anjo e demônio. In: PEDROSA, Milton (org.). *O olho na bola*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968, p. 35-40.

<sup>10</sup> LEVI. Os usos da biografia, p. 168.

# **Tomás Mazzoni e o pensamento autoritário no esporte**

Vinicius Garzon Tonet

É uma fatalidade: a longo prazo, todos seremos esquecidos. Nossa voz, nosso olhar, nossa obra. Ao pó retornaremos. Até lá, os historiadores vão dando sobrevida à comédia humana. É bem verdade que a memória coletiva é benevolente com alguns personagens. Esses resplandecem, são lembrados, aplaudidos, atacados. São encontrados em bares, cafés, salas de aula, aeroportos, prédios públicos. Se já não tivessem ido, estariam por aí perguntando as horas. Outros não têm a mesma sorte. Precisamos visitar porões, antiquários, subterrâneos de museus para encontrá-los. Por vezes, um sujeito é encontrado e dizem: "Enfim, foi retirado do esquecimento!". Pouco depois, lá está o nosso companheiro, abandonado às trevas da desmemória. Haja esforço para que alguém alcance o posto dos memoráveis "de bate pronto".

Tomás Mazzoni (ou Thomaz, Tomaz, Tommaso Mazzoni a depender da fonte consultada) é um desses que precisa ser constantemente lembrado para que a poeira não volte a se acumular sobre suas ombreiras. Nasceu no ano de 1900, na Itália, veio para o Brasil em 1909 e faleceu em São Paulo, cidade onde viveu, em 1970. Foi também um nacionalista, um patriota desses de ver em campanhas de aquisição de selo a reedição da Batalha de Riachuelo – "um ato patriótico para melhor servir o nosso ideal comum de vermos o Brasil atingir o posto supremo no futebol

internacional”<sup>1</sup>. Percorreu ma longa jornada dedicada à crônica esportiva, à história do futebol e ao desenvolvimento do esporte no Brasil. Escreveu em diversos jornais, principalmente em *A Gazeta Esportiva*, participou de programas de rádio e TV, publicou livros e almanaques sobre futebol e variados esportes. Cobriu *in loco* a Copa do Mundo de 1938, na França e, sobre isso, o pesquisador André Ribeiro nos dá pistas sobre até aonde poderia ir o nacionalismo de Mazzoni:

Em 1938, pela primeira vez em sua história, a imprensa esportiva brasileira partia para a cobertura de um megaevento como a Copa do Mundo. Os privilegiados foram Thomaz Mazzoni, de *A Gazeta*; Afrânio Vieira, do *A Noite*; Everardo Lopes, do *Jornal dos Sports*; e Gagliano Neto, o único narrador sul-americano a transmitir os jogos de nossa seleção. Apesar de boas atuações, a equipe brasileira era bastante criticada por grande parte da imprensa do país. Quem não concordava com nada disso era Thomaz Mazzoni, que acompanhou a seleção em território francês e ficou indignado com a postura crítica de seus companheiros no Brasil<sup>2</sup>.

Além disso, falava sobre ciclismo, boxe, atletismo e tanto mais. Era conhecido como “Enciclopédia do Futebol” e, por conta de seu vasto conhecimento sobre assuntos esportivos, adotou o pseudônimo “Olimpicus”.

É certo que Mazzoni merece ser lembrado por todos esses fatos. Hoje, porém, daremos atenção a outra característica do jornalista digna de lembrança: a íntima relação entre a sua paixão esportiva e as suas ideias políticas. Ele se via como um ideólogo do esporte e essa sua face doutrinária está sistematizada em dois livros: *Problemas e aspectos do nosso futebol* (1939) e *O esporte a serviço da pátria* (1941). E que se diga de imediato: Mazzoni foi um representante do pensamento autoritário brasileiro.

Mazzoni exaltava a ditadura varguista: “O Estado Novo, somente o Estado Novo com a sua doutrina e postulados, poderia dar ao esporte brasileiro o rumo que merece”<sup>3</sup>. Poderíamos destacar, também, o seu filofascismo:

<sup>1</sup> MAZZONI *apud* SILVA. *Ordem em jogo: jornalismo esportivo, disciplina e nacionalismo na produção de Thomaz Mazzoni (1920-1941)*, p. 89.

<sup>2</sup> RIBEIRO. Thomaz Mazzoni: o jornalista esportivo, 2015.

<sup>3</sup> MAZZONI. *O esporte a serviço da pátria*, p. 18.

A esta renascença esportiva deu muita autoridade o exemplo dos chefes fascistas: Mussolini, esportista completo, praticando todas as modalidades e prodigalizando incitamentos. [...] O lema que o Duce deu à juventude universitária – “Livro e Fuzil” – denota claramente a preocupação do regime fascista em fomentar uma atividade mais profunda, intelectual e cultural, à mocidade italiana. [...] A Itália fascista oferece o espetáculo da maior tentativa de educação estatal da juventude de que fala a História desde a antiguidade<sup>4</sup>.

Na ótica de Mazzoni, o Estado seria o ordenador exclusivo da realidade social e o mundo esportivo não escaparia a esse ordenamento ou, em suas palavras, “fora dos princípios do regime não se pode compreender o esporte como força viva da Nação!”<sup>5</sup>. A receita do golpe dado por Getúlio em 1937 era inspiração para Mazzoni e, por isso “o 10 de novembro esportivo deve[ria] ser completo!”<sup>6</sup>. Para ele, o futebol de então funcionava de modo análogo ao sistema político da Primeira República: “que representam os clubes? No nosso esporte cada clube equivale a um partido político”; “e os dirigentes? Sempre têm sido em sua maioria os ‘políticos profissionais’, completamente desvirtuados de sua verdadeira missão”; “que têm representado os ‘Conselhos’, as ‘Comissões’, as ‘Assembleias’ e outros órgãos e conchaves políticos? São sem tirar nem pôr a Câmara dos Deputados, o Senado, onde no antigo regime se discutia fiado, onde se fazia política e nada mais”<sup>7</sup>.

Essa seria “a política dos homens”<sup>8</sup>, que deveria ser extinta “a ferro e fogo”<sup>9</sup>. Nessa visão autoritária, a “política dos homens” era o calvário do progresso histórico e esportivo. Desse modo, o poder do Estado tornaria a política desnecessária, uma vez que ela era a fonte da “cisão, indisciplina e clubismo”<sup>10</sup>. Sendo assim, Mussolini e Vargas apareciam como lideranças capazes de conduzir o processo histórico ao “império da obediência, da disciplina, e de um só comando, de um único objetivo para atingir”, superando as barreiras impostas pela política degenerada em “politicalha”. Para que isso se realizasse, todos deveriam “marchar por

<sup>4</sup> MAZZONI. *O esporte a serviço da pátria*, p. 124-125.

<sup>5</sup> MAZZONI. *Problemas e aspectos do nosso futebol*, p. 18

<sup>6</sup> MAZZONI. *O esporte a serviço da pátria*, p. 20.

<sup>7</sup> MAZZONI. *Problemas e aspectos do nosso futebol*, p. 18.

<sup>8</sup> MAZZONI. *O esporte a serviço da pátria*, p. 21.

<sup>9</sup> MAZZONI. *O esporte a serviço da pátria*, p. 27.

<sup>10</sup> MAZZONI. *O esporte a serviço da pátria*, p. 27.

um único sentido, ouvindo e respeitando a voz do comando”<sup>11</sup> em todas as esferas do mundo social. E caso as coisas fugissem à lógica da ordem e da disciplina, outro “tentáculo estatal” entraria em cena: “a repressão e intimidação pela força policial”, como assinala Plínio Negreiros<sup>12</sup>.

Assim, a crítica aos valores republicanos e liberais, bem como às instituições e ao sistema representativo de governo eram transplantadas para o terreno de organização do futebol. Para Mazzoni, no esporte, assim como na política pré-Vargas, vigia a desordem, as leis eram desrespeitadas e dirigentes “politiqueiros”, como costumava dizer, agiam em interesse próprio. Um “círculo vicioso” em estágio tal de corrupção que seria “o cúmulo da ingenuidade acreditar-se que a regeneração dos nossos costumes esportivos e a organização ideal poderiam surgir um dia através dessas fórmulas até agora usadas”<sup>13</sup>. Não haveria reforma possível para esse sistema cuja “podridão das raízes” inviabilizaria os eventuais frutos.

O esporte precisaria de uma intervenção, “a voz autoritária do comando [...] guiando a mocidade esportiva. E é justamente esse o caminho que o Estado Novo indicará aos dirigentes dos esportes”<sup>14</sup>. Era preciso “exterminar as tais ‘assembleias’, ‘judiciários’, ‘pactos’, ‘inquéritos’, ‘caciquismos’”, em suma, “extinguir a política” para que se alcançasse a “função moderna do esporte”<sup>15</sup>. Nas palavras do historiador Rafael Silva:

[...] a única solução possível para ordenar e disciplinar o campo esportivo brasileiro seria o que nomeou de “oficialização esportiva”, mais exatamente, que todas as entidades desportivas fossem subordinadas hierarquicamente a uma administração estatal<sup>16</sup>.

Bem à moda do pensamento autoritário brasileiro, ressoando, inclusive o pensamento de Oliveira Viana, Mazzoni pensava que apenas um Estado forte seria capaz de solucionar os problemas do país, especificamente os do futebol. Em sua doutrina refletia sobre o lugar do esporte

<sup>11</sup> MAZZONI. *Problemas e aspectos do nosso futebol*, p. 41.

<sup>12</sup> NEGREIROS. Thomaz Mazzoni e A Gazeta: a crônica esportiva nos anos 1930 e 1940 (parte 1), 2020.

<sup>13</sup> MAZZONI. *Problemas e aspectos do nosso futebol*, p. 17.

<sup>14</sup> MAZZONI. *Problemas e aspectos do nosso futebol*, p. 41-42.

<sup>15</sup> MAZZONI. *O esporte a serviço da pátria*, p. 20-21.

<sup>16</sup> SILVA. *Ordem em jogo: jornalismo esportivo, disciplina e nacionalismo na produção de Thomaz Mazzoni (1920-1941)*, p. 109.

na arquitetura do Estado autoritário e como mudanças poderiam ocorrer na organização esportiva a partir da condução desse mesmo Estado. Os clubes, dirigentes, jogadores, torcedores cumpririam os respectivos papéis obedecendo às diretrizes impostas por Vargas e a “modernização autoritária”, tão característica do período, avançaria, também, no universo esportivo.

Infelizmente, ainda há pouco estudo sobre Tomás Mazzoni, por isso é importante tentar transformá-lo em uma figura um pouco mais íntima de pesquisadores e do público em geral. Além disso, conhecer as formas assumidas pelo pensamento autoritário ao longo da história, auxilia a melhor compreendermos suas reverberações nos dias atuais e faz da lembrança uma importante arma na luta democrática. Ao dar rosto ao autoritarismo, ficamos mais conscientes de sua profundidade e permanência no país. O legado de Mazzoni é imenso e não se resume ao que aqui foi exposto, já que foi artífice de grandes avanços no futebol brasileiro. Fizemos uma breve revisão das ideias que guiavam as suas reflexões esportivas. Contudo, como estudar história é mergulhar na complexidade humana, ou na feliz expressão de Evaldo Cabral de Mello, “calçar os sapatos do morto”, não podemos ignorar as linhas ideológicas que organizavam o pensamento de um dos maiores jornalistas esportivos do Brasil.

## Referências

MAZZONI, Tomás. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: [s.n.], 1941.

MAZZONI, Tomás. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo: A Gazeta, 1939.

NEGREIROS, Plínio Labriola. Thomaz Mazzoni e A Gazeta: a crônica esportiva nos anos 1930 e 1940 (parte 1). In: Ludopédio, São Paulo, v. 132, n. 7, 2020.

RIBEIRO, André. Thomaz Mazzoni: o jornalista esportivo. In: Ludopédio, São Paulo, v. 70, n. 3, 2015.

SILVA, Rafael Santos. *Ordem em jogo: jornalismo esportivo, disciplina e nacionalismo na produção de Thomaz Mazzoni (1920-1941)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: [https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1111884\\_2013\\_pretextual.pdf](https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1111884_2013_pretextual.pdf). Acesso em: 22 mar. 2022.





# A busca por um herói e como o jornalismo esportivo cria seus monstros

Wallace Graciano

A cena se passa em 2 de janeiro de 2020. Apesar de a Copa São Paulo bater à porta, um despedaçado Cruzeiro chegar aos 99 anos sem muito o que ser celebrado, e um mercado de transferências brasileiro ao rubro, os dois principais portais de notícia do país viram o principal valor-notícia em um possível retorno de Neymar ao Barcelona, que fora repercutido (mais uma vez...) na capa da revista catalã *Sport* daquele dia. Nada mal, não fosse isso uma tradução de como os meios de comunicação optam por destacar exaustivamente qualquer situação em que ele esteja envolvido, o que trouxe inúmeras críticas à cobertura e ao personagem. Ou seja, mais que um jogador, o craque era um ícone em todos os significados que o termo pode carregar.

E essa construção é contínua. Se pegarmos ao longo de sua trajetória, observamos que, para além de seu talento técnico indiscutível, Neymar é fruto de uma exploração massiva como produto midiático. Por tais características que o faziam destoar dos demais companheiros, foi explorado pelos meios de comunicação de forma exaustiva desde seus primeiros passos com a camisa do Santos, lá em 2009. Conforme ganhou notoriedade, sua presença ficou ainda mais berrante nesses veículos, o que transformava o personagem maior que a obra (ou o clube em que atuava, no caso).

Essa ideia de exploração massiva de um personagem pode ser explicada em teorias conhecidas. Ao analisar o estudo do herói realizado por Joseph Campbell, Lamartine Costa, lá em 2002, dizia que esse tipo de

busca por um personagem icônico se dava, sobretudo, por uma dramatização de como nos relacionamos com o mundo<sup>1</sup>. Ou seja, esses heróis passam a ser peças fundamentais para a compreensão da realidade. A ele é intrínseco a cultura a qual o produziu. Ele é construído, desconstruído, interpretado e fomentado.

Se pensarmos bem, Neymar nasce para o futebol, em 2009, como o expoente de um país que perdeu na técnica sua grande virtude. Vivíamos o primeiro comando de Dunga na seleção brasileira, que durou até meados do ano seguinte. A camisa canarinho, que outrora era objeto de fascínio e exporta ao mundo a ideia da fantasia, agora era encarnada pelo pragmatismo. Não à toa, sua figura surge como antagonista desse modelo e é defendida a ferro e fogo às vésperas da convocação para a Copa do Mundo de 2010, disputada na África do Sul, ainda que ele pouco tenha jogado em alto nível até então, vencendo apenas uma Copa do Brasil em seis meses de titularidade efetiva no Santos, clube que defendia à época.

Isso é perceptível se olharmos a teoria de Katia Rubio, uma das pesquisadoras mais icônicas do meio esportivo, que a essa exploração exaustiva de um personagem "estão associados o sucesso, a fama e uma vida vitoriosa, ou seja, valores cultivados e desejados pela sociedade atual"<sup>2</sup>.

Neymar, no início, era um símbolo que sustentava os sonhos e desejos da humanidade por meio de sua dramatização. O craque carregava, desde cedo, o fardo de ser o principal expoente de um país que perdia a virtude que o destoava no mundo. O futebol sempre foi uma das principais bandeiras diplomáticas que tínhamos ao romper fronteiras. Não à toa, era naquele garoto que era depositada a esperança da recuperação de uma identidade outrora marcante, que já não se fazia presente.

Em "A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo", Santiago Pich sustenta isso ao afirmar que

[...] a figura do herói esportivo, veiculada pelos veículos de mídia e instituída no imaginário social, adquire o status da resposta possível para superar as frustrações do insucesso social e tornar

<sup>1</sup> COSTA; MANGAN. *Sport in Latin American Society: past and present*, 2002.

<sup>2</sup> RUBIO. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo, 2002.

os indivíduos aceitos pela sociedade tanto econômica – captando, assim, os desejos populares de ascensão social<sup>3</sup>.

Não à toa, ganhava mais espaço nos meios de comunicação em relação aos seus demais companheiros, como Paulo Henrique Ganso, de quem também muito se esperava, mas pouco entregou (o que é assunto para outra conversa). Katia Rubio mesmo trata disso ao afirmar que a sociedade valoriza o vencedor através de uma compreensão de que o mais forte e o mais habilidoso é o apreciado em detrimento ao seu semelhante<sup>4</sup>. Aquele que chegar ao topo servirá como exemplo para os demais. E o herói, enquanto figura mítica, possui força, coragem e astúcia, adjetivos valorizados pela sociedade. Com seu talento fora da curva, Neymar era esse “mito” perfeito.

## **Refém do próprio personagem**

Essa busca massiva fez com que Neymar não fosse apenas “vítima” de um processo de exploração. Ele mesmo se apropriou disso, tornando-se um ícone e, conseqüentemente, atraindo marcas que queriam associar a ele sua identidade, o que lhe foi vantajoso financeiramente. O craque, antes mito criado pelas notícias, passava a criá-las por si só.

E aí cabe uma crítica direta ao jornalismo esportivo. Deixando de lado o comportamento do atleta em sua vida social – pois isso, em última instância, a ninguém interessa, de fato –, a exploração massiva do craque como personagem faz da mídia um ator em tudo que envolve a carreira do jogador.

E ao observarmos outra teoria famosa, a da sociedade-espetáculo, de Adorno e Horkheimer, em 1985, vemos que a busca pela audiência pelos meios de comunicação e, conseqüentemente, lucros, faz com que o meio do jornalismo esportivo deturpe e seja deturpado<sup>5</sup>. Afinal, há uma busca cada vez maior por satisfazer as necessidades pré-existentes, direcionando a cultura ao consumo, não o contrário.

Obviamente, é pela popularidade desses astros, da constante entrega de informações e imagens deles, que o jornalismo se torna

<sup>3</sup> PICH. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo, 2003.

<sup>4</sup> RUBIO. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo, 2002.

<sup>5</sup> ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, 1985.

interessante para o público. Porém, o que observamos no caso da carreira do jogador foi uma exploração como ícone único de uma geração. Não houve uma formação de público contínua para outros atletas e assuntos, somente uma resposta pelos anseios da população através de relatórios de audiência e recepção do personagem.

Assim, a exploração massiva de Neymar enquanto personagem (a qual ele mesmo se apropriou, que fique claro, novamente) fez com que houvesse um esvaziamento de valor real. Ou seja, não interessava apenas o que ele representava dentro de campo, mas, também, e talvez principalmente, fora dele. Seu talento passou a ser sobrepujado pelo valor de mercado, que é voltado para o consumo das massas. Nesse contexto, o jornalismo possui papel preponderante, uma vez que é um intermediador entre a produção de conteúdo e a sociedade.

Em “Esporte e Sociedade”, Antônio Franco Estadella criticava esse *modus operandi*. Para ele, o jornalismo esportivo e o esporte perdiam sua essência, tornando-se apenas produtos consumíveis. Diz o autor:

Por um lado, o esporte, continuando assim, corre o risco de se transformar eventualmente em mais um artigo de consumo; por outro, poderá se transformar num simples negócio. A partir do momento em que pode ser uma profissão, o esporte subordina-se à necessidade de dar dinheiro e, na medida em que se subordina a esta possibilidade, orienta-se no sentido do que mais agrada às pessoas, o que nem sempre é o mais esportivo, moral ou limpo<sup>6</sup>.

Como não traduzia perfeitamente esses anseios de um personagem ideal, Neymar passou a ter frequentemente sua vida pessoal confrontando ou anulando a esportiva. A “régua” para medir suas atuações, até então muito destacadas, era ampliada pelas polêmicas além dos gramados nas quais ele se envolvia. A habilidade, a técnica e a astúcia eram virtudes colocadas em xeque por adjetivos que não eram inerentes ao processo. Quando o fracasso – tão comum ao meio esportivo – batia à porta, as críticas eram ainda mais severas, sempre carregadas de opiniões que, no fundo, traziam intrínsecas a decepção pelo arquétipo ideal ao qual ele não encarnou.

<sup>6</sup> ESTADELLA. *Esporte e sociedade*, 1979.

É claro que Neymar chegou a esse patamar por meio de seu talento destoante. Foi sua técnica e habilidade que lhe deram parte de tal *status*. Porém, os meios de comunicação também o levaram a um degrau mais elevado, condicionando o público a tê-lo em prateleiras em que o atleta não é somente uma personalidade pelo que pode oferecer, mas pelo que representa.

Ainda que muitas críticas devam ser feitas ao atleta – e também ao comportamento de seus pares – os meios de comunicação deveriam enxergar seu papel no processo. A cobertura massiva e destacada faz, sim, dele um produto do meio, e o meio não sabe ainda como tratá-lo. Apenas reproduz mais e mais, sem muitos critérios, o que aparece do jogador, como se fosse uma hiena faminta em busca do alimento.

O resultado, como veem, impacta em todas as pontas, trazendo um jogador sobrecarregado midiaticamente e, também, uma mídia faminta em busca de audiência, sem se preocupar com a relevância. E esse fenômeno tende a piorar conforme os fracassos forem surgindo – e virão, como aparecem para todos.

Que haja parcimônia nos meios de comunicação e ao próprio atleta. Pois, como disse René Simões lá em 2010, quando viu o craque do Santos discutir com seu então treinador, Dorival Júnior, “estamos criando um monstro”.

## Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.
- COSTA, Lamartine; MANGAN, J. A. (org.). *Sport in Latin American Society: past and present*. London: Frank Cass, 2002.
- ESTADELLA, Antônio Franco. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.
- PICH, Santiago. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 199-227, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10214/9473>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- RENÉ Simões critica Neymar: 'Estamos criando um monstro'. In: Globo Esporte, [S. l.], 2010. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2010/09/rene-simoes-suplica-que-eduquem-neymar-assim- virara-um-monstro.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona. v. VI, n. 119 (95), 2002. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-95.htm>. Acesso em: 11 ago. 2021.



## Sobre os autores

**Beatriz Kalil Othero Fernandes** é graduanda em Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo. É repórter da Rádio UFMG Educativa e *freelancer* de futebol do Portal BHAZ. É pesquisadora do GEFuT – Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Também é produtora, apresentadora e comentarista do programa “Óbvio Ululante”, uma parceria entre a Rádio UFMG Educativa e o GEFuT. O programa de rádio é um projeto de extensão da UFMG.

**Elcio Loureiro Cornelsen** é Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG (desde 2001). Doutor em Estudos Germanísticos, pela Freie Universität Berlin (1999), na Alemanha, com Pós-Doutorado em Estudos Organizacionais, pela FGV-EAESP (2005), em Teoria e História Literária, pela Unicamp (2010), e em História Comparada, pelo IFCS/UFRJ (2018). Entre outros, é pesquisador bolsista de produtividade do CNPq e coordenador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA) da UFMG (desde 2010). Entre outras publicações, é coeditor da revista FULIA/UFMG e coorganizou as seguintes obras: *Futebol, Linguagem e Artes* (FALE/UFMG, 2014, juntamente com Thiago Carlos Costa), *Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer* (Editora Jaguatirica, 2015, juntamente com Silvio Ricardo da Silva e Günther Augustin), *Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer II* (Editora Jaguatirica, 2017, juntamente com

Silvio Ricardo da Silva e Priscila Campos), e *Futebol – fato social total* (FALE/UFMG, 2020, juntamente com Francisco Ângelo Brinati e Gustavo Cerqueira Guimarães).

**Erika Marina Nascimento Valentim** é graduanda da Licenciatura em Português na Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, e torcedora do Cruzeiro Esporte Clube. Tem interesse nas temáticas relacionadas à Literatura, História, Música Brasileira e Futebol.

**Fernanda Malbar Musiello Barcellos** é graduanda da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem interesse pelo estudo dos temas ligados ao Esporte, especialmente quanto ao vínculo entre a Literatura, a Linguagem e o desenvolvimento histórico do Futebol.

**Francisco Ângelo Brinati** é professor de Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutor (UERJ, 2015) e Mestre (UFJF, 2010) em Comunicação Social, com Pós-Doutorado em Estudos do Lazer (UFMG). É integrante do grupo de pesquisa FULIA, da UFMG. Autor do livro *Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representações da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014* (2016), do livro *A imprensa calça as chuteiras da pátria* (2020), e coorganizador do livro *Futebol – fato social total* (FALE/UFMG, 2020, juntamente com Elcio Loureiro Cornelsen e Gustavo Cerqueira Guimarães).

**Julia Helena Avelino Batista** é graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), desde 2019. Seus interesses são linguística, pragmática e semântica da língua portuguesa.

**Lucas Vinicius de Souza** é Professor do ensino básico na rede estadual de Minas Gerais, é licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Cursa atualmente o curso de Letras, na Faculdade de Letras da UFMG, Bacharelado em Estudos Linguísticos: Linguística do Texto e do Discurso.



**Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa** possui Graduação em Educação Física, pela UFMG (1998). É Mestre (2010) e Doutora (2019) em Estudos do Lazer (UFMG) e especialista em Política para Juventude (Newton Paiva, 2012). Atua na docência do curso de Educação Física da UNIFEMM e na Educação Física/EJA da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. É analista de Políticas Públicas da Secretaria Municipal de Esportes da PBH. Compõe o quadro de formadores do Ministério do Esporte no Programa PELC. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos, Educação e Juventude e Políticas Públicas de Esporte e Lazer, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, políticas públicas, lazer, formação profissional, esporte e espaço urbano.

**Marcus Vinícius Costa Lage** é Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador em Residência Pós-Doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Poslit/UFMG). É membro do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), da UFMG, e do Grupo de Estudos e Pesquisa Memória FC, e colaborador do site esportivo *Ludopédio*.

**Thiago Carlos Costa** é Doutor em Estudos do Lazer (UFMG), Mestre em Estudos Literários (UFMG), Bacharel e Licenciado em História (PUC-Minas). Professor, pesquisador e curador do Museu Brasileiro do Futebol, no Mineirão. Membro pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), da UFMG, e também do GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, e colaborador do site esportivo *Ludopédio*.

**Vinicius Garzon Tonet** é historiador, Mestre e Doutorando em História e Culturas Políticas, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Pesquisa questões raciais e futebol a partir da obra *O negro no futebol brasileiro* (1947), de Mário Filho. Atualmente, é membro do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA) e colaborador do site esportivo *Ludopédio*. Possui, ainda, publicações na área de tradução teatral. Foi membro do Projeto República, no qual atuou em pesquisas

para a Comissão Nacional da Verdade, para a exposição *Cazuza: mostra a sua cara*, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, e para o Memorial da Democracia.

**Wallace Graciano** é Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), pesquisador de futebol e membro do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), e colaborador do site esportivo *Ludopédio*.





## **Publicações Viva Voz**

### **Futebol, Linguagem e Artes**

Elcio Loureiro Cornelsen (org.)

Thiago Carlos Costa (org.)

### **Futebol: Fato social total**

Elcio Loureiro Cornelsen (org.)

Francisco Ângelo Brinati (org.)

Gustavo Cerqueira Guimarães (org.)

### **1939: o ano que não acabou**

Elcio Loureiro Cornelsen (org.)

Elisa Amorim Vieira (org.)

Ivan Rodrigues Martin (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em  
versão eletrônica no *site*: [www.labed-letras-ufmg.com.br](http://www.labed-letras-ufmg.com.br)



F996

Futebol, linguagem e cultura / Organizadores: Elcio Loureiro  
Cornelsen, Marcus Vinicius Costa Lage. – Belo Horizonte :  
Faculdade de Letras da UFMG,  
2022.

120 p. : il., color., p&b. (Viva Voz).

ISBN: 978-65-87237-51-0 (impresso)

ISBN: 978-65-87237-52-7 (digital)

1. Futebol – Estudo e ensino. 2. Futebol – Aspectos sociais. 3.  
Linguagem. 4. Futebol e cultura. I. Cornelsen, Elcio. II. Lage,  
Marcus Vinicius Costa. III. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Letras. IV. Título. V. Série.

CDD : 796.33407



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m<sup>2</sup> (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.